

# ALAVOURA

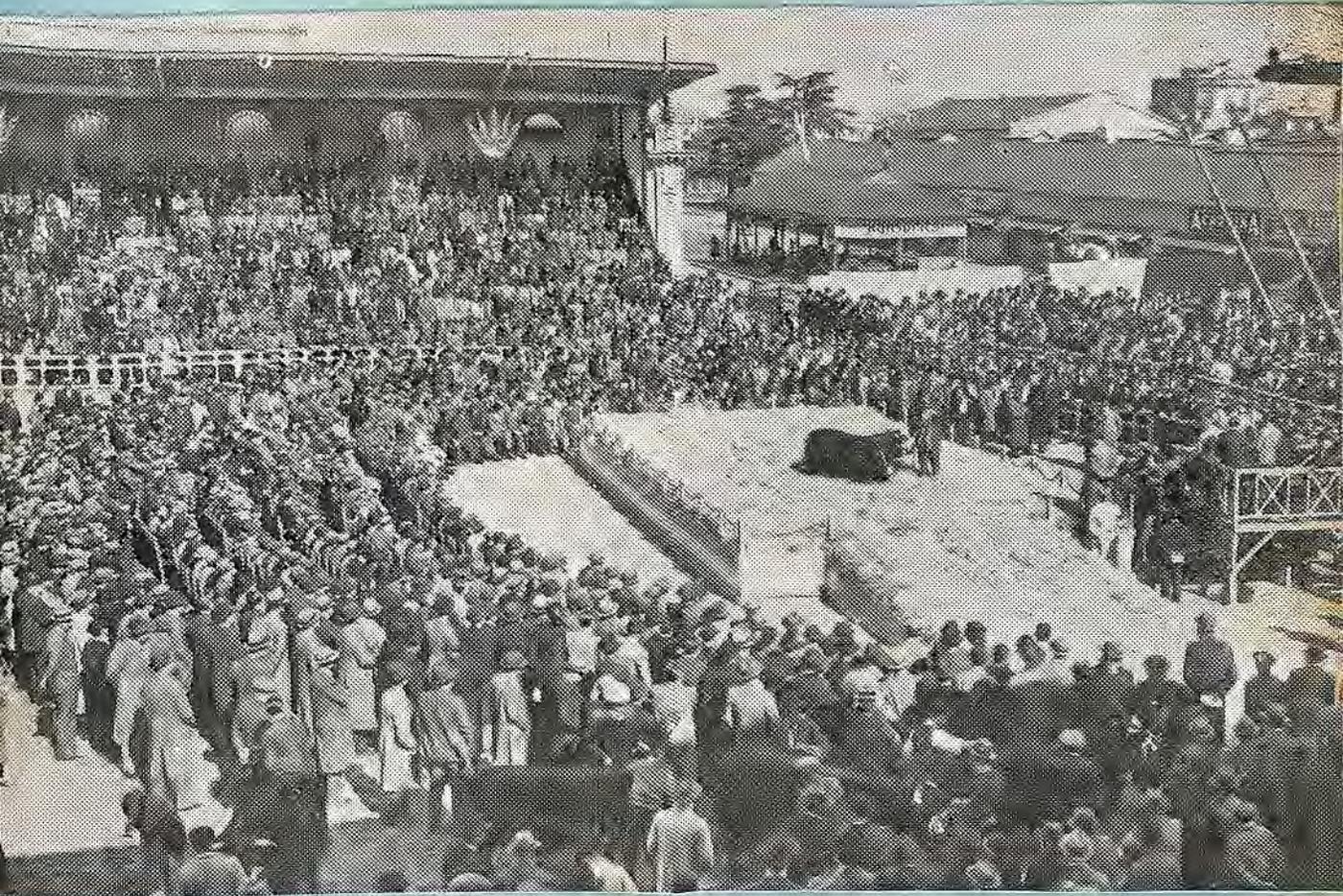
FUNDADA EM 1897

ORGAM OFICIAL DA SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA

A N O L V I

RIO DE JANEIRO — BRASIL

MAIO - JUNHO 1952



Leilão do Grande Campeão  
da raça Shorthorn em uma  
das últimas exposições de  
pecuária em Palermo



# CARRÊTA DEARBORN

— rapidez e facilidade de transportes na fazenda



Acoplada ao Trator Ford, a Carrêta Dearborn, equipada com plataforma, é ideal para o transporte de fardos, calções etc.



tôda de ferro e aço — distância entre eixos ajustável!



Carrêta Dearborn equipada com carroceria. Presta-se a uma grande variedade de transportes na fazenda.

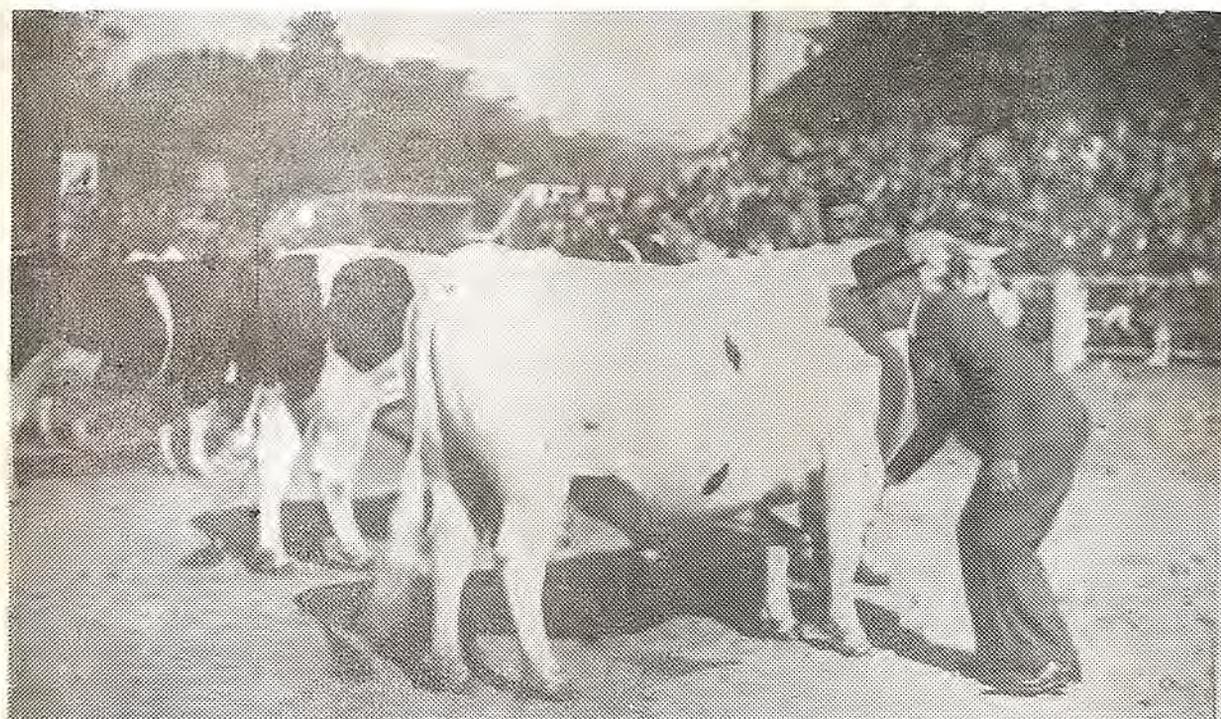


Uma boa carrêta é indispensável para aproveitar, nos transportes da fazenda, tôda a potência e rapidez dos tratores Ford. A Carrêta Dearborn, tôda de ferro e aço, é construída para resistir a anos e anos do trabalho mais árduo. Tem "chassis flexível" para amortecer solavancos e choques. Outra vantagem importante: sua distância entre eixos é telescópica, podendo ser ajustada de 2,10 a 3,15 metros, de 6 em 6 polegadas! Adaptável para uso com carroceria, plataforma ou fueiros.

Peça mais informações ao Revendedor Ford.



**FORD MOTOR COMPANY, EXPORTS, INC.**



Classificação de bovinos da raça Holando-Argentino

## S U M Á R I O

|   |    |
|---|----|
| Intercâmbio Brasil-Argentina — <b>Prof. Arthur Torres Filho</b> .....   | 3  |
| Fundação da Sociedade Rural Argentina .....   | 6  |
| As cooperativas escolares e o seu valor educativo — <b>Fábio Luz Filho</b> .....  | 9  |
| A Exposição de Palermo e a criação de "Hereford" como meio de aproximação econômica Argentino-Brasileira .....                              | 12 |
| Falando de Karakul — <b>Macedo Basto</b> .....  | 14 |
| Sociedade Científica Argentina .....  | 16 |
| O melhoramento do algodoeiro no nordeste — <b>Oswaldo Bastos de Menezes</b> .....   | 19 |
| A raça de gado Holando-Argentino .....  | 21 |
| Seguros agrícolas e pecuários — <b>Romolo Covina</b> .....  | 22 |
| Associação Argentina Criadores de Shorthorn .....   | 25 |
| A cultura do trigo em Minas Gerais — <b>Honorato de Freitas</b> .....   | 26 |
| Aspectos das Exposições Pecuárias celebradas pela Sociedade Rural Argentina .....   | 27 |
| O coqueiro .....  | 32 |
| Cooperação do exército argentino nos trabalhos agrícolas .....  | 34 |
| Fórmula de Produção Equina de Sela, que serve de base aos registros seletivos de mestiçagem da Associação Argentina de Fomento Equino ..... | 36 |
| Tipo de vegetação para poteiros — <b>Armando Chieffi</b> .....  | 39 |
| Relação das Associações registradas e reconhecidas pelo Ministério da Agricultura até 15 de Abril de 1952 .....                             | 41 |
| O Corriedale — <b>G. A. Pueyrredon</b> .....  | 47 |
| Encaminhamento de vocações para a agricultura — <b>Geraldo Goular da Silveira</b> ...   | 49 |
| Considerações em torno do projeto de lei n.º 1.572 — <b>Otto Frensel</b> .....  | 54 |
| Banco do Brasil — Assembléia Geral Ordinária .....  | 55 |
| Ministério de Assuntos Agrários da Província de Buenos Aires .....  | 57 |
| A raça Aberdeen Angus na República Argentina — <b>Rodolfo I. Zuberbüler</b> .....   | 59 |
| Confederação Rural Brasileira .....   | 61 |
| Consultas .....   | 63 |

# SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA

FUNDADA EM 16 DE JANEIRO DE 1897

RECONHECIDA DE UTILIDADE PÚBLICA  
PELA LEI N.º 3.549, DE 18 DE OUTUBRO DE 1918

**Presidente Perpétuo** — DR. MIGUEL CALMON DU PIN e ALMEIDA  
**Presidente Benemérito** — DR. WENCESLAU BRAZ PEREIRA GOMES  
**Presidente de Honra** — DR. GETÚLIO DORNELLES VARGAS

## DIRETORIA GERAL

**Presidente** — ARTHUR TORRES FILHO  
**1.º Vice-Presidente** — LUIZ SIMÕES LOPES  
**2.º Vice-Presidente** — EDGAR TEIXEIRA LEITE  
**3.º Vice-Presidente** — ANTONIO DE ARRUDA CAMARA  
**1.º Secretário** — FREDERICO MURTINHO BRAGA  
**2.º Secretário** — ADAMASTOR LIMA  
**3.º Secretário** — EURICO SANTOS  
**4.º Secretário** — CINÉAS DE LIMA GUIMARÃES  
**1.º Secretário** — KURT REPSOLD  
**2.º Secretário** — OTTO FRENSEL  
**Secretário-Geral** LUIZ MARQUES POLIANO

## DIRETORIA TÉCNICA

ALBERTO RAVACHE  
ALTINO DE AZEVEDO SODRÉ  
ANTONIO FRANCISCO MAGARINOS TORRES  
ENIO LUIZ LEITÃO  
FRANKLIN DE ALMEIDA  
HONÓRIO DA COSTA MONTEIRO FILHO  
JOÃO MAURICIO DE MEDEIROS  
JOAQUIM BERTINO DE MORAES CARVALHO  
MÁRIO DE OLIVEIRA  
GERALDO GOULART DA SILVEIRA

## CONSELHO SUPERIOR

ALFEU DOMINGUES  
ALVARO SIMÕES LOPES  
ANAPIO GOMES  
ANTONIO JOSÉ ALVES DE SOUZA  
APOLONIO SALLES  
ARMENIO DA ROCHA MIRANDA  
ARTHUR OBERLAENDER TIBAU  
BEN-HUR FERREIRA RAPOSO  
CARLOS DE SOUZA DUARTE  
DIOGENES CALDAS  
EDUARDO DUVIVIER  
EUVALDO LODI  
FABIO FURTADO LUZ  
GUILHERME EGBERT HERMSDORFF  
HUMBERTO BRUNO  
IRIS MEINBERG  
ISRAEL PINHEIRO DA SILVA  
ITAGYBA BARÇANTE  
IVO LEÃO  
JERONIMO ANTONIO COIMBRA  
JOAQUIM CAMARA FILHO  
JOSAFÁ MACEDO  
JOSÉ SAMPAIO FERNANDES  
JOSÉ SOLANO CARNEIRO DA CUNHA  
JULIO CESAR COVELO  
JUVENAL LAMARTINE  
LANDULPHO ALVES DE ALMEIDA  
LAURO PIRES XAVIER  
LAURO FORTES BUSTAMANTE  
MANOEL CARLOS FERRAZ DE ALMEIDA  
MANOEL NETO CAMPELO JUNIOR  
MARCIAL G. TERRA  
MÁRIO VILHENA  
ORMEU JUNQUEIRA BOTELHO  
PAULO PARREIRAS HORTA  
PEDRO FONTES  
ROBERTO DE ARAUJO CARNEIRO CAMPELO  
RUI CARNEIRO  
SEBASTÃO SANT'ANA e SILVA  
WALDICK MOURA

## A SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA PARTICIPA EM CARÁTER PERMANENTE DOS SEGUINTEs ÓRGÃOS:

**Comissão Permanente de Exposições e Feiras** (Ministério do Trabalho) — Dr. Alberto Ravache; **Comissão Revisora de Tarifas** (Ministério da Fazenda) — Dr. Oswaldo Miguel Frederico Ballarin; **Conselho Consultivo da E. F. Central do Brasil** — Dr. Altino de Azevedo Sodré; **Comissão Permanente de Estradas de Rodagem** (Ministério da Viação) — Dr. Raul David de Sanson; **Instituto Brasileiro de Educação e Cultura** (Ministério das Relações Exteriores) — Dr.

Luiz Simões Lopes; **Comissão de Intercâmbio Comercial com o Exterior** (Ministério da Fazenda) — Dr. Kurt Repsold; **Conselho Permanente de Associações Americanas de Comércio e Produção** — Dr. Edgar Teixeira Leite; **Comissão Consultiva de Acordos Comerciais** (Ministério das Relações Exteriores) — Dr. Diogenes Caldas; **Comissão de Política Agrária** (Ministério da Agricultura) — Dr. Luiz Simões Lopes. Suplente: Dr. Newton Beleza.

# A LAVOURA

FUNDADA EM 1897  
ÓRGÃO OFICIAL DA SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA

ANO LVI

MAIO-JUNHO — 1952

## Intercâmbio Brasil - Argentina

PROF. ARTHUR TORRES FILHO  
(Presidente da Sociedade Nacional de Agricultura)

A crise mundial, tanto financeira como comercial, tende a se agravar tanto mais que forças novas começam a abalar o edifício social e econômico do mundo, tornando, por isso mesmo, indispensáveis os entendimentos econômicos entre as nações.

A mentalidade que está prevalecendo, dada a situação monetária mundial, é a de cada nação bastar-se a si mesma, adotando a política autárquica, que levará os povos ao isolamento, quando devera prevalecer a cordialidade e o bom entendimento para segurança da paz social. Sabemos por experiência própria, serem difficilimas as questões de intercâmbio por têmos sido um dos delegados do Brasil à Conferência Econômica de Montevidéu, em 1931, de que resultou o tratado comercial com o Uruguai, que ainda hoje prevalece, em suas linhas mestras, baseado no espirito de franca reciprocidade. Mais tarde fizemos, em 1934, parte de uma conferência tripartida (Brasil, Argentina e Uruguai), realizada em Montevidéu, para o estudo de um plano de conjunto, em defesa dos mercados de carnes. Tanto em um como em outro, ficamos plenamente satisfeitos com o espirito de cordialidade reinante e pelos resultados alcançados. Desde então, firmou-se no nosso espirito a convicção que os países da America do Sul, dentro de suas características próprias, não são infensos à colaboração na defesa de interesses econômicos comuns.

Temos defendido a necessidade da criação de um Comité Econômico Sul Americano, cujos estudos viriam facilitar às nações da America do Sul seguro entendimento mútuo fazendo desaparecer supostos antagonismos econômicos. Devemos ter a convicção de que a America do Sul tem um papel de grande relevância a desempenhar na economia mundial e carece, por isso mesmo, estar cada vez mais solidária no domínio econômico. Esse resultado para ser alcançado será preciso harmonisar interesses e chegar-se a uma forte concórdia continental.

A America do Sul carece, em face do comércio mundial, de forte coesão dos seus interesses. Esse resultado poderá ser atingido com o estudo atento do dinamismo econômico dos países sul-americanos. A política financeira e econômica de cada nação, com o exame atento dos favores aduaneiros, representam obstáculos a remover. Os países sul-americanos preocupados com suas relações com a Europa, ficam esquecidos de estreitar os vínculos econômicos que os ligam aos países do Continente. O Brasil e a Argentina muito teriam a lucrar com relações mais estreitas no in-

intercâmbio econômico, dada a natureza de suas produções e de suas tradições de amizade.

Como membro que fomos da comitiva presidencial do Presidente Vargas quando, em 1935, visitou a Argentina, em retribuição à inesquecível visita do Presidente Justo, participamos da Delegação Brasileira à Conferência Comercial Pan-americana de Buenos Aires. Pelos contatos com as autoridades oficiais do Ministério da Agricultura, da Argentina, por outras visitas feitas à República Argentina, sempre com a atenção voltada para os assuntos profissionais e para os de economia agrícola; pelo acolhimento hospitaleiro que recebemos na Sociedade Rural; e visitas realizadas a uma das notáveis mostras da sua progressista pecuária, que são as Exposições de animais de Palermo, de repercussão mundial registamos como acontecimento sumamente grato, abrir as colunas da nossa tradicional revista ao noticiário da próxima exposição de Palermo, onde os pecuaristas do Brasil poderão colher altos ensinamentos e adquirir, como já vai acontecendo, exemplares de animais de alta linhagem para a melhoria dos seus planteis.

Tanto no intercâmbio técnico-científico como no econômico nas relações entre o Brasil e a Argentina, somos adeptos da fórmula feliz do inesquecível Presidente Saenz Pena: "Tudo nos une, nada nos separa". Sua aplicação só poderá trazer a felicidade e o bem estar dos dois povos.

## A Exposição de Palermo

O tradicional certame pecuário da República Argentina conhecido continentalmente pelo título de EXPOSIÇÃO PECUÁRIA DE PALERMO, promovido e realizado com louvável e pertinaz regularidade pela veterana "Sociedade Rural Argentina", constitui quase que o principal motivo deste número de nossa Revista.

A sugestão nos chegou e logo a acolhemos, certos de que uma divulgação mais ampla das coisas rurais da Argentina entre nós — e aí avultam as que se ligam à pecuária — seria de mútuo interesse para os criadores de ambos os países, dispendo de um largo campo para um maior e mais proveitoso intercâmbio.

A dificuldade de tempo, infelizmente, não nos possibilitou melhor trabalho. Contudo, esperamos que a boa vontade, assim demonstrada do lado de cá, e a compreensão dos de lá, completem uma obra que tudo aconselha — assim pensamos — deva prosseguir em ritmo crescente, com benefícios à pecuária dos dois países irmãos e vizinhos.

Daqui, formulamos os melhores votos pelo sucesso da Exposição, a inaugurar-se a 28 de junho deste ano.

## A NOVA SEDE DA SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA



A construção está em fase de acabamento. O revestimento externo, já contratado, deverá estar sendo atacado, quando este número circular. Outras tarefas parciais, como pisos, aparelhos sanitários, etc., estão em andamento, e a comissão de obras espera poder dar ao homem rural do Brasil a sua "Casa da Agricultura", ainda este ano.

AVENIDA GENERAL JUSTO, 171 - 171 A  
Projeto e Fiscalização do Eng.º Ary F. Azambuja  
RUA DEBRET, 23, SALAS 816 - 817  
RIO DE JANEIRO

# Fundação da Sociedade Rural Argentina

1 0 D E J U L H O D E 1 8 6 6

*Da "Resenha Histórica" escrita ao completar-se o cinquentenário da Sociedade Rural Argentina, pelo Dr. Emilio Frers, ex-Presidente da entidade e ex-ministro de Agricultura da Nação.*



Doutor Enrique G. Frers, Presidente da Sociedade Rural Argentina

O regime colonial havia deixado nas Províncias do Rio da Prata um sedimento que não havia de desaparecer senão muito paulatinamente e cuja ação se manifestava tanto no comércio como nas indústrias rurais do país, as únicas que haviam alcançado certo grau de desenvolvimento antes da emancipação. O monopólio e os privilégios que caracterizavam aquele regime exerciam sobre ambas orientações do trabalho nacional seu inevitável efeito deprimente e contrariavam sua expansão e progresso, não obstante os benefícios do

clima temperado e a feracidade extraordinária do solo.

De pouco valera que nos fins do século XVIII o vice-rei Arredondo criara o *consulado* em Buenos Aires que havia se dedicado com muito louvável inspiração a promover o progresso da pecuária, do comércio e da instrução pública, ao mesmo tempo que Azara propunha a transferência da fronteira de Buenos Aires ao sul de Salado, e que Souilá, Spinosa e Bauzalac realizavam seus estudos geográficos no Pampa e na Cordilheira dos Andes, sobre o caminho do Chile, estudos que o governo do vice-reinado perfilhara com o fito indiscutível de estender os domínios do pastoreio colonial, de assegurá-lo contra depreciações dos índios bravios e de melhorar as comunicações com o Pacífico. As indústrias rurais se mantinham em seu atraso primitivo; a maior parte dos produtos com que estes países mantinham o comércio de exportação provinham da caça dos animais selvagens e do gado inculto, nos imensos campos abertos, sem uma cêrca, sem uma vala, sem uma só árvore.

A revolução modifica um tanto esta situação. A abolição dos privilégios, a incipiente liberdade comercial, o entusiasmo próprio dos nativos e o esforço de alguns dos estadistas ilustrados provocam uma mudança visível na fisionomia da estância primitiva; as convulsões políticas, se bem que retardam o programa rural, não impedem que logre marcar seus primeiros traços na vasta campina argentina; os campos se povoam de gado relativamente manso;

a ovelha começa a ocupar tal qual outro sítio ao lado das grandes manadas de vacas e éguas e ela obriga o proprietário a constituir o posto, primeiro habitáculo onde o camponês nômade se converte em pastor sedentário.

Porém sobrevém o lutuoso período da tirania e da guerra civil. De 1829 a 1852 se observa um grande retrocesso; a população rural vive em contínua inquietação; a propriedade desaparece; o gado se dispersa e de novo se tornam selvagens; as vacas e as éguas nessas condições ocupam o lugar dos animais domesticados.

Durante os dez anos que se seguem à queda de Rozas o país não é mais que um imenso deserto, ora assolado pela sêca, as queimadas ou as tormentas de pó, ora devastado pelos índios ou pelos grupos de foragidos que a guerra civil havia armado.

Com a paz relativa e os governos ordenados que vêm depois, o restabelecimento social e econômico opera-se com dificuldade e lentidão, porém com passo seguro, apesar dos frequentes transtornos políticos.

Nas províncias de irrigação se estabelecem pouco a pouco os canais e os escasos cultivos voltam a dar pão e trabalho a seus moradores.

Nos campos se amansam de novo as vacas, e as ovelhas voltam a alegrar os campos e a ocupar o curral no posto decaído. Ambas as espécies começam a constituir a base mais segura da riqueza nacional; porém a segunda prospera de uma maneira sumamente notável. Antes de 1852 os despojos da vaca davam quase todos os valores para nossos intercâmbios com o estrangeiro; em 1853 a ovelha nos dava já a quarta parte desses valores e em 1863 alcançava a metade.

Tudo animava aos trabalhadores do campo e os induzia a inverter vultosos capitais em melhorias.

Desgraçadamente, a guerra com o ditador López, do Paraguai, vem juntar-se às convulsões internas e a fazer cair por terra, novamente, tôdas as esperanças de progresso rápido e de prosperidade agrícola. A desconfiança medra outra vez; as iniciativas paralizam e os fazendeiros se retraem numa falta de ação enervante.

Naquela situação volta a surgir a idéia de se constituir uma associação destinada à defesa dos interesses agrícolas do país e a congregar os esforços de todos os que lhes dedicam seus afazeres, com a con-

vicção de que o melhor modo de servir ao país no momento da guerra era agrupar todos os interesses da produção para criar novas riquezas que viriam substituir as que se destruíam. Mas a idéia tinha antecedentes mais meritórios que é indispensável rememorar ainda que brevemente.

D. Felix de Azara, que foi chamado com razão o mais sábio e desinteressado dos espanhóis que vieram às colônias da América escrevera, em 1801, na sua "Memória Rural do Rio da Prata", o seguinte: "Seria um meio de fomentar a pecuária estabelecer uma Junta ou Sociedade que a vigiasse e que se dedicasse logo a publicar uma memória instruindo a essa gente de que a pecuária é o único tesouro e de que desaparecendo-a, seu país seria o mais infeliz do globo. Proclamada já a Independência, o Diretor Posadas, instigado pelo cura da Capela de Rosario, Dom Tomás Javier de Gomensoro, havia baixado o decreto de 5 de maio de 1814 dispondo sobre a fundação de uma Sociedade ou Junta de Amigos do País, que devia dedicar-se a tratar de matérias de agricultura, criação de gado e tudo o que com elas tenha relação." Foi uma coincidência notável o fato de seis anos depois da queda de Rozas coubesse ao filho do Diretor Posadas, ou seja, Dom Gervásio A. de Posadas, o não escasso mérito de haver organizado a primeira exposição agrícola, que se celebrou em 1858, na antiga moradia de Rozas, em Palermo, como para significar que uma nova era de civilização ia irradiar suas luzes desde aquele recinto outrora sombrio e funesto.

Porém a glória da iniciativa recaiu em um homem jovem, cujo nome jamais poderá ser esquecido nos anais da agricultura argentina.

Foi Eduardo Olivera, que algum tempo depois foi o iniciador e verdadeiro fundador da Sociedade Rural Argentina.

Com efeito: Olivera havia escrito uma carta a seu pai, na qual, ao falar de uma exposição agrícola celebrada em Birmingham, sugeria a idéia de se fundar entre nós associações que se ocupassem de exposições análogas. Esta carta foi comentada por Sarmiento em "El Nacional" de Buenos Aires; apoiava decisivamente a idéia e indicava meios para realizá-la. Ao regressar Olivera a Buenos Aires de volta de uma grande viagem pela Europa, encontrou-se com seu amigo Posadas que já estava preparando uma Exposição Agríco-

la em Palermo, como se acabou de dizer. Alguns meses depois celebraram-se várias reuniões de fazendeiros nas quais atuaram Posadas como presidente e Sarmiento e Oliveira como secretários. Nomeou-se uma comissão encarregada da redação das bases e regulamentos da Sociedade. Porém esta comissão não pôde reunir-se nem uma vez; sobrevieram os distúrbios e a guerra civil que terminaram nos campos de Cepe-

da e Pavón. Olivera, desiludido, retira-se para a chácara paterna de "Los Remedios" e volta depois à Europa. Ao seu regresso, Dom José Martínez de Hoz o induz a reunir-se com êle e outros amigos para levar a efeito a fundação de uma Sociedade de Fazendeiros, cujas bases foi encarregado de redigir. Daí veio a surgir, por fim, a Sociedade Rural Argentina.



*Campeã da raça com*  
**GADOVITA!**



TARQUINO

RAÇÕES PRENSADAS

**GADOVITA**

MOINHO FLUMINENSE S. A.  
R. URUGUAIANA, 118 - RIO

SECÇÃO RAÇÕES BALANCEADAS

# As cooperativas escolares e seu valor educativo

por **Fábio Luz Filho**  
PRESIDENTE DO C. N. E. C.

Os primeiros estatutos sôbre cooperativas escolares foram lançados oficialmente em 1931, por mim elaborados, e o primeiro departamento estadual do Brasil surgiu em julho ou agosto de 1933, o de S. Paulo. Aquêles estatutos já davam às cooperativas escolares todo o seu inconfundível valor pedagógico, e não o de meros armazens de compra e venda de material didático, o que tem servido de pretêxto, em S. Paulo, para a dissolução de cooperativas escolares.

Alegam que os alunos são pobres, como se não existissem meios de o aluno produzir uma das marcantes características do cooperativismo escolar, notadamente o francês, de índole mais alcandorada, e o único, aliás, em tôda a Europa em plena floração. E como se a assistência não coubesse no âmbito do cooperativismo escolar, sem aviltações ou humilhações, retribuindo o aluno com pequenos serviços ou produtos de seu esforço pessoal. Prevendo isto, os estatutos oficiais que elaborei permitem o pagamento das quotas-partes em **serviços**.

E, além do mais, deve sempre ser considerado o aspecto de entidade **periescolar** que possui, fundamentalmente, a cooperativa, com seu sentido puramente educativo, na própria definição legal.

E da letra e do espírito da lei brasileira que não seja "a finalidade econômica a exclusiva e predominante para dar valor à escola".

"Lo esencial es que actividad del niño lleve a un resultado efectivo y útil, para su propia formación y para la colectividad de que forma parte".

E **Colombain**, de quem mereci a honra de uma referência a "Cooperativas escolares" em seu "**La valeur éducative des coopératives scolaires**", disse com justeza:

"**La coopération scolaire, c'est l'école nouvelle des pauvres: plus précisément, elle apporte l'école nouvelle aux pauvres, c'est-à-dire aux classes pauvres, aux pays qui ne sont pas encore riches** (no caso o Brasil), **à ceux qui ne le sont plus**", no ponto de vista de **Victor Vogel**: "... la réalisation populaire des écoles nouvelles...".

Na coexistência da mutualidade e da cooperativa escolar, que aquela fique com o seu estático mealheiro, e esta com o so-

côrro aos necessitados como um de seus serviços. Nos estatutos que elaborei estão em perfeita e discreta interpenetração e equilíbrio as virtudes de ambas.

Já se disse que o agrupar as escolas em comunidade é **fazer da classe uma sociedade em miniatura e da escola uma federação de pequenas repúblicas mais ou menos autônomas**, segundo a idade dos alunos e o grau de responsabilidade que se lhes confiar.

O primeiro livro surgido em lingua portuguesa foi o meu, "**Cooperativas escolares**" (cuja 1.ª edição foi lançada em janeiro de 1933, quando, ainda não existia um só departamento estadual de cooperativismo no Brasil), filho que sou de médico, escritor e pedagogo. Tais questões me são, pois, familiares desde a infância, tendo sido meu saudoso pai o introdutor (1895) das caixas escolares no Distrito Federal, além de precursor do romance social no Brasil e da escola ativa, (**slodj**, escolar, isto é, trabalhos manuais, excursões, cinema educativo, método montessoriano, festa da primavera, etc., etc.), e escritor com livros que durante longos anos foram adotados pelas escolas primárias do Distrito Federal e de diversos Estados do Brasil. A Prefeitura do Distrito Federal, ainda vivo meu pai, deu o nome dêle a uma de suas ruas.

A primeira cooperativa escolar fundada no Brasil, já dentro da orientação geral traçada nos estatutos oficiais de 1931, embora modificados, foi a de Cruzeiro, em São Paulo, em julho de 1933, através da propaganda que no Norte do Estado fiz desde 1931, quando em viagens de propaganda da cooperativas de laticínios, tendo realizado, a pedido do inspetor **Eboli**, várias palestras a professoras, no 1.º Grupo Escolar de Cruzeiro, em Itagaçaba e na Escola Normal de Guaratinguetá, conforme ligeiro histórico que faço na 3.ª edição de "**Cooperativas escolares**". A Cooperativa de Laticínios de Cruzeiro, fundada ao influxo dessa minha propaganda em 1931 (quando ainda nem se pensava em departamento estaduais), foi o centro irradiador do cooperativismo escolar aí e em Itagaçaba e do movimento de laticínios do Norte do Estado.

Quase tôdas as cooperativas escolares do

Brasil seguem a orientação contida no folheto oficial "Cooperativismo escolar", agora em 2.<sup>a</sup> edição no meu livro, sobretudo Pernambuco. Nêste folheto, dentro dos princípios pedagógicos da escola vital, ou do método biótico, o professor tem a sua ação imprescindível e fecunda de assessor e orientador nato. Desde 1931 que consignam o setor do ensino e o da prática agrícola. Dei neles, ao diretor da escola, a representação ativa e passiva, de vez que têm elos que se amoldar à lei no que lhes fôr aplicável e imprescindível. Influí para a inclusão das cooperativas na lei 22.239 (1932), e fiz com que, na lei 581, se retificasse o lapso da 22.239, que dava personalidade jurídica às cooperativas escolares nos moldes das dos adultos, num absurdo.

Não é a cooperativa escolar uma **pseudo cooperativa**, como pensa muita gente. **Pseudo** significa **falso**, e as cooperativas escolares (refiro-me mesmo às de crianças), não são falsas cooperativas, e, sim, verdadeiras cooperativas em miniatura, viva expressão da "**firme vontade de viver solidariamente**", que é a essência do fenômeno cooperativo em todo mundo. O próprio **Profit**, em visível contradição com o cunho que deu ao cooperativismo escolar francês, definiu-as, inicialmente, como cooperativas econômicas, visando à minoração de preços, na estrutura das de adultos, falseamente que êle próprio não cometeu na prática do cooperativismo escolar francês, visceralmente educativo.

Nas cooperativas escolares são observadas (não teriam função educativa se não o fizessem...) tôdas as normas doutrinárias que caracterizam as cooperativas comuns, sobretudo a finalidade coletiva das sobras anuais, num escopo de aperfeiçoamento material da escola, e moral, espiritual e social do aluno.

E a consubstanciação da pestalozziana pedagogia realista, que **Claperède** assinalou como próprio de uma didática que deve transformar os fins futuros a que aspiram os programas escolares em interesses presentes para o educando. Educação para a comunidade, no postulado de **Fichte**. A criança tem na cooperativa escolar o meio capaz de capacitá-la para preencher as tarefas de sua vida no sentido do dever do futuro "homem social", a que se refere **Rousseau**, um ser atuante e pensante, amante e emotivo. A livre expansão da personalidade da criança como fim.

Foi a França o berço das cooperativas

escolares. Possuía ela, em 1948, nada menos de 13.000 cooperativas escolares em 7.500 escolas, com um total de 400.000 alunos-cooperadores. Em alguns Departamentos, agrupa o cooperativismo francês escolar a 95% da população escolar.

O **Congresso Nacional do Departamento Central de Educação** realizado em Tours em 1948, visando ao valor social da criança, e da mulher educadora e mãe, dá a seguinte definição do cooperativismo escolar:

"No ensino público, as **Cooperativas escolares são sociedades de alunos, dirigidas por êstes com o concurso dos professôres, tendo em vista atividades comuns**. Inspirada por um ideal de progresso humano, tem por objetivo a educação moral, cívica e intelectual dos cooperadores, com a gestão da sociedade e o trabalho de seus associados. Os frutos comuns do trabalho são destinados ao equipamento da escola e ao melhoramento das condições de trabalho, à organização da cultura artística ao divertimento dos seus associados, ao desenvolvimento das obras escolares e pésscolares de ajuda-mútua e de solidariedade".

Está aí bem frisado o cunho **educativo** do cooperativismo escolar.

É o **trabalho** coletivo como base da educação, através da aquisição de livros, cinemas educativos, discotecas, excursões, proteção aos pássaros, trabalhos hortícolas, combate a insetos daninhos, festas, teatrinhos, bibliotecas, fabricação e venda de objetos artísticos; feitura e aquisição de material de ensino; compra e distribuição de livros e instrumentos para trabalhos manuais; decoração e embelezamento da escola; colheita e venda de plantas medicinais; pequenas farmácias; pelotões de saúde; jogos esportivos; cultivo de jardins, de viveiros, hortas e pomares; organização de pequenos jornais escolares; criação de coelhos, bichos de sêda, animais de laboratórios; tómbolas; correspondência intercooperativa, etc.

Desde 1931 foi esta a orientação que imprimi à propaganda, consubstanciada em folhetos, livros, comunicados e nos estatutos já referidos.

**Profit** considera o professor como representante, de fato e de direito, da cooperativa, "**porquanto esta não é mais do que sua escola, na qual é êle, a um tempo, delegado do Estado e mandatário dos país**"

**M. Colombain** acha que, sendo a cooperativa, **pedagógicamente, "centro de inte-**

rêsses", pode haver, para certas deliberações, até o veto do professor quando estas não se ajustarem a determinadas exigências da lei, da disciplina escolar, do interêsse escolar ou da própria cooperativa (o que me parece excessivo). Nisto está com **Santiago Hernández, Hedler e Dewey** (a escola com ampliação da família).

A lei brasileira caracteriza a cooperativa escolar no seu artigo 34, frisando que deverão organizar-se "entre os respectivos alunos, por si ou com o concurso de seus professores, etc. orientação que temos seguido no Brasil. O mesmo não acontece no México e Argentina, naquêlê contra a lei, aliás. Suas cooperativas tinham e têm participação dos professores, que podem integrar os órgãos de administração e fiscalização, possibilitando, assim, a formação de federações, órgãos de segundo grau de grande amplitude econômica, os quais não podem ser dirigidos por alunos sem capacidade civil.

A participação dos professores deve ser discreta, ação de verdadeiros custódios, como já disse.

O Conselho de Assessôres nas coopera-

tivas escolares está perfeitamente dentro do espírito da escola renovada, que é uma **comunidade** composta de alunos, professores e pais, três elementos que "devem estar em relação espiritual tão íntima quanto possível". **Lazuriago** compendiou as virtudes da escola renovada, tôdas perfeitamente enquadráveis na moldura das cooperativas escolares: reunião em grupos, a coeducação dos sexos; trabalhos manuais e trabalhos de oficina e campo; o trabalho livre executado por grupos; excursões; acampamentos e colônias escolares; cultura geral dos alunos; observação e experimentação; trabalho pessoal como complemento do trabalho coletivo; os interêsses espontâneos; trabalho coletivo e educação social pelo espírito de comunidade desenvolvido; fortalecimento da solidariedade e emulação; meio de beleza e desenvolvimento da consciência moral; abolição da "pedagogia de classes" e conseqüente integração no sentimento cívico e no senso da humanidade.

Eis a cooperativa escolar em harmoniosa síntese.

## Exposição de Palermo

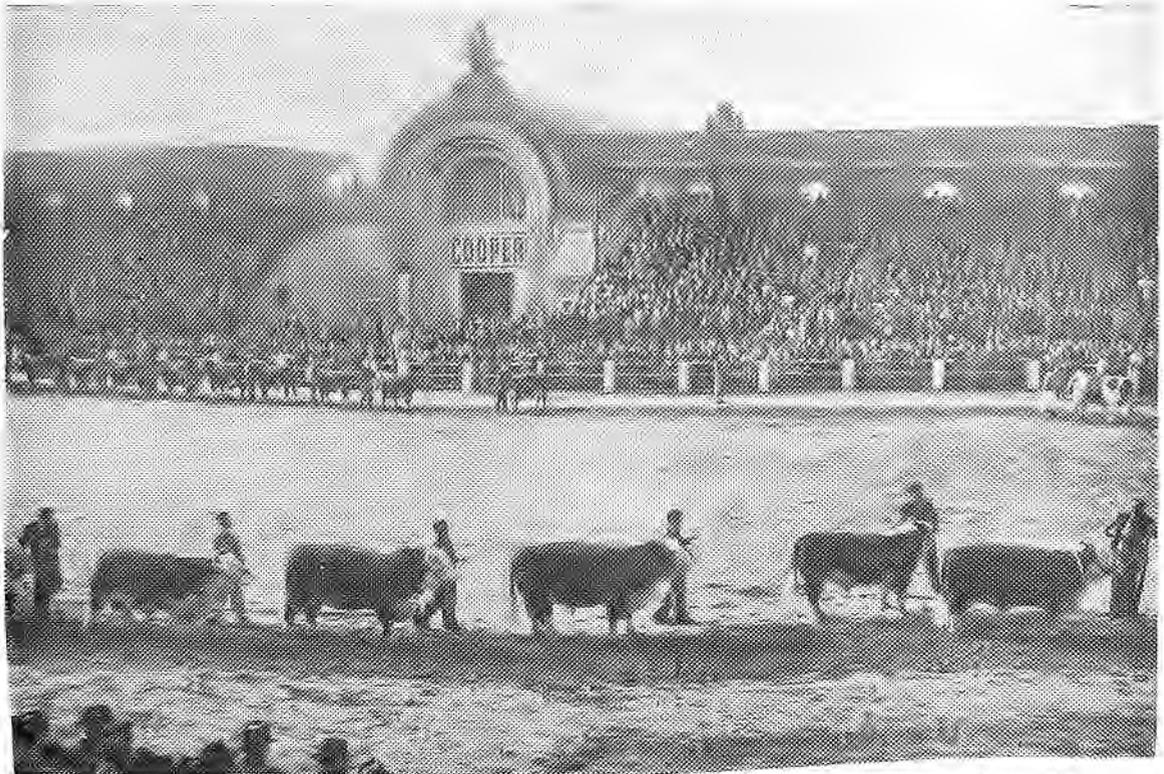


Os bovinos Shorton e Hereford são selecionados nêlos seus respectivos juizes

# A Exposição de Palermo e a Criação de "Hereford" como meio de Aproximação Econômica Argentino-Brasileira

Artigo da Associação dos Criadores de  
HEREFORD

TRADUÇÃO DE MARTINS DIAS



Passagem dos Herefords no desfile de uma inauguração oficial da Exposição de Pecuária

Uma série de circunstâncias favoráveis fizeram da Argentina o país ideal para o portentoso progresso das suas indústrias básicas — a pecuária e a agricultura.

Dilatadas planícies, pradarias naturais e clima benigno, proporcionaram os elementos primários indispensáveis; a tenacidade do seu povo fez o resto.

Desde os já mui afastados dias do "Jardim Florida" e logo através do que veio a chamar-se "O Clássico Certame de Palermo", as exposições organizadas pela antiga e prestigiosa Sociedade Rural Argentina, foram mostrando aos olhos assombrados dos visitantes a crescente melhora da sua pecuária.

A República Argentina ia alcançando importância mundial como país produtor de ótima qualidade, posição invejável que lhe deu merecida fama entre nós e estrangeiros.

A metódica tarefa da seleção de "rodeos", muitas vezes conseguida à custa de extremos sacrifícios, e a ininterrupta corrente de introdução de reprodutores importados da Grã-Bretanha — fonte das grandes raças de animais de carne — compensaram os largos ciclos de trabalhos silencioso e deram-lhe justificada proeminência nos mercados internacionais.

Palermo guindou-se, assim, à consideração geral como centro de atração para os criadores de outros países que começaram a voltar a sua atenção, ano atrás ano, para Buenos Aires, seguindo com crescente interesse as alternativas da sua mui considerada exposição pecuária.

Os homens de campo dos países vizinhos, e muito especialmente uruguaios, brasileiros, chilenos e paraguaios foram assíduos concorrentes ao torneio máximo da pecuária argentina, estabelecendo um contato

permanente, criador de tradicionais e amistosas relações econômicas entre os países irmãos.

Grandes fundadores de estabelecimentos pecuários seguiram a rota dos primeiros empregadores e entusiásticos visitantes, os quais igualmente não se eximiram a sacrifícios pecuniários, no seu afã de dar hierarquia à pecuária de seus respectivos países.

Com justificado orgulho, importantes criadores dos países limitrofes à Argentina, exibem hoje produtos de alta mestiçagem, descendentes de reprodutores pertencentes a Pereyra Iraola, Pereda, Duggan, Morrogh Bernard, Blanquier e outros, para não citar senão alguns dos mais prestigiosos criadores argentinos.

Condições de rusticidade, prolificidade, sanidade e rendimento — entre as raças de carne — fizeram com que os Herefords merecessem a preferência dos criadores brasileiros, cuja zona pecuária por excelência — Rio Grande do Sul — oferece imensos pontos de semelhança com os campos de cria argentinos.

Assim, foram surgindo grandes criadores de Hereford no Brasil, como Freitas da Silveira, Campelo Duarte, Simões Cantera, Riet Machado, Ormazabal, Bastos, Sá Dornelles e Guerra, entre tantos outros igualmente merecedores de citação, os quais foram impondo a especial preferência que hoje se observa pelos "caras brancas", entre seus progressistas criadores de gado.

Essa preferência, nascida mercê dos resultados das sucessivas exposições de Palermo, foi despertando o interesse particular dos "cabaneros" argentinos e, se bem que em distintas épocas, dois deles merecem, sob êste aspecto, uma referência especial: "VILLA MARIA", do Dr. Celedonio Pereda e "La Estrella", de Morrogh Bernard.

A primeira destas "cabanas", sem olhar a elevados sacrifícios econômicos, inicia na Argentina a era da imunização contra a "triteza" produzida pelo carapato e foi assim que, superando dificuldades muitas vezes quase sem solução, que uma contínua corrente de reprodutores Hereford, de "Vila Maria" concorre, aproximadamente desde 1920, às exposições estatuais de Uruguai, Itaqui, Pelotas, Bagé, Pinheiro, Santa Mónica e Uberaba.

Semelhante semente deu os seus frutos e pronto os Herefords se multiplicaram no

Brasil, donde uma legião de criadores concorria assiduamente a Palermo, em busca dos reprodutores de sua preferência.

Anos mais tarde e já na época atual, o "cabana" "La Estrella", à frente da qual se encontra seu dinâmico proprietário, o Engr<sup>o</sup>. Agrônomo Juan Francisco Morrogh Bernard, havia de manter latente o interesse que despertara o seu prestigioso antecessor concorrendo com os seus Herefords às exposições brasileiras, mantendo e aumentando dêste modo os proveitosos resultados que estas significam para o constante progresso da raça.

Prova eloqüente da difusão dos Herefords no Brasil é a número dos reprodutores inscritos no "Herd Book Brasileiro" cuidadosamente elaborado pela importante Associação do Registo Geneológico Sul Riograndense, de Pelotas, cujas cifras finais correspondentes ao ano de 1950, assinalam as seguintes inscrições de reprodutores de "pedigree", para as raças de animais de carne: — HEREFORD, 1.435; Shorthorn, 313; Aberdeen Angus, 181.

A exposição de gado que êste ano inaugura em 28 de Junho, a Sociedade Rural Argentina, no seu antigo local de exposições de Palermo e agora em vias de sofrer importantes transformações tem, novamente, um caráter "Internacional".

Os criadores do Brasil necessitam renovar as suas fontes de sangue com a introdução de novos reprodutores. O certame de Palermo lhes oferece, uma vez mais, o mercado ideal sob todos os pontos de vista para abastecerem-se, tal como o fizeram desde antanho.

Pela sua parte a Argentina deve conservar os mercados que conquistou pela qualidade dos seus reprodutores e está no seu próprio interesse continuar a merecer, também neste importante aspecto, a preferência dos seus vizinhos e amigos.

Será de desejar, então, que os novos convênios não resultem ineficazes na prática e que os empenhados esforços do senhor Embaixador Doutor João Baptista Luzardo, que por feliz coincidência é também um entusiástico criador da raça Hereford, supere as dificuldades que se opõem ao livre trânsito de reprodutores entre a Argentina e o Brasil, alcançando uma realidade que será um novo motivo de orgulho para se reafirmarem os tradicionais vínculos que unem os dois grandes países no permanente concerto das relações panamericanas.

# FALANDO DE KARAKUL...

Por: MACEDO BASTO — Buenos Aires

Especial para "A LAVOURA"

A raça de ovinos Karakul que apareceu no Turquestão (Asia), existe há 500 anos. Quem não conhece as peles destes preciosos carneiros, que em lindos e resistentes abafos o comércio vende com o nome de Astrakan ?

Foi na região de Buchara (Rússia), fronteira da Persia e Paquistão e na parte sul da Rússia Europeia que as peles dos carneiros Karakul se começaram a explorar. Hoje em dia a produção destas peles atinge na Rússia uma produção de 3 milhões de unidades anuais, no Paquistão 2 milhões, na România 1 milhão, o que constituem um verdadeiro filão de ouro pelo seu elevado valor ainda hoje cotado nos mercados internacionais. O Sudoeste Africano, que foi antiga colônia alemã, não possuía em 1920 um só carneiro Karakul, mas em 1950 já conseguiu exportar 2 milhões de peles, o que, somando esta quantidade à dos restantes países produtores verificamos haver hoje uma produção mundial de 8 milhões, quando o certo é que todo o globo é consumidor de mais 12 milhões, quantidade esta que até agora não se tem tido possibilidade de alcançar. Assim, a procura existe e todo o desenvolvimento que se produza em qualquer País tem assegurado o seu consumo por grandes preços.

Aqui na Argentina, só em 1908 foram estes famosos carneiros conhecidos, quando o então Imperador da Austria, Francisco José, fez presente ao Presidente da República Dr. José Figueiroa Alcorta, de alguns exemplares de pedigree, e assim, com esses puros começaram os criadores a fazer a sua exploração, que embora a enorme rusticidade desta raça, tem sido lenta até há pouco, por falta de atenção a esta riqueza, pois as especialidades pecuárias já em rotina eram mais que suficientes nas explorações pecuárias deste País. Porém, nos últimos anos com a fixação de técnicos criadores desta especialidade a sua cria se está desenvolvendo de uma maneira espantosa e assim, provenientes de regiões mais variadas, Cordoba, San Luiz, Salta, Buenos Aires e Territórios de Neuquem, já hoje produz cerca de 30 mil peles de ótima qualidade que são valorizadas entre 100 e 250 pesos argentinos, cada.

Num acentuado progresso tem este País vindo importando

das mais famosas procedências, Halle, Adametz e outras campeãs de puro sangue com pedigree, e assim hoje numerosas cabanas se encontram providas de animais desta espécie com as melhores descendências do Mundo, que as habilita a formarem grandes “planteis”, como também já a poderem satisfazer alguns pedidos de exportação para Países vizinhos.

A boa fecundidade destes ovinos e enorme rusticidade nas mais variadas regiões secas da Argentina, habilitaram o criador a um interesse especial, já que também os preços se podiam considerar fabulosos para esta espécie de produtos — as pequenas peles de Astrakan. Dia a dia estão nascendo novos criadores, quer iniciando os seus rebanhos com puros de pedigree, quer também obtendo-os por cruzas da vulgar raça creoula até obterem o puro por cruzas que, aliás, se apresenta com as melhores características desta raça.

O valor destes animais na economia de certos países é tão grande que, na Rússia e Paquistão é punido com pena de morte qualquer indivíduo que exporte um animal Karakul, e assim, os países que desejem desenvolver esta criação encontram a enorme dificuldade de obter puros sangues nas melhores origens, razão esta por que ainda hoje os bons puros sangues atingem preços astronômicos, se bem que compensadores.

Buenos Aires, Abril 1952.

## *Vacinas Manguinhos*

CONTRA A PESTE DA MANQUEIRA (CARBÚNCULO SINTOMÁTICO)  
ANTICARBUNCULOSA (CARBÚNCULO HEMÁTICO, VERDADEIRO)  
CONTRA A PNEUMO-ENTERITE DOS BEZERROS (PNEUMOENTERITE)  
CONTRA A PNEUMO-ENTERITE DOS PORCOS

**PRODUTOS VETERINÁRIOS MANGUINHOS LTDA.**

Rua Licínio Cardoso, 91 — Caixa Postal, 1420

**RIO DE JANEIRO**

# Sociedade Científica Argentina

1872 - 28 de Julho - 1952

80.º aniversário de sua fundação

Quando no ano de 1872 o então estudante de engenharia e de direito Don ESTALISLAO S. ZEBALLOS — que optou logo pela carreira das leis para chegar a ser notável juriconsulto, decano da Faculdade de Direito e Ciências Sociais e Ministro das Relações Exteriores — pensou em organizar uma nova instituição de estudos técnicos na capital argentina, em um meio onde os trabalhos de índole científica eram muito limitados em número e alcance, havia parecido que atentava, seguramente, em uma idéia prematura. Sem dúvida, a iniciativa feliz do jovem aluno universitário encontrou éco propício e em uma das aulas do velho Colégio Nacional, em reunião a que assistiram vinte e quatro pessoas especialmente convocadas, a 28 de julho de 1872, cristalizou o generoso propósito inspirador dessas mentes jovens, com afeição para o estudo e desejos de progresso cultural para seu país, deixando constituída a Sociedade Científica Argentina e com o engenheiro D. Luis A. Huergo como primeiro presidente, sobre bases redigidas pelo próprio Zeballos para focalizar as nobres finalidades a que se notaria a nova instituição.

Vida precária, sem dúvida, a daquelas horas iniciais em que o entusiasmo e a fé dos fundadores desviava toda perspectiva de desalento, e prontamente, a Sociedade se enraiza e vigoriza, começando uma trajetória de ascendente progresso que leva a entidade ao alto plano hierárquico a que agora se encontra ao alcançar o 80.º aniversário de sua fundação, instalada desde 1934 em seu magnífico edifício da Avenida Santa Fé n.º 1145.

Assessora do Governo Nacional e da Província de Buenos Aires em diversas questões técnico científicas; auspiciadora da expedição mais importante que o Dr. Francisco P. Moreno realizou à zona septentrional da Patagônia, no ano de 1875, como fôra a que o explorador D. Ramón Lista efetuou dois anos mais tarde à mesma região, tão desconhecida então, e que com o correr do tempo haveria de transformar-se nos Parques Nacionais de Nahuel-Huapi, de beleza incomparável, e nos férteis vales do rio Negro e do Limay; organizadora da excursão à Laguna Iberá, em Corrientes, no ano de 1910, para estudos botânicos e geológicos e de possíveis explorações econômicas, tratando de obter benefícios para a província do litoral argentino; fez a história da evolução da ciência em nosso país com as monografias que autores de reconhecidos merecimentos redigiram por encargo seu, em seus cinquentenário (ano de 1922), sobre ciências químicas, botânica, física, matemática, higiene pública e obras sanitárias, astronomia, mineralogia e meteo-

rologia; participou em numerosos certames científicos nacionais americanos e europeus; iniciou e custeou as primeiras exposições científico-industriais dos anos de 1875 e 1876; por suas publicações e trabalhos realizados mereceu qualificadas recompensas em diversas exposições (Roma, Chicago, São Luiz, Roubaix, Gante, São Francisco da Califórnia, Rio de Janeiro); teve a iniciativa de convocar em Buenos Aires, em 1898, o Primeiro Congresso Científico Latino-Americano, seguido logo em Montevideu (1901), Rio de Janeiro (1905), Santiago do Chile (1908), Washington (1915), Lima (1924), México (1935) e Washington (1940). Ainda mais, em 1910, por ocasião do Centenário da Revolução de Maio por encargo da Comissão Nacional de Festes, organizou o Congresso Científico Internacional Americano, com delegados oficiais de vinte nações diferentes e com mais de 1.500 membros aderentes; todas essas referências assinalam só algumas faces do vasto trabalho desenvolvido, motivo pelo qual, com toda a razão, foi qualificada como bem merecida SOCIEDADE CIENTÍFICA ARGENTINA.

Sua biblioteca, de caráter público, perfeitamente fichada e com um arquivo valiosíssimo, tem 49.250 volume.

Os "Anais" da Sociedade Científica Argentina, constituem a mais velha e a mais honrosa tradição das publicações científicas da Argentina, apareceram pela primeira vez no ano de 1876 e vem sendo mantidos, ininterruptamente com caráter mensal, dos quais já foram editados 152 volumes, servindo para uma permuta tão grande e regular que permite a posse de revistas científicas no país, procedentes da Argentina, Alemanha, Áustria, Bélgica, Bolívia, Brasil, Bulgária, Canadá, Colômbia, Costa Rica, Cuba, Salvador, Espanha, Estalómia, Estados Unidos da América do Norte, Filipinas, Finlândia, França, Grécia, Guatemala, Holanda, Hungria, Índia Inglesa, Indonésia, Inglaterra, Irlanda, Itália, Japão, Japão, Java, Marrocos, México, Nicarágua, Noruega, Panamá, Paraguai, Perú, Polónia, Portugal, Porto Rico, República Dominicana, Rumania, África do Sul, Tunísia, U. R. S. S., Uruguai, Venezuela e Jugoslavia.

Os ciclos anuais de conferências cuja tribuna foi ocupada pelos mais elevados valores intelectuais argentinos e estrangeiros; os Seminários "Francisco P. Moreno" e "Claro C. Dassen" dedicados às disciplinas das ciências naturais e matemáticas, respectivamente; os prêmios de estímulo e de consagração científica; as bolsas de estudos; a criação do Comitê Argentino de Bibliotecários de Instituições Científicas e Técnicas, para favo-

recer o melhor conhecimento da obra cultural que pode satisfazer às respectivas bibliotecas e a soma de benefícios que as favoreça; a recordação periódica de nossos homens de ciência do passado argentino e que cimentaram o florescimento dos que vivem hoje, etc. são outros aspectos da obra fecunda que leva ao fim a **Sociedade Científica Argentina** que ao festejar seus oitentas anos de existência, fez chegar o éco de sua celebração a todas as instituições congêneres, universidades e centros de estudos da América e do mundo inteiro, estreitando antigas relações ou criando novos vínculos para que com seu concurso e de quantos queiram emprestar sua cooperação útil, nossa velha entidade possa prosseguir sua obra desinteressada e benéfica em favor do desenvolvimento cultural e do prestígio da ciência na República Argentina.

**PRESIDENTES DA SOCIEDADE CIENTÍFICA ARGENTINA E SUA FUNDAÇÃO**

|      |           |                                 |
|------|-----------|---------------------------------|
| Anos | 1872-1874 | — Eng. Luiz A. Huergo           |
| "    | 1873-1875 | — Dr. Juan J. J. Kyle           |
| "    | 1875-1877 | — Eng. Pedro Pico               |
| "    | 1877-1878 | — Eng. Guillermo White          |
| "    | 1878-1879 | — Eng. Luiz A. Huergo           |
| "    | 1879-1880 | — Dr. Valentin Balbin           |
| "    | 1880-1881 | — Dr. Carlos Berg               |
| "    | 1881-1882 | — Eng. Luiz A. Huergo           |
| "    | 1882-1883 | — Dr. Carlos Berg               |
| "    | 1883-1885 | — Eng. Guillermo White          |
| "    | 1885-1886 | — Eng. Luiz A. Viglione         |
| "    | 1886-1887 | — Dr. Estanislao S. Zeballos    |
| "    | 1887-1889 | — Dr. Valentin Balbin           |
| "    | 1889-1891 | — Dr. Carlos Maria Morales      |
| "    | 1891-1892 | — Eng. Eduardo Aguirre          |
| "    | 1892-1893 | — Dr. Juan J. J. Kyle           |
| "    | 1893-1894 | — Eng. Carlos Bunge             |
| "    | 1894-1895 | — Eng. Miguel Iturbe            |
| "    | 1895-1896 | — Dr. Carlos Maria Morales      |
| "    | 1896-1897 | — Dr. Angel Gallardo            |
| "    | 1897-1898 | — Eng. Domingo Noceti           |
| "    | 1898-1900 | — Eng. Dr. Marcial R. Candiotti |
| "    | 1900-1901 | — Dr. Manuel B. Bahia           |
| "    | 1901-1902 | — Dr. Carlos Maria Morales      |
| "    | 1902-1903 | — Eng. Carlos Echagüe           |
| "    | 1903-1904 | — Eng. Emilio Palacio           |
| "    | 1904-1905 | — Eng. Vicente Castro           |
| "    | 1905-1906 | — Dr. Carlos Maria Morales      |
| "    | 1906-1908 | — Eng. Gral Arturo M. Lugones   |
| "    | 1908-1909 | — Eng. Otto Krause              |
| "    | 1909-1910 | — Eng. Vicente Castro           |
| "    | 1910-1911 | — Dr. Francisco P. Moreno       |
| "    | 1911-1912 | — Eng. Vicente Castro           |
| "    | 1912-1913 | — Dr. Agustín Alvarez           |
| "    | 1913-1914 | — Eng. Santiago E. Barabino     |
| "    | 1914-1915 | — Dr. Francisco P. Lavalle      |
| "    | 1915-1917 | — Eng. Nicolas Besio Moreno     |
| "    | 1917-1919 | — Dr. Carlos Maria Morales      |
| "    | 1919-1923 | — Eng. Santiago E. Barabino     |
| "    | 1923-1927 | — Eng. Eduardo M. Huergo        |
| "    | 1927-1929 | — Eng. Nicolas Besio Moreno     |
| "    | 1929-1933 | — Dr. Nicolas Lozano            |
| "    | 1933-1937 | — Eng. Nicolas Besio Moreno     |
| "    | 1937-1943 | — Eng. Jorge W. Dobranith       |
| "    | 1943-1946 | — Dr. Gonzalo Bosch             |
| "    | 1946-1949 | — Eng. José M. Paez             |
| "    | 1949-1951 | — Eng. Dr. Eduardo M. Huergo    |
| "    | 1951-1953 | — Dr. Abel Sanchez Diaz.        |

# Os criadores de Holando-Argentino

estão em excepcionais condições para fornecer exemplares de qualidade a seus colegas criadores do Brasil.

## A Associação Criadores de Holando - Argentino

entidade gremial especializada que congrega os criadores desta raça, prazerosamente se oferece para atender qualquer consulta e dar informações a respeito da raça "Holando-Argentino"

FLÓRIDA 671.

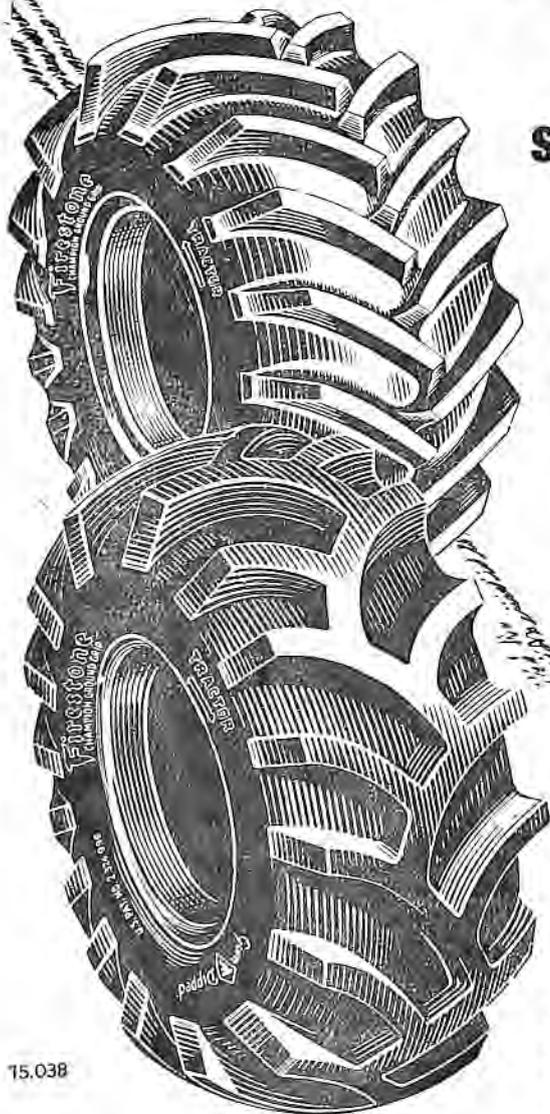
BUENOS AIRES

TEL. 32 - 1398



Na terra dura  
ou fôfa...  
seu trator **RENDE MAIS**  
com pneus

# Ground Grip



75.038

**MÁXIMO... em Tração  
e Resistência**

Em sua fazenda o senhor precisa de pneus que proporcionem super tração. Por isso, Firestone lhe oferece os Pneus para Tratores Ground Grip, com barras mais altas e mais fortes, para cravarem no chão duro ou sustentarem a tração, quando em terra fôfa. Aumente o rendimento diário e economize combustível, usando em seus tratores o pneu que significa mais lucros, porque dura mais e executa melhor o seu trabalho — Ground Grip Firestone.

*Rode sobre*

# Firestone

O PNEU MAIS SEGURO E DURÁVEL ATÉ HOJE FABRICADO



# O MELHORAMENTO DO ALGODOEIRO NO NORDESTE

## PLANO DE COMBATE À MURCHA — A RESISTÊNCIA GENÉTICA DE ALGODOEIROS ÀS RAÇAS DE FUNGOS

OSVALDO BASTOS DE MENEZES  
Eng.º-Agr.º

O algodoeiro, em várias regiões do Nordeste Brasileiro, é seu principal produto de valor econômico. Em torno dele gira uma população apreciável de lavradores, cujos meios de subsistência quase que lhe são exclusivos.

É obrigação, já se vê, dos órgãos públicos, acudir aos problemas que essa cultura, amiúde, oferece. Época houve, mesmo em que um bem organizado serviço especializado lhe dispensava estudos exclusivos, serviço que, de estrutura federal, era bastante enraizado no âmbito estadual.

O Serviço de Algodão contava com várias Estações Experimentais e Laboratórios Especializados (1), além de se articular com os organismos estaduais incumbidos do estudo do algodoeiro. Essa articulação mereceu os louvores do grande geneticista de fama internacional N. Vavilov (2), ao visitar os organismos brasileiros de agronomia.

A extinção repentina do Serviço deixou a cultura do algodoeiro algo desamparada, correndo os estudos de seus problemas ou por conta exclusiva dos Governos Estaduais (S. Paulo, etc.), ou pela nóvel instituição que veio superintender os trabalhos experimentais de agronomia (Serviço Nacional de Pesquisas Agronômicas). Houve, como é natural, grande dispersão do elemento humano e material nessa passagem, e aquela mentalidade algodoeira, tão louvada, deixou de existir.

Quase paralelo à extinção do Serviço de Algodão, foi assinalada, pela primeira vez no Brasil, uma doença no algodoeiro (1935), cujo organismo causador — *Fusarium oxysporum f. vasinfectum* — é de grande virulência. Espíritos mais apressados, costumam culpar o SNPA por não haver estabelecido um método eficiente para seu controle. A questão, no entanto, não foi descuidada, e entre outras medidas tomadas de possível conhecimento público, uma foi a do estabelecimento da Estação Experimental de Alagoínhas, Paraíba, como zona de "quarentena", e a outra foi o melhor conhecimento do patógeno predador (3). Não possuo elementos para saber a extensão da obra, em execução, para o debelamento da fusariose.

De qualquer forma, os métodos de combate podem ser de vários aspectos, quer extrínsecos à planta em si (adubação, fungicidas, etc.), quer inerentes à constituição genética do algodoeiro.

Há referências na literatura de que adubações com salitre do Chile, superfosfato, potássio, etc. (4, 5, 6, 7,), nas condições locais dessa observações, diminuem a intensidade do ataque.

### A RESISTÊNCIA À DOENÇA É DE ORIGEM GENÉTICA

O aspecto moderno, porém, do assunto, é transcender os métodos de ataque de seu aspecto extrínseco para os de constituição genética, elegendo, por simples seleção, ou hibridação, indivíduos resistentes a várias formas fisiológicas do fungo. Nesta emergência, duas heranças distintas estão em luta,

a planta como hospedeiro e o fungo como predador. Acresce, ao fato, que o fungo pode variar em virulência quase que de repente, quer por mutação (mais raro) quer por hibridação. As introduções de sementes mal conduzidas podem trazer formas novas do fungos não prevalecente na nóvel região, em cuja área pode assumir uma virulência não observada na sua zona de origem.

O fenômeno de resistência das plantas à invasão dos fungos parece ser de origem genética. Esta, aliás, é a versão mais em concordância com os estudos atuais de resistência. Tem-se localizado, mesmo, para várias doenças de plantas, gen ou gens que são responsáveis pela "imunização" do hospedeiro às formas do fungo predador.

Para se selecionar indivíduos resistentes à fusariose, é necessário submeter as variedades ou linhagens à ação do patógeno prevalecente na região, quer sob inoculação artificial, quer numa zona de infestação natural.

Se se encontrarem indivíduos resistentes nas variedades comerciais, o problema torna-se mais fácil, à base de simples método de seleção genealógica. Pode-se aumentar a população em apreço. As coisas, porém, nem sempre são assim. Ocorre, muitas vezes, que são as variedades mais rústicas, mais asselvagadas, que apresentam maior resistência às doenças. Nesse caso, a solução é transferir o gen (ou gens) portador dessa resistência para as variedades de utilização comercial, através da hibridação.

### SELEÇÃO DE INDIVÍDUOS RESISTENTES

A hibridação vai juntar, num germoplasma (F1) as cargas genéticas dos pais cruzantes (PP), que se irão dissociar nas gerações subsequentes (F2, F3, etc), sob um aspecto populacional diverso. Deve o melhorista trabalhar sempre sob a influência do fungo e isolar, nas gerações segregantes, aqueles indivíduos que atingem os requisitos de seu interesse. Pode êle, no entanto, pegar aqueles indivíduos da geração F1 o retrocruzá-los com o pai resistente (chamado recorrente, no caso) uma ou duas vezes, e, se necessário, tantas vezes ou mais para o pai de características comerciais. Observar sempre as gerações sob influência direta do patógeno.

Cada geração que se obtém de um retrocruzamento, trás em seu germoplasma 50% da potencialidade do pai recorrente, ou, em outras palavras, cada "back-cross" incorpora metade da carga genética desse pai 50, 75 (70 + 25), 88 (50 + 25 + 12.5), etc.

Em 1927, Richey (8) estabeleceu uma fórmula através da qual se conhece a percentagem de plantas homozigotas para  $n$  fatores (gens) que entram na hibridação, somente provindas do homozigoto recorrente em cada  $r$  de sucessiva geração:

$$(2^r - 1)^n \\ 2^{rn}$$

De acôrdo com essa fórmula, pode-se saber a percentagem de indivíduos puros para  $n$  através de  $r$  gerações, conforme facilmente se observa na tabela abaixo.

| N.º de gens<br>N | Número de gerações de retrocruzamento (r) |    |    |    |    |    |    |     |     |     |
|------------------|---|----|----|----|----|----|----|-----|-----|-----|
|                  | 1   | 2  | 3  | 4  | 5  | 6  | 7  | 8   | 9   | 10  |
| 1                | 50  | 75 | 88 | 94 | 97 | 98 | 99 | 100 | 100 | 100 |
| 5                | 3   | 24 | 51 | 72 | 85 | 92 | 96 | 98  | 99  | 100 |
| 10               |   | 6  | 26 | 52 | 73 | 85 | 92 | 96  | 98  | 99  |

Nessa tabela, somente metade dos indivíduos homozigotos são do genótipo desejado. Por exemplo, no "back-cross" de  $A_2$  para  $AA$ , o único tipo desejado é  $AA$  e não  $Aa$ . O próprio Richey resumizou o número de plantas necessárias em  $F_2$  e no primeiro "back-cross", a fim de se conseguir, pelo menos, 1 indivíduo cujo genótipo se deseja, quando estão envolvidos de 1 a 8 gens, segundo a tabela abaixo.

Progênie necessária para se obter um indivíduo homozigoto.

|                      | Número de gens envolvidos |    |    |     |      |      |       |       |
|----------------------|---------------------------|----|----|-----|------|------|-------|-------|
|                      | 1                         | 2  | 3  | 4   | 5    | 6    | 7     | 8     |
| $F_1$ auto-fecundado | 4                         | 16 | 64 | 256 | 1024 | 4096 | 16384 | 65536 |
| $F_1$ em back-cross  | 2                         | 4  | 8  | 16  | 32   | 64   | 128   | 256   |

Se o caráter que se está pesquisando é controlado por 5 fatores, em  $F_2$  somente 1 indivíduo em 1924 será homozigoto dominante, enquanto, através da "back-cross", o teoricamente esperado é obter-se esse elemento puro em 32 indivíduos. Não resta dúvida que o método de "back-cross" oferece enormes vantagens quando se lidam com problemas como esse, de resistência às doenças.

Há indicações na bibliografia que a resistência à fusariose é governada por único gen (9,10), informação que ajuda a elaboração de um programa de trabalho com quase resultados possíveis, dado que o mecanismo dessa herança parece monofatorial.

Na técnica moderna, possivelmente com o Prof. Brigg à frente, devido a sua tenacidade no emprego do método do "back-cross" para selecionar indivíduos resistentes à *Tilletia* dos trigos de Califórnia, o método tem dado esplêndidos resultados. Tive a rara oportunidade de visitar esse técnico nos seus campos de hibridação, e observar o grande número de gerações retrocruzadas que expõe à ação do agente causador da doença do trigo e, daí, tirar os melhores indivíduos. A minha própria escola de especialização se fez nos Estados Unidos às vistas dos conhecidos mestres Hayes e Stakman, chefes de duas disciplinas que, lá, andam sempre juntos: Genética e Patologia Vegetal.

#### UM PROGRAMA MÍNIMO DE TRABALHO

Os exemplos vários que se encontram na literatura especializada são de tal monta, no campo de resistência genética às raças fisiológicas de fungos, que me parece necessário organizar-se um programa mínimo de trabalhos para os algodoeiros do Nordeste. Dessa forma, acho que se deve dar maior atenção ao estudo do problema, quer através dos organismos federais de agronomia, quer dos estabelecimentos estaduais.

As seguintes conclusões resumem um plano de trabalho nesse sentido:

1 — De cada local coletar material doente e submeter à apreciação dos especialistas no estrangeiro a fim de determinar as raças fisiológicas diversas.

2 — Introduzir, sob severo cuidado, sementes de linhagens ainda em estudo, ou já estabelecidas, resistentes nas suas regiões de origem às formas fisiológicas prevalecentes.

3 — Necessidade de se delimitarem melhor as zonas algodoeiras infestadas pelo *Fusarium*.

4 — Enquanto não se determinar essas raças, submeter todo o material disponível à ação de um combinado de esporos coletados em vários locais, numa primeira tentativa de se isolar tipos com uma elasticidade de resistência às possíveis formas fisiológicas de zonas limitrofes.

5 — Incorporar fatores de resistência (gens) de variedades rústicas, que se mostraram imune ao ataque, usando o método do "back-cross" alternado e tomando ora a boa variedade comercial como recorrente, ora a variedade resistente.

6 — Todo o material selecionado, antes de passar às mãos do produtor, deve ser submetido à prova, sob controle, em várias regiões, a fim de se ajuizar do mérito efetivo de resistência.

- 1 — Alves Costa F. L. — 1930 — Relatório do Serviço de Algodão — Rio de Janeiro.
- 2 — Menezes, Osvaldo Bastos de — 1950 — O primeiro mártir da nova Genética soviética. Bahia Rural, Setembro.
- 3 — Milanez F. R. Joffily — 1942 — Estudo sobre a fusariose do Algodoeiro. Rodriguesia, Ano V.
- 4 — Rast L. E. — 1942 — Control of cotton wilt by the use of potash fertilizer. Arner. Soc. Agron. Jour. — 14:222-224.
- 5 — Neal, D.C. — 1927 — Cotton wilt mo. Bot. Gard. Ann. 14:359-424.
- 6 — Miles, L. E. — 1936 — Effect of potash fertilizers on cotton wilt. Miss. Agr. Exp. St. Bull. 23.
- 7 — Young V. U., Tharp W. H. — 1941 — Relation of fertilizer balance to patash hunger and Fusarium wilt of Cotton. Ark. Agr. Exp. St. Bull. 410.
- 8 — Richey, F. C. — 1927 — The convergent improvement of nes of corn. Arner. Nat. 61:430.
- 9 — Fahmy, T. — 1931 — The genetics of resistance to the sease of cotton and its importance in selection. Minn. Agr. Egypt. Tech. Sci. Serv. Bull. 95.
- 10 — Kulkarni, G. S. — 1934 — Studies on the wilt disease of cotton in the Bombay Presidency. Ind. Jour. Agr. Sci. 4:976 - 1048.

Este trabalho foi apresentado à Reunião Algodoeira do Nordeste em Abril de 1950.

## LAVRADOR!

INSCREVE-TE NA ASSOCIAÇÃO RURAL DO TEU MUNICÍPIO. A CLASSE SÓ SERÁ FORTE QUANDO ESTIVER ORGANIZADA EM TODO O BRASIL.

# A raça de gado Holando-Argentina

A raça de bovinos leiteiros de origem holandesa, denominada "Holando-Argentino" é criada na Argentina desde fins do século passado. Os primeiros animais importados lá chegaram pelo ano de 1880, e desde então foram disseminados por todas as zonas leiteiras principais, especialmente na Província de Santa Fé. A raça se fez muito popular e se desenvolve continuamente, dadas as suas condições de rusticidade e de adaptabilidade ao meio e, assim, depois de haver povoado toda a região do litoral, já se encontra no Norte, de clima mais quente, na região seca do Centro, nas montanhas e em muitas partes do sul, de clima frio.

Os criadores argentinos orientaram-se, desde os primeiros tempos, pela criação de animais bons produtores, competindo com outra raça mais antiga e cujas vacas se destinavam à produção de leite; além da produção, procuraram animais de boa conformação, fortes e sãos. A criação ao ar livre em campos em geral com bons pastos, favoreceu a orientação do criador o qual, por outro lado, não regateou nunca esforços para incorporar a seus rebanhos bons reprodutores, importados da Holanda e da América do Norte.

A dedicação dos criadores, um meio ambiente favorável e os bons reprodutores importados, permitiram obter animais de qualidade, bons produtores, bem conformados e de excelente constituição, sãos e com capacidade para se adaptarem a meios de climas diferentes daquele que reina no litoral. Pode-se dizer que o gado leiteiro branco-preto argentino tem suas próprias características e suas condições de bom produtor já são conhecidas além das fronteiras do país. Perú, Brasil e Chile não só conhecem este gado, como são os principais compradores com que conta a Argentina.

À medida que se propaga, esta raça vai sendo melhorada continuamente pelo esforço particular das instituições agro-pecuárias e do Estado. Para o gado puro de *pedigree*, a Sociedade Rural Argentina mantém um registo genealógico, iniciado no ano de 1919. Esta antiga associação

foi a primeira a estabelecer o controle da produção no ano de 1921, serviço que também estabeleceu o Ministério da Agricultura em 1924. Atualmente, o controle da produção é generalizado entre os criadores e produtores de leite. O Ministério da Agricultura unificou o método de controle e se formaram numerosas associações de produtores para realizar o serviço em moldes cooperativos, sob a fiscalização do referido Ministério.

Para o melhoramento do gado puro por cruza, ou seja o considerado "puro" mas sem *pedigree*, foi formada, no ano passado, uma comissão de âmbito nacional que atualmente trabalha para iniciar um registo no qual poderão ser inscritos, com critério seletivo, os animais que correspondam a um mínimo de condições de conformação e características raciais e de produção. A instalação deste registo dará um grande impulso à criação e ao melhoramento do gado leiteiro preto-branco.

Os criadores desta raça dispõem de uma associação especializada, a *Associação de Criadores Holando-Argentina*, com escritórios na Cidade de Buenos Aires e delegações no interior do país. Seu fim é manter unidos todos os criadores, propagar a difusão da raça e prover ao seu melhoramento. Contam com grupos de técnicos que atuam como jurados nas exposições, ocupando-se do estudo dos problemas práticos e técnicos relacionados com a criação e o melhoramento dessa raça.

LAVRADOR:

INSCREVE-TE SÓCIO DA  
SOCIEDADE NACIONAL DE  
AGRICULTURA

Informações:

Av. Franklin Roosevelt, 115-6.º  
C. Postal 1245 — Tel.: 42-2981

RIO DE JANEIRO

# Seguros Agrícolas e Pecuários

*Eng. Agr. ROMOLO CAVINA*

Todo e qualquer negócio ou atividade têm riscos das mais diversas categorias. O empresário agrícola ou pecuário é, dentre os muitos e como qualquer outro, tão necessitado de uma grande variedade de proteção contra os riscos que enfrenta.

Uma das formas de proteção aos riscos do empresário é o *seguro*. É um ato de previsão pelo qual com muito pequeno sacrifício presente, com o pagamento de certo prêmio ou taxa, se adquire o direito a uma indenização contra risco incerto e futuro.

Mais do que qualquer outro empresário, o fazendeiro e o criador necessitam de uma grande variedade de proteção contra riscos. Quem depende das forças naturais está muito mais sujeito a incertezas que escapam à vontade humana. Para os outros casos, todavia, a necessidade da proteção seguradora é tão importante no campo, como na cidade.

O fazendeiro e sua família, seus auxiliares e seus bens estão também sujeitos aos riscos comuns a todos na vida.

O seguro reduz os riscos transformando-os em uma despesa constante. Cada contribuição protege o segurado formando fundo com o qual se recompensarão aqueles que tenham sido atingidos.

Há muitos tipos de seguros, conforme o objetivo a proteger e a causa do prejuízo: fogo, acidentes, vida, saúde, doença, raio, vento, inundações, riscos de colheita ou seguros agrícolas, seguro de animais ou pecuário.

Como primeiro exemplo para comparação tomemos o seguro contra fogo. Nas cidades há possibilidade de um grande número de providências indiretas que protegem a propriedade contra os incêndios. Seja o emprêgo de materiais apropriados nas construções; isolamento especial para os focos presumíveis de início de incêndio; seja pela rápida presença dos Corpos de Bombeiros devidamente equipados.

No campo os riscos de fogo são muito graves e de controle mais difícil devido ao material usado nas construções e às dificuldades para o combate, pois o socorro dos bombeiros é extremamente precário, sendo inexistente.

Muito semelhantes são os riscos de raio e vento, havendo desvantagens para o campo devido às diferenças de construção e localização dos edifícios a proteger.

Já as inundações têm aspectos próprios no campo e na cidade, variando as dificuldades de proteção.

Os seguros de vida, doença e velhice são digamos assim, de necessidade humana, geral a todas as classes, de todos os padrões de vida. Sua importância social não requer argumentos em seu favor. É um benefício que protege a família, instituição básica da sociedade e, é por isso, que o Estado obriga o seguro lamentavelmente ainda apenas a determinadas classes. Nestes casos a gente do campo está em desvantagens para esta proteção securitária.

O seguro de acidente é o mais necessário no campo. O trabalhador rural lida com máquinas, animais e coisas que o tornam sujeito a acidentes como o operário de outras atividades.

Há dificuldades próprias oriundas dos locais de trabalho, tais como o isolamento do trabalhador rural. Um campeiro sozinho no meio da pastaria pode ser atingido por um acidente fatal ou mais ou menos grave sem que possa ser testemunhado como exige a lei. Outro exemplo: um lenhador em trabalho na floresta, fere-se acidentalmente muita vez sem poder ser assistido a tempo, por se encontrar sozinho ou distanciado de seus companheiros.

O seguro de maior interesse para o lavrador é sem dúvida, o seguro agrícola ou seguro de colheita, pois que a produção vegetal está exposta a muitas e variadas contingências.

As causas adversas ao desenvolvimento das culturas podem ter diferentes origens. Podem ser de ordem climatológicas, como seca, excesso de chuvas, granizo, ventos quentes ou frios, etc. Podem ser de origem ocasional ou fortuita, tais como incêndios de campos e florestas; vendavais; inundações; invasão de gado e que mais.

Podem ser devidas a pragas animais sejam insetos, roedores, certos pássaros e outros mais. Também podem ser devidas

às doenças provocadas por bactérias, fungos, vírus; causas físicas e biológicas; invasão de ervas daninhas e outras.

Talvez não seja viável o seguro a tôdas estas contingências tão diversas e às quais nem sempre é possível fixar suficientemente as causas. Por isso é muito difícil estabelecer adequada tabela de prêmios que seriam cobrados para proteger tais acidentes. Êste cálculo, da maior importância, tem sua base científica na teoria das probabilidades, de aplicação possível pelo exame de um grande número de acontecimentos. De outro modo o seguro não seria compensador e nem formaria as necessárias reservas para a entidade seguradora poder indenizar, como talvez induzisse o lavrador a descurar de suas lavouras, ajudando ou permitindo a invasão e proliferação dos elementos causadores dêsses prejuízos.

Os prejuízos que, anualmente, a lavoura e a criação sofrem, atingem a cifras elevadíssimas, reduzindo o patrimônio do lavrador e, conseqüentemente, a riqueza nacional.

Contra essas contingências pelo menos para atenuá-las, os engenheiros-agrônomo especializados ensinam a aplicação de meios adequados de defesa, combate e prevenção.

O seguro pecuário destina-se a proteger tôda espécie de gado e suas aplicações principais são a doença e a mortandade. Existe em muitos países, principalmente porque os seus rebanhos são pequenos, possibilitando a identificação de cada animal e, pelo trato que recebem, reduzem a frequência dos prejuízos a uma proporção extremamente restrita.

Já nas criações extensivas, por serem os animais criados a campo e de difícil identificação individual, tornam-se difíceis os cálculos para nêles basear as taxas e prêmios, como se reduzem de muito os cuidados do criador.

Entre nós os seguros agrícolas, até ao presente, se limitam à defesa do granizo na cultura do algodão do Estado de São Paulo, e nos pecuários ao seguro de reprodutores e cavalos de corrida.

O seguro de transportes é outra necessidade também de interesse para o lavrador e o criador. Por êste meio se protege a produção em trânsito para o mercado, sejam cereais ou gado em pé, seja qual fôr o meio de transporte.

O seguro de transportes, todavia, inte-

ressa muito mais ao comerciante, sob cujos riscos geralmente viajam as colheitas e animais.

Uma outra modalidade de seguro e que vêm crescendo de importância é o seguro incluído como cláusula indispensável nos contratos de financiamento e crédito agrícola.

Quando os empréstimos implicassem em garantia hipotecária, é claro que o seguro de vida poderia ser exigido como cláusula protetora dos herdeiros.

Os seguros agro-pecuários são muito pouco divulgados entre nós e por muitas razões. Em princípio as dificuldades próprias das operações a seguir, seguindo-se a falta de estudos que possibilitem a determinação das taxas de seguro. São necessárias numerosas e repetidas observações para serem calculadas as probabilidades dos acontecimentos a segurar.

Depois vem, por parte das entidades seguradoras, a falta de conhecimento dos assuntos agrícolas. Tais emprêsas necessitam de uma escolhida assistência técnica fornecida por engenheiros-agrônomo e médicos-veterinários das diferentes especialidades, conforme são obrigadas pela lei que regulamenta o exercício dessas profissões, principalmente para as avaliações e perícias.

Outra dificuldade da ampliação do uso do seguro pelo empresário agrícola brasileiro são as altas tarifas atualmente cobradas. Talvez mais amplos estudos e observações poderão melhor contribuir para a determinação de uma tabela de prêmios de seguros mais razoável.

Por parte dos nossos lavradores e criadores há ainda uma certa falha de conhecimento das vantagens do seguro, como proteção aos seus negócios.

Há, entretanto, uma forma de seguros agro-pecuários que prestará amplos serviços aos nossos lavradores e criadores: o seguro cooperativo. Uma cooperativa de seguros terá por objetivo direto a garantia recíproca dos associados para o ressarcimento dos danos causados por determinadas contingências. Indiretamente a cooperativa concorrerá para o melhoramento material e moral dos cooperados, ajudando a ampliar a sua defesa contra acidentes, contra a adversidade.

O Serviço de Economia Rural do Ministério da Agricultura encarregou o engenheiro-agrônomo Fábio Luz Filho de estudar tão importante assunto, tendo pu-

blicado em várias edições um folheto. Dêsse trabalho básico, em sua apresentação, disse o engenheiro-agrônomo Valdiki Moura:

“Os seguros agro-pecuários ainda constituem matéria de aplicação inédita em nosso país, não obstante as tentativas e estudos que se vêm fazendo para a determinação dos cálculos atuariais, que sirvam de base à sua execução. Tão complexo é o assunto, que não poderá ser resolvido com a generalização de uma fórmula para todo o território nacional. Os países americanos e europeus que o vêm praticando, ainda não chegaram a um resultado positivo, por haver rigorosa dependência dos fatores ambientais e específicos, quando se deparam condições de meio, tipos e processos de cultura e criação extremamente variáveis de uma zona para outra.

“Daí a impossibilidade de serem fixadas normas invariáveis para uso das mais distintas regiões; compreendendo esta razão, alguns países costumam estipular taxas de prêmios e indenizações, para a mesma cultura em distritos diferentes, levando sempre em conta as condições específicas que aumentam ou diminuem o risco da coisa segurada.

“No Brasil estamos no limiar das tentativas. Poucos especialistas tem-se dedicado ao assunto, e dentre eles é de justiça salientarmos o engenheiro-agrônomo Fábio Luz Filho, que ultimamente foi designado pelo Serviço de Economia Rural para realizar observações nos Estados de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro. Desta excursão recolheu dados interessantes para oportuna divulgação em trabalho que traçará as diretrizes em ma-

téria de seguros agro-pecuários. Os elementos informativos coletados não lhe permitem ainda uma conclusão, em consequência desta necessitar de observações contínuas, por um período nunca inferior a um quinquênio”.

## CONCLUSÕES

Do exposto indicamos, como medidas preliminares:

1. Recomendar ao Serviço de Economia Rural do Ministério da Agricultura, com a colaboração das Escolas de Agronomia, Nacional de Estudos Cooperativos e outras entidades, as necessárias pesquisas da Fundação Getúlio Vargas, do Centro aplicadas aos seguros agrícolas e pecuária para a fixação das normas gerais a serem rios, tendo em vista as peculiaridades regionais; e

2. Recomendar ao Serviço de Economia Rural do Ministério da Agricultura, aos Departamentos de Assistência ao Cooperativismo nos Estados e ao Centro Nacional de Estudos Cooperativos a mais intensa propaganda do *seguro cooperativo*.

OBS.) O presente trabalho foi apresentado à Mesa Redonda de Agricultura promovida pela Sociedade Rural Brasileira no período de 3 a 9 de março de 1952, pelo Professor Romolo Cavina, membro da delegação do S.N.A. ao referido conclave. A presente tese, relatada pelo Dr. Octacílio Tomanik, foi unanimemente aprovada na sessão plenária do dia 7-3-1952.

## INSCREVA-SE SÓCIO DA SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA

Peça informações

à Secretaria, Avenida Franklin Roosevelt, 115-6.º  
C. P. 1245 — Tel. 42-298 — End. Tel.: VIRIBUSUNITIS

## Associação Argentina Criadores de Shorthorn

A pecuária argentina conta entre as suas principais propuloras, com a raça "SHORTHORN", a qual contribuiu de forma acentuada para o seu aprimoramento e, conseguindo fazê-la alcançar o grau de perfeição que hoje apresenta.

Com os bovinos, descendentes dos exemplares levados à Argentina pelos espanhóis, iniciou-se nos pampas uma nova variedade de gado que foi criado intensamente nas épocas da colônia; sua exploração constituía uma relevante fonte de recursos nos minguados negócios da colônia, mas os resultados não iam além dos couros, à custa da destruição dessa fonte de riqueza.

Nos primeiros dias da emancipação, John Miller, fazendeiro inglês radicado no país, introduziu o primeiro touro Shorthorn chamado TARQUIN, na sua estância "La Caledonia", em Cañuelas, entre os anos de 1823-1827.

Sem demora fizeram-se sentir os benefícios da introdução do novo sangue e tão grande foi a sua fama, que os animais mestiços de Shorthorn eram denominados "Tarquinos", ganhando estes rapidamente as preferências do mercado.

Os primeiros criadores de Shorthorn muito fizeram em benefício da pecuária do país, sendo de justiça nomear, entre eles Narciso Martinez de Hoz, Pedro Alfaro, Guillermo e Diego White, Samuel B. Hale, Jorge Atucha, Juan N. Fernandez, John Fair, Isaias de Elia, Ricardo B. Newton, Leonardo Pereyra e outros.

Em 1888, um núcleo de criadores desta raça, formado pelos srs. Leonardo Pereyra, Juan Cobo, Vicente L. Casares, Domingo Frias e Manuel J. Aguirre, fundaram o Herd Book Argentino, com o fim de permitir que os criadores nêle inscrevessem todos os animais de sangue puro e suas filiações, bem como levar-se a efeito a publicação de um Registro que atendesse àqueles objetivos, sob a denominação de **Herd Book Argentino para a raça Shorthorn**. Posteriormente, em 1901, a Associação de Criadores de Gado Shorthorn fez doação desses elementos à Sociedade Rural Argentina, que desde então vem continuando o trabalho iniciado então.

O tempo confirmou as esperanças dos primeiros fazendeiros argentinos, e hoje a raça Shorthorn é a única que ocupa quase todo o território da República, visto que mais de 19.790.487 cabeças povoam os campos do país, fornecendo ao consumo interno e à exportação mais de 75% do gado abatido para aquêle fim, o que, ao lado da especialíssima condição de ser essa uma raça leiteira e de corte, constituiu o ideal para a produção de melhor carne para consumo e exportação, e, ao mesmo tempo, grande fornecedora de abundante leite, com alto teor de gordura.

# A Cultura do Trigo em Minas Gerais

Resultados satisfatórios com a plantação de variedades nacionais

HONORATO DE FREITAS

Engenheiro-Agrônomo

Para os estudiosos dos nossos problemas agrícolas, não constituirá novidade dizer que estamos caminhando seguramente na trilha que nos conduzirá ao êxito completo na solução da produção tritícola brasileira.

O trabalho dos agrônomos nacionais está se desenvolvendo através dos órgãos do Ministério da Agricultura e das Secretarias de Agricultura de alguns Estados, dentre os quais o Rio Grande do Sul ocupa um papel de merecido relêvo, com a sua bem instalada Estação Experimental de Bagé, que obedece à esclarecida direção do agrônomo Iwar Beckman.

São daquele destacado técnico, as variedades de trigo conhecidas pelo menos de: "frontana" e "rio negro", que passaram a ser cultivadas economicamente nas regiões sulinas do país e deram mesmo ensejo ao aparecimento da terceira variedade denominada "Bagé", na qual o geneticista Iwar Beckman apurou as qualidades desejadas para o tipo de trigo que precisamos produzir.

Visando uniformizar os trabalhos da campanha nacional no trigo, o Ministério da Agricultura proporcionou ao agrônomo Beckman uma viagem de estudos e observações ao Estado de Minas Gerais, onde o mencionado técnico está entrando em contacto com seus colegas do Estado montanhês para tomar conhecimento dos trabalhos ali em execução.

Assim, encontrou os resultados obtidos com a nova variedade de trigo denominada BH-1146, resultado de experiências feitas no Instituto Agrônomo.

## NOVOS MÉTODOS DE CULTURA

Dos dados colhidos pelo agrônomo Beckman, podemos verificar que as bases estabelecidas para a campanha do trigo em Minas Gerais estão absolutamente certas, tanto que nas culturas do ano passado foram colhidos mais de meio milhão de quilos.

Para vencer o sério obstáculo que representa a seca durante o inverno, os agrônomos mineiros procuraram estabelecer dois métodos, que são: a) fazer culturas

irrigadas e b) criar variedades ultra-precoces que, plantadas imediatamente ao fim das chuvas possam aproveitar a umidade do inverno.

Segundo o agrônomo Beckman, a variedade obtida em Minas Gerais, isto é, a BH 1146, apresenta qualidades de precocidade e características agrônômicas mais importantes que as demais.

As lavouras existentes em Sete Lagoas e circunvizinhanças são tão desenvolvidas, que se podem comparar às melhores do Rio Grande, formando assim belos trigais.

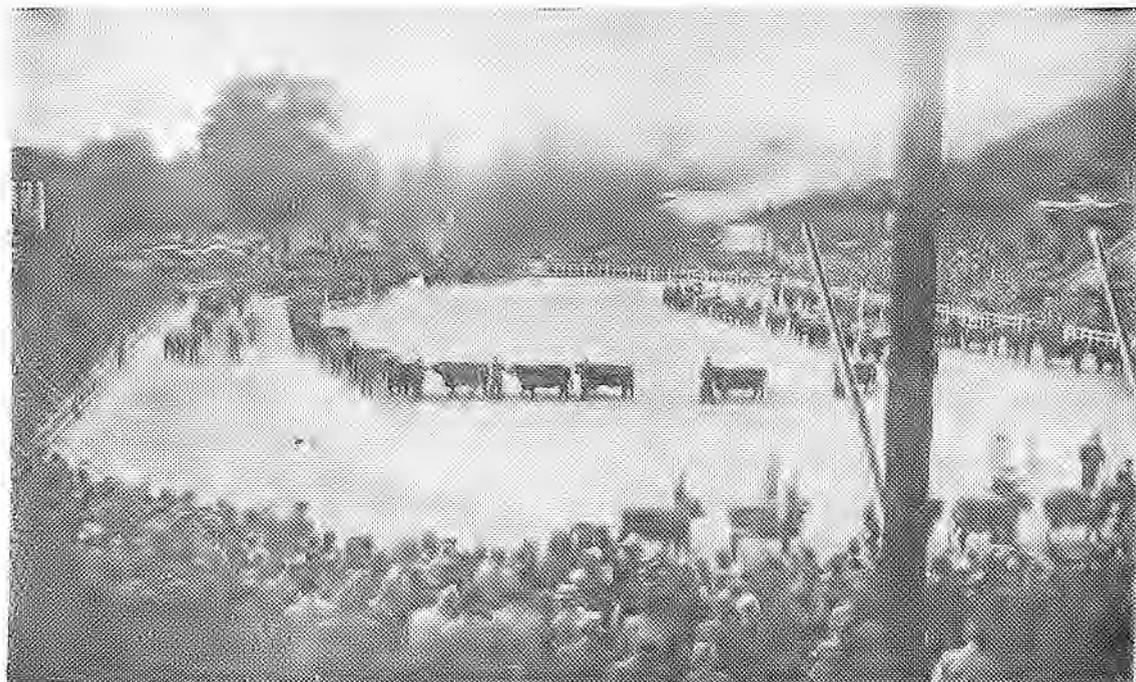
Mas, ao lado de observações feitas pelo agrônomo Beckman no Instituto Agrônomico e na região de Sete Lagoas, trabalhos bem conduzidos na região de Patos (nos estabelecimentos experimentais ali sediados e em fazendas particulares) estão tendo seu desenvolvimento à base de um planejamento seguro e de uma coordenação certa.

Os resultados já aferidos nos mostram que carece inteiramente de fundamento as conclusões apressadas dos pessimistas em relação à nossa capacidade de produção, pois os resultados que estamos divulgando constituem a segurança de que "plantando dá".

São ainda divulgadas notícias relativas à política do governo federal no sentido de aparelhar convenientemente o setor de produção tritícola com silos e armazéns adequados, bem como meios de transporte para o escoamento da produção para os centros consumidores. Oxalá que assim aconteça e que os órgãos especializados financiem a lavoura tritícola, para que a nossa produção o aumente sempre na medida do nosso consumo, ou, pelo menos, que concorra grandemente para diminuir a nossa dependência de outros centros produtores. Tenhamos esperanças no planejamento da nossa produção e confiemos nos técnicos brasileiros, porque eles estão capacitados para ajudar o nosso país no seu soerguimento econômico.

A plantação de variedades criadas em nosso meio e para as nossas condições de clima, permitirá que o Brasil seja, em breve, produtor de trigo em larga escala.

# Aspectos das Exposições Pecuárias celebradas pela Sociedade Rural Argentina



O desfile tradicional de exemplares premiados na inauguração oficial da Exposição

As sessenta e cinco exposições de pecuária realizadas pela Sociedade Rural Argentina desde os dias incertos de seus albores até os de agora, de progresso e firmeza, são outras tantas balizas fincadas para assinalar a evolução da primeira fonte industrial da República Argentina.

## A EXPOSIÇÃO INICIAL

Nos antecedentes históricos surge um dia do mês de outubro de 1866, com forte e acentuado relêvo, em que D. Eduardo Olivera apresenta o primeiro projeto de regulamento para a primeira exposição que celebraria a Sociedade Rural Argentina, cujo artigo inicial dizia: "A exposição da Sociedade Rural Argentina teria lugar no primeiro domingo do mês de março do ano que a Sociedade determine."

Não obstante, a referida data devia alterar-se, já que se escolheu o 20 de julho de 1875 para que se efetuasse o torneio, data que logo também se retificou, realizando-se este no dia 1.º de abril do mencionado ano. Presidia então a Instituição o

sr. José Maria Jurado, e é digno de menção, pelo que de satisfatório resulta sua comparação com o presente, o dado de que concorreram 85 expositores, havendo se apresentado 79 equinos, 18 bovinos, 18 caprinos, 79 ovinos, 5 porcinos, 1 asinino e 153 aves, caninos e coelhos. A exposição celebrou-se na cidade de Buenos Aires, em um local da rua Flórida, entre Córdoba e Paraguai, cedido gratuitamente por Don Leonardo Pereyra.

No mesmo local efetuou-se em 1876 a segunda exposição, inaugurada em 8 de setembro, e como um progresso sobre a do ano anterior, a crônica fez ressaltar que chegaram a vinte os implementos agrícolas exibidos.

## O PRIMEIRO CERTAME DE PALERMO

Em 1877 não se realizou o torneio, porém o que se realizou no ano imediato, 1878, destaca-se com caracteres próprios porque é o primeiro que se celebra no local da rua Santa Fé, junto da Avenida Sarmiento, ou seja no local de Palermo, a que

as exposições pecuárias consagraram com sua fama. Foi então quando a palavra eloquente do Presidente Avellaneda inaugurou o certame, cuja cláusula estava a cargo do Governador da Província de Buenos Aires, Dr. Carlos Tejador. Aumentaram para 132 os expositores e foram apresentados 93 equinos, 36 bovinos, 164 ovinos, 1 caprino, 19 porcinos, 67 aves, cães e coelhos.

Dois anos depois teve lugar a quarta exposição, a 18 de abril de 1880.

A quinta exposição inaugurou-se a 29 de setembro de 1881. Nesse ano tomaram grande incremento as exposições de máquinas agrícolas.

Chegou-se assim ao certame de 1886, inaugurado a 2 de maio que tem pela primeira vez caráter internacional. Um pavilhão de 115 metros de comprimento e 40 de largura destinou-se às máquinas agrícolas, ao que se reuniram as exhibições de material ao ar livre. Outro pavilhão foi utilizado para produtos tecnológicos, notando-se bom número de vinhos e conservas. Devese citar, em realce do torneio de que nos ocupamos, que na categoria de ovinos concorreram com seus produtos as principais cabañas francesas e alemãs da época.

A oitava exposição rural e segunda internacional inaugurou-se em maio de 1890.

A mesma assinalou um progresso muito acentuado sobre a do ano anterior, não só pela quantidade de exemplares exibidos como pela qualidade dos mesmos.

#### VISITA DE CAMPOS SALLES

As exposições seguintes foram crescendo em importância.

A de 1900 coincidiu com a visita do Exmo. Sr. Presidente dos Estados Unidos do Brasil, Dr. Manoel Ferraz de Campos Salles, que compareceu à inauguração do torneio, e desde então data, pode-se dizer, a estreita vinculação que se estabeleceu entre a festa do trabalho agropecuário e a festa de caráter social.

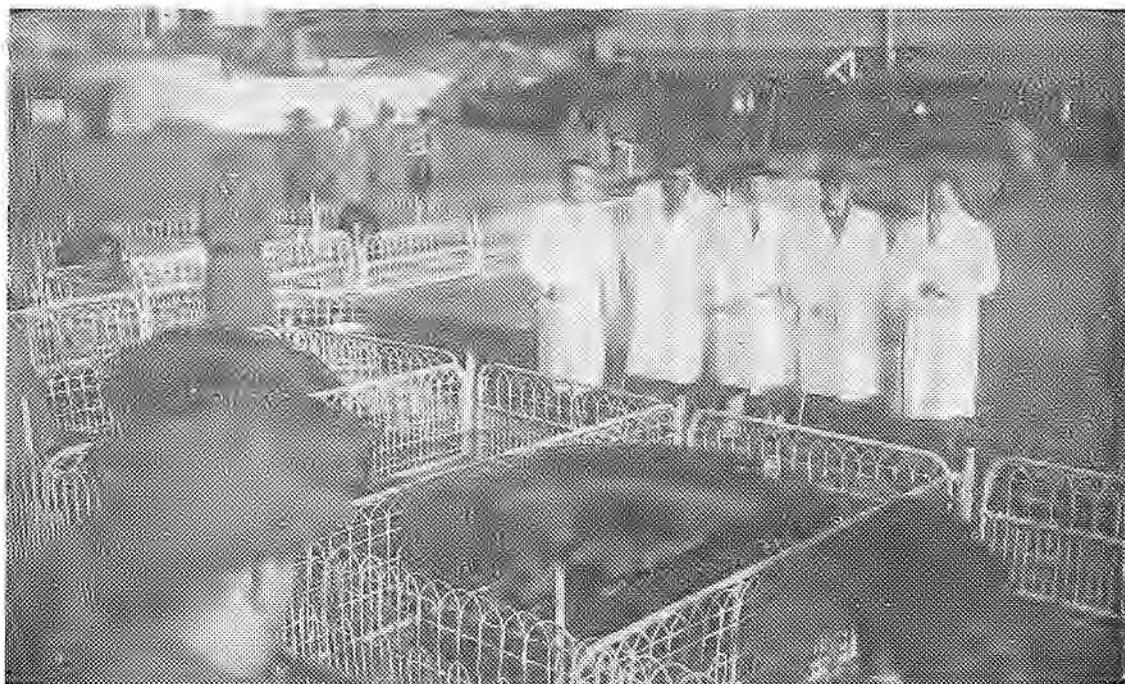
Sem maiores alternativas realizaram-se os certames efetuados nos anos sucessivos, devendo-se notar, sem dúvida, o aumento progressivo do volume de vendas.

Em 1904 o Grande Campeão Shorthorn foi vendido em leilão pela soma de 21.000 pesos m/n, preço não alcançado ainda até essa época.

Na exposição de 1905 as vendas totalizaram a importância de 2.845.720 pesos e o Grande Campeão, pode-se dizer, duplicou a importância obtida no ano anterior, pois no leilão o mesmo alcançou a soma assombrosa, para a época, de 40.000 pesos m/n.



Um grande campeão macho Holando-Argentino, encabeça o desfile dos premiados dessa raça leiteira



A espécie porcina conta também com excelentes exemplares

#### A EXPOSIÇÃO DO CENTENÁRIO

Para a exposição pecuária de 1910, que coincidiu com a celebração do primeiro centenário da Revolução de Maio e que teve caráter internacional, introduziu-se uma modificação na data costumeira para a realização destes torneios, tanto assim que em lugar de realizar-se na primavera, teve lugar em 3 de junho de 1910.

O total das vendas na exposição de 1913 ascendeu a 3.089.256 pesos m/n. superando esta cifra a tôdas as obtidas por igual fim durante dezoito anos em Palermo.

Obteve êsse ano o prêmio de Grande Campeão Shorthorn "Americus", touro vermelho claro do expositor D. Leonardo Pereyra, que foi adquirido por 80.000 pesos m/n, pelos srs. Bartolomé Ginocchio e Filhos, causando surpresa a importância paga, que constituiu um recorde em operações dessa natureza.

O torneio de 1916, de caráter internacional, coincidiu também com o centenário da Independência Nacional e com o meio século de vida da Sociedade Rural Argentina do que resultou um acontecimento pela alta qualidade dos exemplares exibidos e pela repercussão que teve no exterior.

#### ALTOS PREÇOS

Os resultados das vendas da exposição de 1918 adquiriram uma excepcional mag-

nitude, alcançando-se cifras não registradas em nenhum outro certame, pois totalizaram a soma de 5.420.957 pesos m/n. O Grande Campeão Shorthorn "Pearl Hunter 2", do Sr. Miguel A. Martinez de Hoz, foi adquirido por 90.000 pesos m/n, pelo Sr. Jorge Santamarina; e o Campeão Hereford "Dillon", de Ricardo C. Quesada e Cia., foi arrematado em leilão por 50.000 pesos m/n, pelo Dr. Julio Muró, destinado a sua cabaña "La Sanducera", na vizinha República do Uruguai.

A exposição de 1918 assinala outro êxito notável, não só pela qualidade dos animais apresentados, como era natural e lógico nos torneios de Palermo, como também pelo magnífico resultado econômico.

A importância de 6.756.920 pesos m/n ascenderam as vendas.

"Collynio Prince 28", Grande Campeão Shorthorn, dos Srs. Nicolás Bruzone e Filhos foi adquirido por 100.000 pesos m/n pelo Sr. Eduardo Healy.

#### ALCANÇA-SE UM RECORDE DE VENDAS

O certame de 1920, o sétimo de caráter internacional, bateu o recorde de vendas de tôdas as exposições anteriores.

Obteve-se 7.060.727,50 pesos m/n. O Grande Campeão Shorthorn "Faithfull", do Sr. William Angus, foi vendido por 110.000 pesos m/n, sendo seu comprador

o Sr. Frederico Seeger, e "Lame King", Grande Campeão Hereford, de Ricardo C. Quesada e Cia., foi adquirido por 90.000 pesos m/n, pelo Dr. Celedonio Pereda. O número de animais que concorreu a esse certame foi o seguinte: bovinos: Shorthorn 1.351, Polled Durham 4, Hereford 240, Aberdeen Angus 147, R. Lecheras 121, West Highland 1; ovinos 1.006, equinos 230, asininos 2, porcinos 474, caprinos 12, aves de curral 1.397, pombos 32, e coelhos 124.

#### COMPARECE O PRÍNCIPE DE GALLES

O ato inaugural da exposição de 1925 contou com a presença de sua Alteza o Príncipe de Gales e nesse ano foi batido o recorde de preço pago por um animal até aquele momento, correspondente ao Grande Campeão Shorthorn "Faithfull 20", propriedade do Sr. Federico Seeger, adquirido pelos Srs. Bartolomé Ginocchio e Filhos Ltda., pela importância de 152.000 pesos m/n.

Na exposição de 1929 melhorou-se consideravelmente a apresentação dos locais, merecendo especial atenção a localização dos campeões dentro dos pavilhões destinados a suas respectivas raças e a localização preferencial das raças ovinas. Além disso, a venda do Grande Campeão e campeões Shorthorn realizou-se na pista central com todo êxito, marcando-se assim uma nova modalidade.

#### O BANQUETE DOS CAMPEÕES

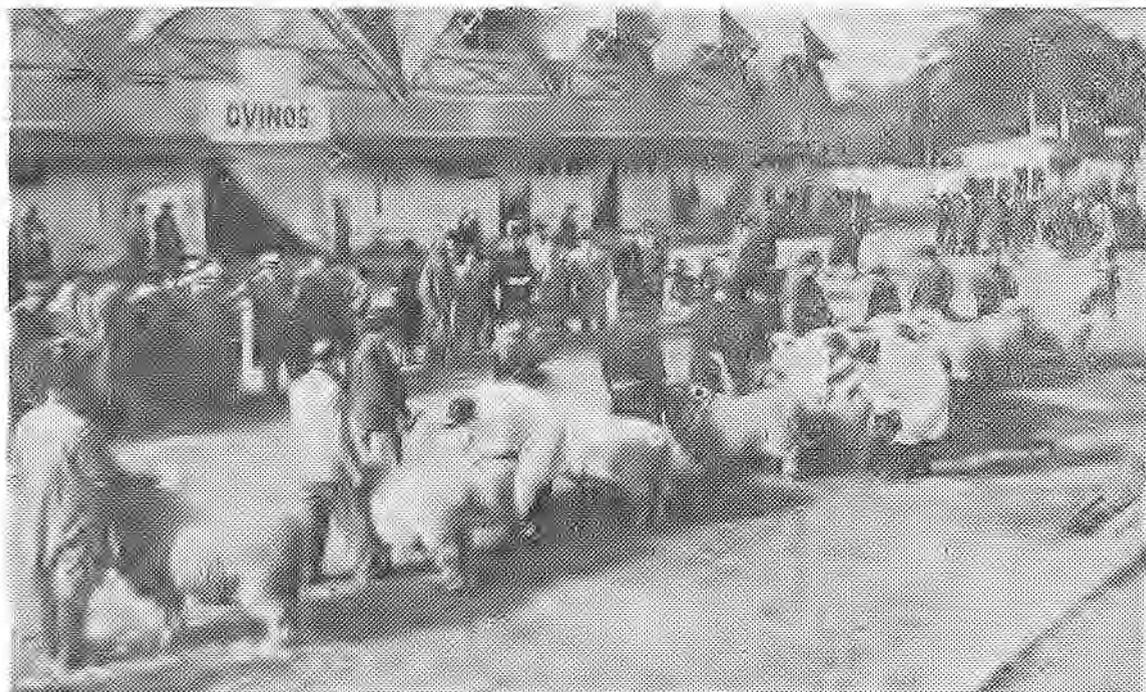
O fato mais saliente do torneio de 1930 constituiu o comparecimento, pela primeira vez, do Chefe do Estado ao banquete dos campeões, pois o assistiu o Sr. Presidente do Governo Provincial, Tenente-General D. José F. Uribuna, acompanhado de seus Ministros e altas autoridades nacionais e provinciais.

#### CONCURSO DE CAVALOS DE SELA E TIRO

Em 1933 a difícil situação pela qual passava a pecuária tornou-se patente, e os leilões só alcançaram a importância de 846.241 pesos m/n; entretanto, no ano seguinte, com uma concorrência mais ou menos igual, duplicaram os preços, assinalando-se assim uma nova reação. Esse ano, ou seja em 1934, realizou-se pela primeira vez o Concurso de Cavalos de Sela e Tiro, anexo à exposição pecuária.

#### A SOCIEDADE RURAL E A MARINHA MERCANTE

Como nota destacada da exposição de 1939, é digno de registro o discurso pronunciado no ato inaugural do certame pelo Dr. Adolfo Bioy, que exercia a presidência da Sociedade Rural Argentina. Referiu-se o Dr. Bioy à circunstância da necessidade de se criar a Marinha Mercante Nacional, o que hoje é uma magnífica realidade, e também à conveniência de ser estabelecido



Juízes de carneiros classificando uma raça da referida espécie

um seguro agrícola obrigatório que poderia concretizar-se com o monopólio do Estado.

#### EXPOSIÇÃO DE GRÃOS E FORRAGEIRAS

Em 1940, dando cumprimento às primeiras diretrizes estabelecidas pelo preâmbulo dos Estatutos da Sociedade Rural Argentina de “provocar e fomentar o desenvolvimento e o progresso da agricultura”, realizou-se uma Exposição e Concurso de Grãos e Forrageiras, que veio a preencher uma necessidade palpável do país que, como o nosso, ocupa lugar privilegiado no mundo entre os principais produtores de grãos.

Nos anos sucessivos foram acentuando-se, ainda mais, os resultados dos leilões, sendo digno assinalar que em 1945, o touro da raça Aberdeen Angus “Estimatjilt of Moon 550”, de filhos de José Firpo S. R. L., foi adquirido pela sra. Celine Zuberbühler de Pirovano por ..... 135.000 pesso m/n.

#### UM CONCURSO SIMPÁTICO

Os certames de Palermo continuaram aumentando o aperfeiçoamento das distintas raças concorrentes em 1947 teve como expressão de colorido a realização inicial do Concurso de Croquis, Desenhos e Esboços Escultóricos. Ao distribuir-se o prêmio do referido concurso, D. José Alfredo Martinez de Hoz, nessa época Presidente da Sociedade e autor de tão simpática iniciativa anunciou que no ano seguinte, ou seja em 1948, realizaria-se, como se realizou, no local social, junto com a XIV Exposição Internacional de Pecuária o “Primeiro Salão de Arte sobre assuntos do campo”.

Assim o *resero* de Sarniguet — disse o sr. Martinez de Hoz — que em extramuros da metrópole, em Mataderos, está imobilizado no bronze como si aquela fora a etapa definitiva de sua viagem, poderia seguir e chegar com sua calvagadura até a nossa Rua Florida, a artéria mais tipicamente portenha, levando para que se conhecesse melhor, as belezas e inquietudes do campo, as palpitações do trabalho pujante que caracteriza a representação de sua riqueza infinita.

#### AS ÚLTIMAS EXPOSIÇÕES

Na exposição de 1950 o número de animais concorrentes ficou assim distribuído: bovinos 1.055, equinos 197; asissinos 3, ovinos 1.091, porcinos 393, aves, pom-

bas e coelhos 905. As vendas atingiram um total de 10.625.400 pesos m/n., e o touro Reservado de Campeão Senior da raça Aberdeen Angus “Meridiane Jilben 76”, propriedade de “El Meridiano” de D. José Pacheco Alvear.

Cabe consignar a visita que no mesmo ano realizou ao local da exposição o sr. Presidente da República General D. Juan D. Perón, que dando um exemplo de sã democracia a percorreu no momento em que nas pistas atuavam os jurados.

Ao deter-se diante do campeão dos Equinos, raça Hunter, que resultou também Grande Campeão Puro Sangue de Carreira, enquanto fazia elogios ao mesmo, no momento em que êle abria a boca mostrando seus dentes, o Chefe do Estado sentenciou sorrindo:

— Oito anos.

— Exatamente, General, respondeu o Eng. Dario H. Anasagasti, proprietário do mesmo.

O General Perón, que também é conhecedor desses assuntos, acertou uma vez mais com sua opinião segura.

No último torneio, ou seja no ano de 1951, houve necessidade de antecipar a exposição que, em vez de realizar-se em agosto, como havia sido programado, realizou-se em 27 de junho, já que era propósito do Poder Executivo Nacional derrubar logo as velhas instalações de Palermo, para construir ali mesmo, um local monumental, digno do grau de progresso alcançado pela pecuária do país. Não obstante a antecipação da data, a exposição alcançou grande brilho e as vendas superaram as de 1950, atingindo um total de ..... 12.486.690 pesos moeda nacional.

#### O CERTAME DESTES ANO

Devendo defrontar-se no corrente ano o mesmo problema do ano anterior, ou seja a construção de um novo local de exposições, antecipou-se a data da XVI Exposição Internacional de Pecuária para 28 de junho próximo, havendo as melhores perspectivas para sua realização, já que os animais inscritos ultrapassam, em tôdas as espécies, aos anotados em 1951.

Atualmente preside a Sociedade Rural Argentina o Dr. Enrique F. Frers, distinto advogado e criador, cujo pai, o Dr. Emilio Frers, também presidiu a Instituição, havendo sido o autor da história de sua vida associativa e o primeiro Ministro de Agricultura do país.

# O COQUEIRO

( COCOS NUCIFERA - L )

Pertence o *coqueiro* a uma família de plantas preciosas a cuja cultura sistemática no país não se tem prestado merecida atenção, pela importância que poderá representar em sua prosperidade econômica, com o nosso litoral vastíssimo e onde essa cultura encontra elementos para se desenvolver com rigor. No dizer de Lineu é o coqueiro o príncipe dos vegetais. São os países tropicais que pela intensidade solar apresentam calorias mais elevadas, como um fator importante na produção de óleos.

No seu livro descritivo do Brasil, Gabriel Soares de Souza, em 1587 já assinalava que as palmeiras produtoras de cocos produziam melhor no Brasil que nas Índias. Serve êsse fato para demonstrar a preocupação dos colonizadores portugueses em introduzirem no Brasil essa planta de alto valor econômico, a qual devido aos métodos empíricos de sua exploração agrícola e industrial não traduz ainda tudo que essa preciosa palmácea deveria ter, sobretudo como fornecedora de matéria gorda para fins industriais e alimentares. Só a produção de margarina já se eleva no mundo a milhares de toneladas, sem contar o emprego do copra em várias indústrias e notavelmente nas saboarias.

Ê, sem dúvida, o coqueiro um dos mais úteis vegetais, do qual tudo se aproveita — madeira do estipe, palmito, seiva, fibras, etc.

Este vegetal prodigioso, que perlonga o litoral brasileiro desde o Rio de Janeiro ao Maranhão, com milhares de pés está fadado a formar no litoral do Setentrião, um principado de prosperidade porquanto vem chegando o momento do coqueiro representar um papel de notável importância econômica. Para que isso suceda é mister que sua cultura seja orientada por princípios agronômicos.

Quem já perlustrou o nosso litoral conhece bem a palmeira elegante que imprime à paisagem típica das praias do norte tão grande beleza e proporciona elevada renda. Se do nosso extenso litoral

fossem aproveitados apenas sete mil quilômetros como mais favoráveis à exploração do coqueiro, teríamos uma área de cultivo para muitos milhões de pés, com uma produção possível de bilhões de cocos dependendo do cultivo racional com adubações e tratamentos contra doenças e pragas.

Dá-se, entretanto, ser grande o contraste que se verifica entre essas possibilidades e a realidade.

Além da exploração do *Coco nucifera L.* existem no Brasil muitas outras espécies do mesmo gênero, formando a região fitogeográfica denominada "zona dos cocais" pelo grande botânico Alberto J. Sampaio e na qual se destaca o babaçú (*Orbignea speciosa*), numa enorme prodigalidade, constituindo imensa riqueza.

A área principal de ocorrência do babaçú, de que exportam a amêndoa, vai além dos Estados do Piauí e Maranhão, Ceará, Mato Grosso, Bahia, Minas Gerais, Goiás, representando um potencial de riqueza inestimável, cuja exploração, em bases planejadas cabe ao Brasil cuidar.

Segundo a estimativa do Serviço de Estatística do Ministério da Agricultura, a produção brasileira do conhecido coco da Bahia foi em 1951 de duzentos e trinta e cinco milhões de cocos, frutificando numa área de 53.360 hectares, no valor de duzentos e setenta e seis milhões de cruzeiros.

Cumprе ressaltar a exploração realizada há alguns lustros no litoral pernambucano, com inteligência e dedicação pelo Dr. Samuel Hardman cujo parecer deve servir de orientação para um programa que venha nortear a exploração racional do coqueiro.

O coqueiro explorado racionalmente, a exemplo do que ocorre nos países asiáticos, feita a sua industrialização, pode, por seus produtos e sub-produtos, representar riqueza econômica de inestimável valor para o nosso país, a exemplo do café, cacau, algodão e outros produtos. Acontece

que para produtos como o copra e o óleo de coco já existem mercados internacionais, além de um mercado interno crescente para o coco e seus produtos.

Além-dos coqueiros existentes e a enorme riqueza já representada pelo babaçú, o litoral do nosso país cultivado em bases racionais poderá satisfazer as necessidades mundiais. Acima de qualquer outra orientação, a que deverá prevalecer será a da técnica agrônômica — escolha do solo, variedade, adubação, defesa contra pragas e doenças e, finalmente, a *indus-*

*trialização* com o aproveitamento racional do coco (seus produtos e sub-produtos) atendendo-se ser limitado o consumo do coco verde ou fresco.

Oxalá, com êstes apontamentos tenha conseguido fazer salientar mais um setor da riqueza, entre as muitas, que hoje são objeto de cogitações para explorações, consideradas básicas para a economia brasileira.

## Dr. Carlos de Sousa Duarte

Em sua residência, na rua Pinto de Figueiredo, 19, Tijuca, faleceu a 13 deste mês o engenheiro agrônomo, aposentado, Sr. Carlos de Souza Duarte, que foi, durante mais de 15 anos, diretor geral do Departamento Nacional de Produção Vegetal e, várias vezes, ministro interino da Agricultura.

O Sr. Carlos Duarte era figura destacada nos círculos agrônomicos e administrativos do país pelos seus conhecimentos dos problemas da nossa economia rural, tendo deixado publicados diversos trabalhos, entre os quais o intitulado "O trabalho no Brasil".

Era, ainda, personalidade de relevo nos meios espiritualistas desta Capital, tendo atuado durante muitos anos membro da Sociedade Teosófica do Brasil, de cuja diretoria participou durante algum tempo. Dedicou-se em seguida ao estudo e propagação das idéias filosóficas de Krishnamurti, e há cerca de 15 anos vinha se dedicando ativamente aos trabalhos da Instituição Cultural Krishnamurti desta Capital, que tem por finalidade a propagação dos escritos daquele filósofo.

Nascido em Cachoeiro do Itapemirim, no Espírito Santo, em 11 de julho de 1888, o extinto era filho do Sr. Antonio José Duarte e de D. Julia Augusta de Souza Duarte.

Era casado com D. Maria Angelina Girão Duarte e deixou os seguintes filhos: D. Julia Isabel Duarte Siqueira, esposa do Sr. José Siqueira, engenheiro, Sr. Antonio Carlos Duarte, Senhorinha Antonieta Duarte e o agrônomo Sr. José Carlos Duarte.

O corpo foi trasladado para a Capela do Cemitério de São Francisco Xavier, onde esteve em Câmara ardente até às 17,30 horas, quando o féretro saiu para o mesmo Cemitério, com grande acompanhamento.

A' beira do tumulo falaram o Sr. Deputado Daniel de Carvalho, ex-Ministro da Agricultura e um representante da Sociedade Nacional de Agricultura.

Era o Dr. Carlos Duarte figura proeminente do quadro social da S. N. A., de cujo Conselho Superior fazia parte, desde muitos anos.

# COOPERAÇÃO DO EXÉRCITO ARGENTINO NOS TRABALHOS AGRÍCOLAS

Traduzido do "Almanaque 1951-1952 do Ministério de Agricultura y Ganaderia", da República Argentina

A colaboração que presta o exército nos diferentes aspectos dos trabalhos agrícolas tem o profundo significado de sua total identificação com os esforçados lavradores na realização do trabalho comum em busca da prosperidade nacional.

Na vida do campo está a prosperidade do país. Sem as possibilidades que oferece a produção agropecuária é impossível alcançar os níveis econômicos que tornam possível o desenvolvimento industrial de uma nação como a nossa, de economia agrícola-pastoril por excelência. A industrialização, neste caso, não pode fazer-se de um modo brusco, deve realizar-se através de sucessivas etapas, na qual a produção do campo deve manter-se constante e ainda em crescimento, a fim de facilitar a paralela progressão industrial, com seu conseqüente aumento de necessidades de abastecimento para os indivíduos empregados nas suas fábricas. Daí que a defesa da produção agropecuária, em tôdas as suas formas constitui um fator essencial não só para manter uma economia primordialmente agropecuária, senão também para alentar o progresso de sua transformação em economia industrial. Por isso, tudo que conduza a proteger a produção agrária redundará em benefício direto dos interesses do povo, especialmente do povo trabalhador, que realiza, com sua ação permanente e firme da grandeza da Pátria.

## LUTA CONTRA O ACRÍDIO

Baseado nessas finalidades o problema, como poderia o exército permanecer alheio à luta do homem do campo em defesa do produto de seu trabalho, ameaçado por um perigo de tão grandes proporções como a da invasão de gafanhotos? No trabalho paciente do lavrador está alicerçada grande parte da prosperidade do país e se algo põe em perigo o resultado de seu trabalho, lógico é que o seu combate com todos os meios possíveis e entre esses meios possíveis estão, justamente, os que podem oferecer os elementos do exército. Desta maneira, ao lançar-se as campanhas contra o gafanhoto pelo Ministério da Agricultura e Ganaderia justo era que êle tomasse parte ativa nas mesmas de modo a tornar mais eficaz a ação empreendida.

## INTERVENÇÃO EFETIVA

A cooperação do exército nas campanhas de luta contra o gafanhoto empreendidas pelo Ministério Agricultura e Pecuária justo era que êle tomasse curso de oficiais, sub-oficiais e soldados, além de abundante dotação de veículos e elementos diversos. As comissões, equipadas com caminhões, jeeps e outros elementos mecânicos do exército, atuando sob a direção de chefes técnicos da Dirección de Sanidad Vegetal do Ministério, constituíram auxílio valiosíssimo para o êxito das referidas campanhas,

as quais cumpriram um trabalho de suma importância.

Para assinalar o espírito com que se prestou essa cooperação do exército basta expressar que por disposição do ministro do ramo, general de División Franklin Lucero, os comandos militares correspondentes foram autorizados a adotar por si tôdas as medidas de urgência que se tornassem necessárias para evitar qualquer demora que viesse incidir em prejuízo do trabalho a ser realizado. Desta maneira, a colaboração do exército nas tarefas realizadas, significou um fator de suma eficácia para combater o gafanhoto em tempo oportuno, impedindo que a invasão dos campos semeados causasse os danos irreparáveis que produz sua voracidade destruidora.

## OBRA DE DEFESA

As medidas adotadas e a obra realizada pelo exército nesta luta configuraram um aspecto da função específica das forças armadas, pois, como já assinalamos antes, a defesa da produção nada mais é do que uma das formas da defesa da Nação, defesa que a elas está confiada de uma maneira especial. Da produção agropecuária depende o abastecimento da população, o que equivale a dizer que nela está baseada a capacidade de defesa total do país em tempo de guerra; e, o que ocorre nestas condições excepcionais tem sua manifestação correlativa na época normal da paz, constituindo um dos motivos de atenção militar enquanto esta deve atender a previsão de todos os fatores conducentes a criar as condições mais favoráveis possíveis para a defesa total da Nação.

A obra assim cumprida, sob forma organizada, firme e eficaz de uma só vez, com o emprêgo de homens e materiais do exército em vastas extensões do território ameaçado pela destruição que significa a presença dessas nuvens do voraz acrídio, que ao pousar sobre os campos semeados converte em deserto tudo quanto era perspectiva de magníficas colheitas, constitui uma cooperação efetiva para salvar essas colheitas e defender, assim o paciente trabalho do lavrador.

## CAPACIDADE MECÂNICA

A máquina não pode ser totalmente útil em seu emprêgo para tarefas rurais se não há quantidade suficiente de homens capacitados para trabalhá-la; e como o incremento da produção agrícola determina um maior emprêgo de elementos mecânicos para aqueles trabalhos se torna duplamente sensível a necessidade de aumentar igual proporção os equipamentos de condutores e mecânicos que terão a seu cargo os referidos elementos.

O exército não permaneceu à margem do que tais necessidades significavam para o país e conforme

sua permanente preocupação com todos os problemas essenciais da Nação para procurar-lhes adequada solução, esteve também presente a êle. Neste sentido, aproveitando ao máximo a passagem por suas fileiras de cidadãos que cumprem o serviço militar, dispõe-se a trabalhar para que grande parte deles sejam instruída no manejo de tratores e outras máquinas rurais. Desta forma, cada ano sai das fileiras do exército uma quantidade considerável de jovens reservistas perfeitamente capacitados para desempenhar-se com eficiência as tarefas próprias de mecanização da agricultura.

#### PRODUÇÃO DE ANIMAIS DE TRACÇÃO

Se bem que a máquina cumpre funções extraordinárias no que se refere a intensificação da produção rural ela não pôde eliminar, de uma maneira total, a tração animal. Isto determina a necessidade de contar-se com cavalos e mulas em quantidades suficientes para atender às exigências agropecuárias. O exército compreendendo que os estabelecimentos pecuários não podem atender à procura de equinos, adotou medidas no caso para intensificar a produção de cavalos e mulas. Dêste modo, a Direção Geral de Remonta e Veterinária envia quase gratuitamente, a quem os solicite, reprodutores de tiro e de sela, sendo único requisito para gozar de tais benefícios possuir planteis de éguas em quantidade não inferior a 15 animais. Os produtos resultantes são logo comprados pela própria Direção Geral, ao fim de um ano e meio. Desta forma, o exército intensifica

não somente a reprodução e o melhoramento do cavalo "tipo" para as necessidades militares, como também os de uso comum para as tarefas do campo, contribuindo assim, para a solução de um problema que em muitos casos é fundamental.

#### OUTRAS FORMAS DE COOPERAÇÃO

Não está somente nos pontos enunciados a cooperação que o exército presta aos trabalhos do campo. Como complemento do exposto cabe dizer que, com o objetivo de favorecer os trabalhos de levantamento das colheitas procede-se ao licenciamento que se realiza no mês de novembro dos conscritos cujos pais são agricultores, a fim de que estes recebam o valioso reforço de trabalho que significa nas suas chácaras a presença de seus filhos, hábeis nas tarefas que devem realizar.

Também pode-se citar a atividade que desenvolvem os serviços de produção agrícola que tem a seu cargo a Direção Geral de Obra Social do Exército, com o aproveitamento dos conscritos para a obtenção da produção a baixo custo para cobrir as necessidades da provedoria mútua, se consegue formar, com esses mesmos conscritos, importantes núcleos de agricultores, que serão imediatamente úteis à sociedade no fim da sua conscrição.

(Almanaque do "Ministério da Agricultura y Ganaderia" da República Argentina referente aos anos 1951-1952, páginas 89 a 93).

# A indústria da Raspa da Mandioca

## UM AGRADECIMENTO À SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA.

Do Sr. Camilo Vanni, Presidente da Associação Profissional da Indústria de Mandioca do Estado de São Paulo, recebeu o Prof. Arthur Torres Filho, Presidente da Sociedade Nacional de Agricultura, o seguinte ofício:

"Depois de seis anos de lutas e incertezas, a lavoura e a indústria de mandioca se sentem, plenamente garantidas nas suas atividades, com assinatura do decreto N.º 30.350 e medidas posteriores do Sr. Presidente da República, e no firme propósito de incentivar o melhorar a produção de farinha de raspa de mandioca para a mistura ao trigo.

Neste momento de vitória de uma causa justa e de alta importância para a economia nacional, e que tanto embaraço encontrou da parte de elementos interessados, é-nos grato testemunhar a V. S. e á Revista a "A Lavoura", da Sociedade Nacional de Agricultura, os agradecimentos de toda a nossa classe pelo muito que fizeram, desinteressadamente, pela nossa causa.

Teremos sempre presente essa valiosa e imprescindível colaboração e, aproveitamos o ensejo para apresentar-lhe nossos votos pela saúde e felicidade, subscrevendo-nos, etc."

# Fórmula de Produção Equina Nacional de Sela, que serve de base aos registos seletivos de mestiçagem da Associação Argentina de Fomento Equino

(Nota da Associação Argentina de Fomento Equino)



"GIRAFÁ"

Campeão Anglo-Argentino. Ganhador da taça da Associação Argentina de Fomento Equino. Primeiro Prémio da sua raça

O cavalo anglo-argentino deve resultar de garanhão de Sangue Puro de Corrida escolhido e égua tipo sela, descendente de autóctones, ou éguas do país, de ampla e correta estrutura. Assim, será enxertada a possante energia da raça inglesa, proveniente de sua origem árabe, transportada para a nossa base crioula. Fórmula de produção que, adotada nos ricos campos da região central da República, terá de fornecer o cavalo de sela, com as qualidades demonstradas nos desportos hípicas, aptos para as fainas civis e militares, e reclamada pela exportação.

O garanhão anglo-argentino é a expressão dessa mesma fórmula, elevado ao aperfeiçoamento por meio de seleção e "aprovado" aos dois anos como tipo reprodutor adequado para o melhoramento.

## O ANGLO-ARGENTINO

Estabelecido em forma definitiva o princípio fundamental de que os criadores são os mais zelosos e capacitados guardiães e, ao mesmo tempo, os mais interessados no aperfeiçoamento da criação de seus rebanhos, conceito que tem sido ratificado pela opinião dos técnicos do Governo, a Associação Argentina de Fomento Equino iniciou a formação de seus Registros Seletivos e Genealógicos de Mestiçagem, com o objetivo de dirigir e ordenar a mestiçagem cavalár, de acôrdo com a função que lhe foi delegada pela Comissão de Superintendência de Hipódromos, presidida pelo sr. Ministro da Agricultura. Assim é que a sua atividade inicial foi a de proceder à classificação das éguas, pondo à margem todo elemento que por seu tipo e estrutura não correspondesse à finalidade traçada. Em pouco tempo, foi possível verificar que a obra não teria a projeção desejada e até faria periclitár as possibilidades de um progresso rápido, enquanto não existisse um abundante plantel de reprodutores aptos para transmitir às éguas escolhidas, os caracteres próprios da sua raça e a correção das suas formas.

O problema de assegurar aos criadores a provisão do garanhão de Sangue Puro de Corrida para a formação do cavalo de sela, é função do Governo, já que a ação oficial gravita, por meio dos reprodutores, sobre a produção equina. Na atualidade, não existe mais do que um reduzidíssimo número de exemplares qualificados para fazer obra de melhoramento, o qual significa a anteposição de uma situação grave, se se deseja evitar a paralização da obra e orientá-la para o aperfeiçoamento

da criação cavalariça de sela, como elemento indispensável à defesa nacional, ao trabalho e à exportação.

A Associação Argentina de Fomento Equino interpretando em toda a sua amplitude as projeções que haveriam de resultar como consequência do exposto, não pôde permanecer indiferente e procurou na mesma corrente de Sangue Puro de Corrida e nos recursos do mecanismo seletivo do seu Registro de Mestiçagem, os elementos úteis para oferecer o máximo de garantias, a fim de continuar a ação progressista do melhoramento da produção. Por isso, tratou da criação dirigida e racional do anglo-argentino, equiparado ao meio-sangue nos países que encabeçam a criação equina na Europa.

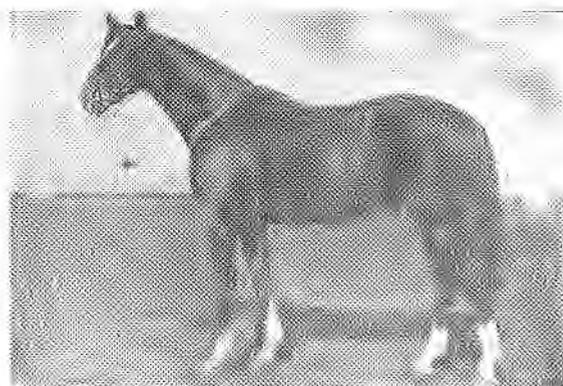
O anglo-argentino é um exemplar de sela garantido pelo regime seletivo e genealógico do Registro de Mestiçagem, na base da fórmula de produção estabelecida: reprodutor de sangue puro de corrida, aprovado por suas condições estruturais, raciais e demonstrativas de aptidões: e égua típica de sela, de ampla e correta conformação. O anglo-argentino, como produto do Registro Definitivo, pode ser destinado à reprodução sempre e quando, ao atingir dois anos, demonstre um alto coeficiente de pontos em favor de sua morfologia e que, além disso, a sua inscrição se ache cercada das garantias que oferecem os progenitores, no que se refere à qualidade das crias nascidas em anos anteriores. Assim, é possível afirmar, sem dar lugar a dúvidas, que o qualificativo "aprovado para a reprodução", que se outorga como corolário das exigências seletivas, justifica amplamente o seu emprêgo como reprodutor e autoriza a aplicar-lhe, também, o título de "apto para o melhoramento".

A Associação Argentina de Fomento Equino, que dirige a criação deste cavalo, o tem designado assim e a Sociedade Rural Argentina o confirmou, já que se torna necessário distinguir com algum termo esse tipo de cavalo criado sistematicamente, do comum dos cavalos mestiços indefinidos e bastardos e ainda porque a simples palavra "mestiço" é tão genérica que em realidade nada indica, pois que mestiço pode ser qualquer produto que não seja puro, de qualquer raça equina. Portanto, o título de "Anglo-Argentino", só pode ser outorgado ao exemplar criado de acordo com as diretivas da dita Associação

e sempre que seus antecessores se encontrem inscritos nos seus Registros Genealógico de Mestiçagem.

Em uma das Exposições de Gado da Sociedade Rural Argentina, ficou demonstrado por meio de dois reprodutores expostos pela Sucessão de Don Dario E. Anasagasti, os fins da ação empreendida pelo Registro da Associação. Ambos ganhões evidenciaram em sua estampa caracteres inconfundíveis de sua origem de puro sangue de corrida, com traços menos finos, mais em deiar de ser elegantes; linhas amplas e ao mesmo tempo estendidas, muita profundidade na sua caixa torácica com boa colocação dos raios motores e excepcionais trens posteriores, tanto em sua construção como no aprumo dos membros. Dotados de um excelente temperamento e de uma ação muito desenvolvida, chamarão, naturalmente, por suas qualidades, a atenção dos criadores e apaixonados do cavalo de sela.

Com esta demonstração realizada em Palermo, iniciou-se publicamente uma obra de transcendental importância para o futuro do cavalo de sela argentino, brindando-se os criadores com um elemento indispensável para chegarem ao bom caminho de uma corrente de sangue de corrida, sem descuidar o volume e a massa exigíveis num bom animal, cujos rendimentos se traduzem em velocidade sobre distâncias com altos pesos no lombo. Além disso, o anglo-argentino preencherá uma grande necessidade nas manadas de incipiente mestiçagem, e daí o cruzamento do puro sangue de corridas com éguas sem defini-



"JUNCAL"

Campeão Anglo-Argentino e segundo Prêmio da raça

ção marcada, põe em oposição dois polos extremamente distantes para a obtenção do termo médio desejado dos produtos que nasçam de tal cruzamento. Deve-se admitir também que o regime de criação natural do anglo-argentino virá favorecer em alto grau sua rusticidade e sua adaptação ao meio, condições essas que forçosamente beneficiarão seus descendentes. Portanto, pode-se afirmar categoricamente que com êle se obtém um elemento de indiscutível valor para criar as bases da criação equina argentina, tão reclamada pela defesa das extensas fronteiras do país.

A êstes argumentos, ajuntaremos o conceito que justifique a imperiosa necessidade do anglo-argentino, já que não devemos deixar passar em silêncio a reputação que têm os "meios-sangue" na Europa, para a formação do cavalo de sela. Em todos os países, cuja preocupação pelo melhoramento da criação de cavalos chegou a um alto grau de eficiência, tem-se criado de maneira intensa o "meio-sangue" pro-

curando satisfazer a diversas exigências; e, da mesma forma, a necessidade de melhorar em sua estrutura e aptidões determinadas raças ou tipos. Neste sentido, pode-se citar como exemplo a Inglaterra, com o Hacknoy e o Yorkshire; a Irlanda, com o Hunter e a Alemanha com os Trakehnen e Oldenburgueses. Na França, ocupam um lugar muito destacado as raças Meiodia, Limousin, Charolesa, da Venda ou da Normândia, tôdas elas de fama consagrada tanto nos concursos, como nas provas de aptidão e nos usos civis, como nas aplicações militares.

É indubitável que no nosso meio esta iniciativa há de dar seus frutos no futuro, mas, como tudo que se relaciona com a criação, é preciso dar tempo ao tempo e ter fé na obra que nos há de oferecer em etapas sucessivas os anglo-argentinos, tal como o exige nossa categoria de país que marcha na vanguarda da pecuária mundial.

## Noticiario da Escola de Horticultura Wencesláo Bello

### 15.º ANIVERSÁRIO DA ESCOLA

Realizou-se, no dia 15 de maio, a solenidade comemorativa do 15.º aniversário da Escola de Horticultura Wencesláo Bello, modelar estabelecimento de ensino mantido na Penha, Distrito Federal, pela Sociedade Nacional de Agricultura, desde 15 de maio de 1937, dirigido pelo Eng. Agrônomo Antonio de Arruda Câmara, Vice-Presidente da S. N. A.

Comemorando tão festiva data foi plantado, pelos alunos, um belo exemplar, de jatobá, falando a ocasião o Prof. Geraldo Goulart da Silveira que fez o histórico do estabelecimento, recordando fatos ligados á instituição que é uma das mais beneméritas obras da Sociedade Nacional de Agricultura.

### MOVIMENTO DO INTERNATO

E' muito animador o movimento do internato da E. H. W. B. que abriga filhos de lavradores dos mais variados recantos do país, distribuídos em três cursos: Curso de Hortelão, Curso de Fruticultor e Curso de Floricultor.

### CURSOS EM COLABORAÇÃO COM A F. G. V.

Com frequência de 231 alunos estão fun- os sete primeiros Cursos Práticos Agrícolas dos vinte e quatro planejados pela Fundação Getúlio Vargas, para serem realizados no corrente ano em colaboração com a F. G. V.

### COMEMORAÇÕES HISTÓRICAS

Comemorando a data de 13 de Maio, realizou o Clube Agrícola Miguel Calmon uma reunião dos alunos da E. H. W. B., falando na ocasião o Prof. Geraldo Goulart da Silveira que dissertou sôbre as Liberações dos Escravos.

### CLUB AGRÍCOLA MIGUEL CALMON

Prosseguem muito animadoras as atividades do Clube Agrícola Miguel Calmon, constituído pelos alunos da Escola de Horticultura Wencesláo Bello. O Serviço de Informação Agrícola do Ministério de Agricultura, através da Seção de Clubes Agrícolas Escolares, vem auxiliando o Clube Agrícola 1.098 fornecendo-lhe publicações, ferramentas e sementes.

# Tipo de vegetação para Potreiros

*Os cuidados na formação de gramados são essenciais para a criação de equinos*

Os potros, ao completarem um ano, são geralmente localizados em piquetes especiais — os potreiros — onde permanecem sob os cuidados do homem, até dois anos de idade, quando se orientam ou para o prado, ou à venda, ou ainda para a reprodução.

Os piquetes que receberão os animais daquela idade devem ser cuidadosamente escolhidos e preparados. A turbulência natural da espécie é conhecida. Os potros exercitam-se em desabalada carreira, dão coices, empinham, brincam e brigam. O terreno para a formação dos piquetes para os potros será, por isso, criteriosamente analisado para evitar as grandes fendas do solo, provenientes da erosão. Esses sulcos representam constante perigo para a vida dos potros que podem sofrer fraturas e distensões.

## *A organização dos potreiros*

A topografia, ligeiramente acidentada, é conveniente, obrigando os animais a um esforço benéfico que lhes fortalece os músculos e os ligamentos. A vegetação do piquete deve ser tal que possa sustentar o pisoteio e a pastagem.

Os potreiros devem ser cercados com arame liso e entre os moirões, pintados de branco e sólidamente fincados, a uma altura de 1,50m põe-se ripa de madeira, também pintada de branco. Esta precaução evitará a tentativa de saltos.

O arame farpado e os cantos das cercas, numa criação de cavalos, devem ser evitados, pelos perigos de cortes da pele, comprometendo o valor dos animais.

Os potreiros devem ser gramados com o capim quicuío e com a grama de batatais.

## *O quicuío*

O capim quicuío (*Pennisetum clandestinum*) é gramínea perene, introduzida da África, que forma extensos gramados, constituídos de folhas estreitas e longas. Suas raízes facilmente se estendem pelo terreno, atapetando-o bem. Em solo fértil, atinge alturas consideráveis (1,00 a 1,30 m) alcançando, normalmente, de 40 a 60 cm. O terreno do piquete deve ser, inicialmente gradeado, fazendo-se a plantação, por estacas e mudas, no início da es-

**ARMANDO CHIEFFI**

Médico-Veterinário

tação das águas. A distância, nos terrenos férteis, pode ser de um metro, sendo aconselhável plantar as estacas de 80 a 80 centímetros, nas terras mais fracas. É conveniente estercar o solo com estrume de curral, na base de 30 toneladas por hectare (10 mil metros quadrados). O capim quicuío suporta o frio, o calor, a seca e o pisoteio. Contudo, o piquete, após alguns anos, precisa ser replantado porquanto a produção cai de modo apreciável. Em terreno de qualidade média, a produção por 10 mil metros quadrados, pode subir a 60 toneladas, dando 6 cortes anuais.

## *A grama Batatais*

A grama de Batatais, também chamada grama forquilha (em virtude do tipo de inflorescência), capim de pasto ou grama do Rio Grande (*Paspalum notatum*) é outra, gramínea perene, nacional, indicada para a formação de potreiros, pela facilidade de gramar, embora, inicialmente, se alastre de modo lento. Resiste igualmente ao pisoteio formando então extenso lençol verde de 20 a 50 cm. de altura. As mudas devem ser plantadas de 50 a 50 cm. e uma vez formado o piquete, há necessidade de colocar os animais, para evitar que a gramínea se desenvolva, floresça e venha a apresentar falhas pela dificuldade de germinação das sementes.

Para ambas as gramíneas citadas, a época apropriada para sua plantação é o início das águas, justamente nos meses de setembro e outubro.

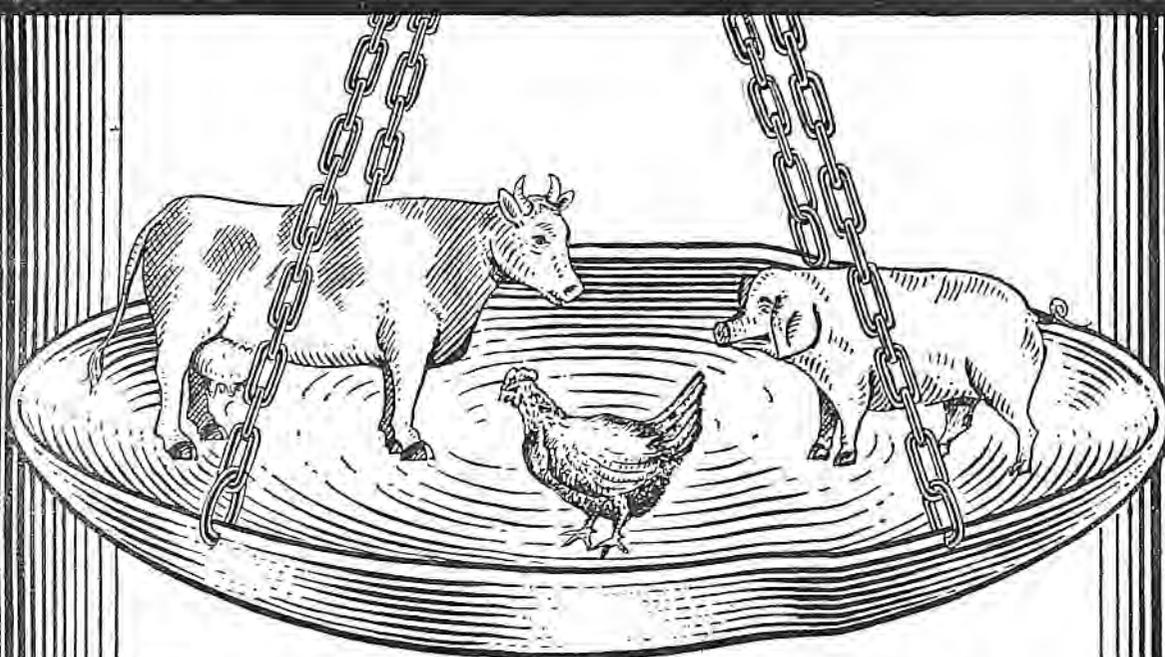
## “A LAVOURA” EM SÃO PAULO

É representante credenciado desta Revista, para todo o Estado de S. Paulo, o Sr.

## NEWTON FEITOZA

RUA BOA VISTA, 245, 3.º andar. Tel. 33-1432

End. Tel. “LINEFE”. C. A. 7257 — SÃO PAULO



# DEVOLVENDO

ao dono o seu  
pêso em **OURO!**

## TORTA COMPLETA Nº 1

Para vacas leiteiras,  
cabras e coelhos.

## TORTA COMPLETA Nº 2

Para porcos e açogue.

## TORTA COMPLETA Nº 5

Para galinhas poedeiras.

ANIMAIS SADIOS  
BONS PRODUTOS  
BOM RENDIMENTO







" " " Vitória de Santo Antão — Vi-  
tória de Santo Antão  
" " " Aliança — Aliança  
" " " Escada — Escada  
" " " Orobó — Orobó  
" " " Cabo — Cabo  
" " " Olinda — Olinda  
" " " S. Bento de Una — S. Bento de  
Una  
" " " Agrestina — Agrestina  
" " " Arcoverde — Arcoverde  
" " " Lajêdo — Lajêdo  
" " " Serinhaem — Serinhaem  
" " " Igarassú — Igarassú  
" " " Gravatá — Gravatá  
" " " Gameleira — Gameleira  
" " " Garanhúns — Garanhúns  
" " " João Alfredo — João Alfredo  
" " " Glória de Goltá — Glória de Goltá  
" " " Cabrobó — Cabrobó  
" " " Bonito — Bonito  
" " " Rio oFmoso — Rio Formoso

Série ARE

Associação dos Fornecedores de Cana de Pernambuco  
— Recife

Série FAR

Federação das Associações Rurais do Estado de Per-  
nambuco — Recife

ESTADO DE ALAGOAS

Série AR

Associação Rural de S. Miguel dos Campos — S. Miguel  
dos Campos

Série ARE

Associação dos Plantadores de Cana de Alagoas — Maceió

ESTADO DE SERGIPE

Série AR

Associação Rural de Divina Pastora — Divina Pastora

" " " Aracajú — Aracajú  
" " " Laranjeiras — Laranjeiras  
" " " Estâncias — Estâncias  
" " " Japoatá — Japoatá  
" " " Capela — Capela  
" " " Aquidabã — Aquidabã  
" " " Arauá — Arauá  
" " " Siriri — Siriri  
" " " Buquim — Buquim  
" " " Darcilena — Darcilena  
" " " Itabaianinha — Itabaianinha  
" " " Nossa Senhora das Dores — Nossa  
Senhora das Dores  
" " " Lagarto — Lagarto  
" " " Itabaiana — Itabaiana  
" " " Pirapitinga — Pirapitinga  
" " " Propriá — Propriá  
" " " Muribeca — Muribeca  
" " " Frei Paulo — Frei Paulo  
" " " S. Cristóvão — S. Cristóvão  
" " " S. Amaro das Brotas — S. Amaro  
das Brotas  
" " " Japarutuba — Japarutuba  
" " " Simão Dias — Simão Dias  
" " " Riachuelo — Riachuelo  
" " " N. S. da Glória — N. S. da Glória  
" " " Guaruru — Guaruru  
" " " Ribeirópolis — Ribeirópolis  
" " " Pôrto da Fólha — Pôrto da Fólha  
" " " Canhoba — Canhoba  
" " " Ribeirão dos Dantas — Ribeirão  
dos Dantas

" " " Tobias Barreto — Tobias Barreto  
" " " Campo de Brito — Campo de Brito  
" " " Itaporanga d'Ajuda — Itaporanga  
d'Ajuda  
" " " Cotinguiuba — Cotinguiuba  
" " " Cristanópolis — Cristanópolis

Série ARE

Associação dos Plantadores de Cana de Sergipe—Aracajú

Série FAR

Federação das Associações Rurais do Estado de Ser-  
gipe — Aracajú

ESTADO DA BAHIA

Série AR

Associação Rural de Ilhéus — Ilhéus  
" " " Itabuna — Itabuna  
" " " Jequié — Jequié  
" " " Entre Rios — Entre Rios  
" " " S. Gonçalo dos Campos — S. Gon-  
çalo dos Campos  
" " " Mutuipe — Mutuipe  
" " " Pilão Arcado — Pilão Arcado  
" " " Jacobina — Jacobina  
" " " Pojuca — Pojuca  
" " " Coração de Maria — Coração de  
Maria  
" " " Santaluz — Santaluz  
" " " Nazaré — Nazaré  
" " " Coonceição do Coité — Concelção  
do Coité  
" " " Ibipetuba — Ibipetuba  
" " " Remanso — Remanso

Série ARE

Associação Rural dos Fornecedores de Cana do Estado  
da Bahia — Salvador

Série SEA

Associação Bahiana de Agronomia — Salvador

ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

Série AR

Associação Rural de Itaguaçu — Itaguaçu  
" " " Afonso Cláudio — Afonso Cláudio  
" " " São José do Calçado — S. José  
do Calçado  
" " " Alfredo Chaves  
" " " Anchieta — Anchieta  
" " " Santa Leopoldina — Santa Leo-  
poldina  
" " " Santa Teresa — Santa Teresa  
" " " Colatina — Colatina  
" " " Castelo — Castelo  
" " " Domingos Martins — Domingos  
Martins  
" " " Alegre — Alegre  
" " " Guapi — Guapi  
" " " Muqui — Muqui

Série ARR.

Associação Rural Sul do Espírito Santo — Cach. do  
Itapemirim.

Série FAR

Federação das Associações Rurais do Estado do Espírito  
Santo — Vitória

ESTADO DE MINAS GERAIS

Série AR

Associação Rural de Nepamuceno — Negamuceno  
" " " Alfenas — Alfenas



" " " S. Simão — S. Simão  
 " " " Iacanga — Iacanga  
 " " " Pitangueiras — Pitangueiras  
 " " " Arealva — Arealva  
 " " " São Roque — São Roque  
 " " " Reginópolis — Reginópolis  
 Sociedade Viti-Vinícola e Rural de Jundiá — Jundiá  
 Associação Rural de Cajuro — Cajuro  
 " " " Leme — Leme  
 " " " Ourinhos — Ourinhos  
 " " " Americana — Americana  
 " " " S. Rita Passa Quatro — S. Rita do Passa Quatro.  
 " Agro-Pecuária de Marília — Marília

Série ARR

Associação Agro-Pecuária do Vale do R. Canoas—Mococa  
 " " " " Vale do R. Tieté — Lins  
 " " " " Rio Preto — Rio Preto  
 " " " " Salto Avanhandava — Penápolis  
 " " " " Zona Araraquara — Araraquara  
 " " " " Vale do Paraibuna—Jacareí  
 Associação Rural de Cafelândia — Cafelândia  
 " " do Vale do Rio Grande — Barretos  
 " " de Botucatu — Botucatu  
 " Agro-Pecuária de Guaratinguetá — Guaratinguetá  
 " " " " Quatá — Quatá  
 " Rural da Região de P. Prudente — P. Prudente  
 " " da Região de Araguaçu — Araguaçu  
 " " de Ribeirão Preto — R. Preto  
 " " do Vale do Sapucaí — Franca  
 " " da Zona de Piracicaba — Piracicaba  
 " " dos Fazendeiros da Zona de Jaú—Jaú  
 " " da Zona de Rio Claro — Rio Claro  
 " " Litoral Paulista — Santos  
 " " de Itu — Itu  
 " " Birigui — Birigui  
 " " S. José do Rio Pardo — S. José do Rio Pardo  
 " " do Vale do Ribeira -- Registro  
 " " Jaboticabal — Jaboticabal  
 " " de Sorocaba — Sorocaba  
 " " de Tupã — Tupã  
 " " de Andradina — Andradina  
 " " Taquaritinga — Taquaritinga  
 " " da Região de São Paulo — São Paulo  
 " " Monte Alto — Monte Alto  
 " " do Vale do Rio Pardo — Cerqueira Cesar  
 " " de Zona de Orlândia — Orlândia  
 " " de Mogi das Cruzes—Mogi das Cruzes  
 " " de Baurú — Baurú  
 " " de Piedade — Piedade  
 " " de Martinópolis — Martinópolis  
 " " da Região de Pompeia — Pompeia  
 " " da Região de Pompeia — Pompeia  
 " " da Região de Socorro — Socorro  
 " " de Lençóis Paulista — Lençóis Paulista  
 " " de Montenegro — Montenegro

Série ARE

Associação Brasileira de Criadores de Bovinos da Raça Gir — São Paulo  
 Associação Paulista de Criadores de Bovinos — São Paulo  
 Federação das Associações Rurais do Est. de São Paulo — São Paulo.

ESTADO DO PARANÁ

Série AR

Associação Rural de Piraquara — Piraquara  
 " " " Malet -- Malet  
 " " " Caviuna — Caviuna  
 " " " S. Matheus do Sul -- S. Matheus do Sul  
 " " " S. Antônio da Platina — S. Antônio da Platina  
 " " " Bandeirantes — Bandeirantes  
 " " " Araucária — Araucária  
 " " " Rio Negro — Rio Negro  
 " " " Curitiba — Curitiba  
 " " " Campo Largo — Campo Largo  
 " " " União da Vitória — União da Vitória  
 " " " Foz do Iguaçu — Foz do Iguaçu  
 " " " Prudentópolis — Prudentópolis  
 " " " Irati — Irati

Série ARR

Associação Rural Zona de Cornélio Procópio — Cornélio Procópio  
 " " Zona de Cambará — Cambará

Série FAR

Federação das Associações Rurais do Estado do Paraná — Curitiba

ESTADO DE SANTA CATARINA

Série AR

Associação Rural de Curitibanos — Curitibanos  
 " " " Orleães — Orleães  
 " " " Campos Novos — Campos Novos  
 " " " Lages -- Lages  
 " " " Biguaçu — Biguaçu  
 " " " S. José — S. José  
 " " " Jaraguá do Sul — Jaguará do Sul  
 " " " Tubarão — Tubarão  
 " " " Mafra — Mafra  
 " " " Creciuma — Creciuma  
 " " " Canoinhas — Canoinhas  
 " " " Palhoça — Palhoça  
 " " " Campo Alegre — Campo Alegre  
 " " " Porto União — Porto União  
 " " " Caçador — Caçador  
 " " " Serra Alta — Serra Alta  
 " " " Timbó — Timbó  
 " " " Jaguaruna — Jaguaruna  
 " " " Rio do Sul — Rio do Sul  
 " " " Blumenau — Blumenau  
 " " " Urussanga — Urussanga  
 " " " Itaiópolis — Itaiópolis  
 " " " Tijucas — Tijucas  
 " " " Joinville — Joinville  
 " " " Imaruí — Imaruí  
 " " " Florianópolis — Florianópolis  
 " " " Joaçaba — Joaçaba  
 " " " Laguna — Laguna  
 " " " Camboriu — Camboriu  
 " " " Massaranduba — Massaranduba  
 " " " S. Joaquim — S. Joaquim  
 " " " Brusque — Brusque  
 " " " Ibirama — Ibirama  
 " " " Nova Trento — Nova Trento  
 " " " Piratuba — Piratuba  
 " " " Chapecó — Chapecó  
 " " " Concórdia — Concórdia  
 " " " Itaporanga — Itaporanga  
 " " " Bom Retiro — Bom Retiro  
 " " " Araranguá — Araranguá

" " " Taió — Taió  
" " " Capinzal — Capinzal

## Série FAR

Federação das Associações Rurais do Estado de Santa Catarina — Florianópolis

## ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

## Série AR

Associação Rural de Alegrete — Alegrete  
" " " D. Pedrito — D. Pedrito  
" " " Taquari — Taquari  
" " " Estréla — Estréla  
" " " Garibaldi — Garibaldi  
" " " Viamão — Viamão  
" " " Júlio de Castilhos — Júlio de Castilhos  
" " " Soledade — Soledade  
" " " Camaquã — Camaquã  
" " " Caçapava do Sul — Caçapava do Sul  
" " " Santo Angelo — Santo Angelo  
" " " Lagoa Vermelha — Lagoa Vermelha  
" " " Quaraí — Quaraí  
" " " S. Luiz Gonzaga — S. Luiz Gonzaga  
" " " Rosário — Rosário  
" " " Cruz Alta — Cruz Alta  
" " " Bagé — Bagé  
" " " Lajeado — Lajeado  
" " " Pinheiro Machado — Pinheiro Machado  
" " " Piratini — Piratini  
" " " S. Vitória do Palmar — S. Vitória do Palmar  
" " " Arroio do Meio — Arroio do Meio  
Soc. Past. Agric. e Ind. de Jaguarão — Jaguarão  
Associação Rural de S. Francisco de Paula — S. Francisco de Paula  
" " " Canóas — Canóas  
" " " Antônio Prado — Antônio Prado  
" " " Flores da Cunha — Flores da Cunha  
" " " Guaporé — Guaporé  
" " " São Gabriel — São Gabriel  
" " " Candelária — Candelária  
" " " Uruguaiiana — Uruguaiiana  
" " " Bom Jesus — Bom Jesus  
" " " Santa Rosa — Santa Rosa  
Sociedade Agrícola de Pelotas — Pelotas

## Série ARR

Casa Rural Serrana — Tupanciretã

## Série ARE

Associação dos Horticultores do R. G. do Sul — Porto Alegre

## Série FAR

Federação das Associações Rurais do Estado do Rio Grande do Sul — Porto Alegre

## ESTADO DE GOIÁS

## Série AR

Associação Rural de Caldas Novas — Caldas Novas  
" " " Uruaçu — Uruaçu  
" " " Goiandira — Goiandira  
" " " Parauna — Parauna  
" " " Corumbá de Goiás — Corumbá de Goiás  
" " " Catalão — Catalão  
" " " Formosa — Formosa  
" " " Filadélfia — Filadélfia  
" " " Planaltina — Planaltina  
" " " Anicuns — Anicuns

" " " Nerópolis — Nerópolis  
" " " Paraná — Paraná  
" " " Itaberaí — Itaberaí  
" " " Leopoldo de Bulhões — Leopoldo de Bulhões  
" " " Inhumas — Inhumas  
" " " Ipameri — Ipameri  
" " " Miracema do Norte — Miracema do Norte

## Série ARR

Associação Rural de Goiás — Goiânia

## Série FAR

Federação das Associações Rurais do Estado de Goiás — Goiânia

## ESTADO DO MATO GROSSO

## Série AR

Associação Rural de Cáceres — Cáceres  
" " " Paconé — Paconé  
" " " Cuiabá — Cuiabá  
" " " Corumbá — Corumbá  
" " " Dourados — Dourados  
" " " Ponta Porã — Ponta Porã  
" " " Bela Vista — Bela Vista  
" " " Campo Grande — Campo Grande  
" " " Paxoreu — Paxoreu

# A LAVOURA

(ÓRGÃO DA SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA)

Fundada em 1897

Eng.º Agrônomo ARTHUR TORRES FILHO

Presidente da Sociedade

Eng.º Agrônomo ANTONIO DE ARRUDA CAMARA

Diretor

Eng.º Agrônomo KURT REPSOLD

Diretor Técnico

Eng.º Agrônomo GERALDO GOULART DA SILVEIRA

Redator-Técnico

LUIZ MARQUES POLIANO

Redator-Secretário

Redação e Administração:

Av. Franklin Roosevelt, 115-6.º

Telefone: 42-2981

Caixa Postal 1245

Rio de Janeiro

Nem a redação da Revista nem a Sociedade Nacional de Agricultura são responsáveis pelos conceitots emitidos em artigos assinados

Representante para todo o Estado de S. Paulo:

**NEWTON FEITOZA**

RUA BOA VISTA, 245, 3.º andar. Tel. 33-1432  
End. Tel. "LINEFE". C. A. 7257

— SÃO PAULO —

**O Corriedale — Raça ovina de duplo fim — Lã e carne — Suas origens — Regiões que ocupa — A obra das Associações de Criadores — A tatuagem A. C., M. O. e S. O. — Sua significação**

POr G. A. PUEYRREDON

É precisamente nos momentos como os atuais de grande depressão laneira, que se considera em todo seu valor essa apreciada característica da raça, de produzir, tanto um fino fio de ótima qualidade como uma boa rez para carne. Hoje mais do que nunca temos ouvido dos criadores as vantagens desta condição no *Corriedale*.

No momento, em que por razões circunstanciais verifica-se uma grande baixa nas cotações da lã o que traz uma paralização quase total nos mercados argentinos, não fora a boa condição no sentido da produção de carne do *Corriedale* e o produtor teria entrado em franca bancarrota.

Com efeito; os impostos cada vez mais elevados, as despesas em contínuo aumento e o fisco com maior apetite que de costume, são fatores que concorrem para tornar mais difícil ainda a vida do produtor e ainda mais caso ele se dedique exclusivamente a uma finalidade especial como seja a exploração da lã. Quando esta falta

ou é de difícil venda, a ruína e a miséria são a consequência lógica.

Como haviam de pagar os produtores o imposto aos juros pelos lucros obtidos no ano anterior si a lã de recente colheita se encontra estagnada nas barracas e com os créditos restringidos nos Bancos? Somente, graças a boa condição do *Corriedale* como animal de carne, pois se conseguiu vender a cordeiragem, os borregos e as ovelhas a preços mais ou menos vantajosos que tornaram menos sensível as perdas na exploração ovina. De outra maneira não se teria resistido ao golpe que significava para a indústria lanífera a paralização da venda do textil.

*Suas origens*

Sob o ponto de vista biológico, o *Corriedale*, começou sua carreira como um mestiço. Foi em suas origens o produto da fu-



Um grupo de carneiros Corriedales p.p.c. tosquiados e tatuados A. C., que demonstram sua ótima condição de animal de carne



Um grupo de borregos com tôda sua lã destinados a uma exposição regional

são das duas raças já melhoradas. A raça *Merino* por uma parte e por outra a *Lincoln*. Surgiu como uma necessidade do momento em situações semelhantes às atuais.

Ao povoar-se de ovelhas as novas Colônias Britânicas da Austrália e Nova Zelândia começaram a afluir aos mercados europeus tais quantidades de lãs finas que deslocaram completamente o comércio deste têxtil. Os produtores europeus de ovinos viram-se repentinamente ameaçados da ruína ao produzir-se a baixa das consequentes cotações e esta circunstância determinou a conveniência de se pensar na transformação do ovino, exclusivamente de lã como o *Merino*, em um animal que ao mesmo tempo produza carne para satisfazer às necessidades do momento.

Desta maneira salvou-se a exploração ovina do continente europeu. De não haver reagido a tempo, a exploração da lã, haveria desaparecido assim como extinguir-se-á nos países onde sua exploração resulta anti-econômica por sucessivas cargas fiscais e aumentos dos custos de exploração.

Por outro lado nas Colônias Britânicas e na América logo após a implantação dos sistemas frigoríficos, se tornou possível a

exportação em grandes quantidades de carne ovina que se vendia a preços razoáveis e cuja venda viria compensar as quebras do mercado lanígero abarrotado.

Os franceses criaram, pois, o *Diehley-Merino*, os ingleses o *Anglo-Merino* que teve bastante aceitação durante os primeiros decênios do século passado, os norte-americanos advogavam a criação de um animal de linhas parecidas e no Rio da Prata cruzaram-se as ovelhas pampas e crioulas, primeiramente com o *Merino* de Sajonia ou da França e logo com as raças de lã larga, principalmente com a *Lincoln*, já melhorada com a injeção de sangue *Leicester*.

Todos esses cruzamentos pecavam pelo defeito de falta de uniformidade. Os criadores se deixam levar por caprichos do momento e a flutuação do preço da lã. Uma vez eram carneiros *Merinos* os que se lançavam nas manadas, enquanto que em outras eram *Lincoln* os que se empregavam, de acôrdo com as preferências do mercado ou pelos diferentes graus de finura no momento.

Foi necessário o aparecimento de um homem de singular dotes de inteligência, constância no esforço e larga visão, para empreender a tarefa de fixação dos caracteres das duas raças tão diferentes. Coube esta honra a Mr. James H. Little, fazendeiro de Nova Zelândia, quem indiscutivelmente o conseguiu e hoje vemos o resultado nos diferentes países onde se cria.

#### *Regiões que ocupa*

Indiscutivelmente, o *Corriedale* é um dos ovinos mais universais. Na República Argentina se estende desde as mais remotas e austrais regiões patagônicas até as temperadas a sub-tropicais. Todo o Uruguai é apto e está povoado com *Corriedales*, como demonstram as últimas estatísticas.

Rio Grande do Sul, o grande Estado criador brasileiro o iniciou há anos, com singular êxito, a exploração do *Corriedale*.

Existem grandes criadores nos Estados Unidos e em seu país de origem, Nova Zelândia que dividem com o *Romney Marsh* as preferências dos criadores.

A mesma Austrália, terra que se caracterizava por possuir os melhores *Merinos* do mundo, não desdenhou possuir também

muitos rebanhos, de Corriedale e se vangloria de abrigar um dos maiores criadores de animais de "pedigree" desta raça, a Cabaña de Mr. Guthrie.

O Chile, especialmente na região sul de seu território, possui numerosos rebanhos de Corriedale e a exposição que se realiza no ponto mais austral do continente, em Punta Arenas, se caracteriza pelos magníficos reprodutores que expõe, muitos dos quais foram exportados para outras partes da América a preços considerados os mais altos do mundo.

O Perú desenvolveu ótimos rebanhos de Corriedale principalmente no planalto de Puno. Os criadores foram repetidas vezes ao mercado argentino em procura de novos reprodutores.

Não desejo extender-me em pormenores sobre as características da raça cujo *standard* é bastante conhecido dos criadores brasileiros do Rio Grande do Sul. Nada melhor que os técnicos destacados pelo Ministério da Agricultura daquele Estado e que nos visitam anualmente por motivo da exposição de Palermo, para julgar da bondade da raça e suas características especiais para campos do Paraná e outros que se prestariam para esse tipo de exploração por pouco que se lhe dedique o tempo a ação consequentes.

#### *A obra das associações de criadores*

Os criadores da Argentina, assim como do Uruguai e do Rio Grande do Sul compreenderam, no momento preciso, que para preservar as grandes qualidades da raça era necessário velar por ela permanentemente.

Constituíram-se assim, Associações de Criadores que contavam com pessoal técnico encarregado de revistar os rebanhos e proceder a sua seleção. Esses inspetores estavam credenciados para aceitar ou rejeitar os animais submetidos a seu julgamento. Aqueles dignos de figurar com o nome de Corriedale eram tatuados na orelha com a marca sociedade, e, por outro aconselhava-se a rejeição daqueles que não possuíam os caracteres típicos da raça.

Tinha-se por objetivo, — além do propósito seletivo de grande amplitude — evitar que pessoas sem escrúpulos se aproveitassem do prestígio da raça e surpreendessem a boa fé dos compradores fazendo passar por Corriedale animais de primeiro cruzamento, sem nenhuma constância nem fixidez de sangue.

Daí surgiu o A. C. argentino, o M. O. uruguaio e o S. O. brasileiro, Estas letras,



O autor desta nota examinando como jurado um reprodutor Corriedale em uma Exposição de Rio Gallegos — Patagonia — Argentina

tatuadas pelos inspetores nas orelhas dos animais aceitos constituem um verdadeiro certificado de excelência que dá ao comprador uma garantia segura de que o que comprou é realmente Corriedale. Basta percorrer as exposições onde se vendem ou exibem animais que levam a tatuagem para aquilatar-se da seriedade e escrupulosidade com que se procede.

A tatuagem é estampado somente nos animais plenamente puros por cruza e em dez anos de implantação do sistema é notável observar-se como o público o compreendeu, pagando maiores preços pelos animais tatuados ainda que, na aparência os demais pareçam iguais.

Na Argentina, as vendas de maior estabilidade quanto a animais tatuados A. C. (reprodutores machos e fêmeas, carneiros e ovelhas para rebanhos e planteis P.P.C.) se realizam todos os anos ao iniciar-se a primavera no pátio dos srs. Bulrich & Cia. é organizada pela Associação Argentina de Criadores de Corriedale e só admite animais tatuados, isto é, que todos sem exceção tenham sido examinados pelos técnicos da Associação. De não menor hierarquia são as exposições de Coronel Pringles e de Coronel Suarez.

É lastimável que as dificuldades de viagens e o trâmite embaraçoso e lento dos passaportes impeçam ou pelo menos dificultem o intercâmbio de pessoas, pois seria muito grato a nós, argentinos, poder oferecer a nossos amigos brasileiros o espetáculo de um lote como o que se exhibe na mencionada exposição de Bullrich, onde se contempla uma linha de mais de 600 carneiros puros por cruza, tatuados A. C., todos de um só tipo que se oferecem com liberalidade e em hasta pública.

O Brasil, por razões de vizinhança e facilidade de comunicações preferiu sempre importar Corriedale do Uruguai. Muito longe de nosso espírito estaria criticar êsse modo de agir, porquanto nossos irmãos da outra banda ganharam ótimo prestígio como criadores de Corriedale. Cremos, não obstante, que bem poderia haver cabimento para uma corrente de importações de nosso país ao Brasil, ainda que a título de experiência, com reprodutores ostentando o signo da Associação; naturalmente, sempre que sejam removidos de uma e de outra parte, todos os obstáculos e os inúmeros entraves — principalmente os de câmbio — que tanto dificultam todo proveitoso comércio.

## CHÁCARA SANTA CRUZ

Grande cultivo de coqueiro anão

AVENIDA DA AREIA BRANCA

CURATO DE SANTA CRUZ — DISTRITO FEDERAL

VENDEM-SE MUDAS SELECIONADAS

Encomendas: Rua Miguel Lemos, 126-Fone 270521 — Copacabana

# Encaminhamento de vocações para a Agricultura

ENGENHEIRO AGRÔNOMO  
GERALDO GOULART DA SILVEIRA  
Diretor Técnico da S. N. A.

O ensino agrícola entre nós precisa e deve ser intensificado, pois nenhuma assistência agrícola pode ser mais efetiva e eficiente do que a assistência sob a forma de ensino.

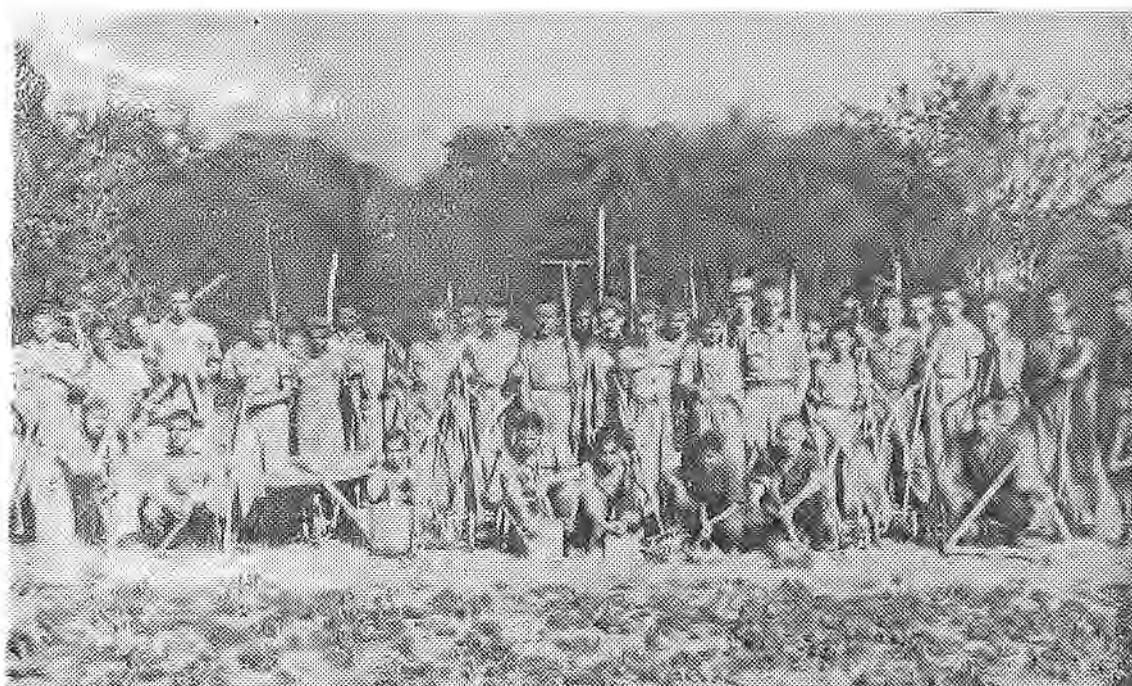
Entre as diversas modalidades de ensino agrícola podemos destacar o **Ensino Agrícola Avulso**, sob a forma de **Cursos Agrícolas Práticos**, destinado a dar a jovens e adultos uma sumária preparação profissional.

É essa, a nosso ver, uma modalidade de ensino agrícola muito acessível a todos e capaz de, em pouco tempo, modificar para

melhor os nossos métodos de trabalho e exploração agrícola, infelizmente até agora, em sua maior parte caracterizados por um rotinismo e empirismo que só se justificam pela falta de uma conveniente preparação do nosso homem do campo para os trabalhos rurais.

É preciso que sejam utilizados e difundidos os recursos do ensino para que:

a — o nosso homem rural aprenda a trabalhar melhor e mais eficientemente, abandonando os pro-



Turma de alunos da Escola de Horticultura Wenceslão Belo, em companhia do Prof. Geraldo Goulart da Silveira, prontos para uma aula prática.

cessos empíricos de exploração agrícola que até vêm sendo empregados;

- b — sejam encaminhadas vocações para a agricultura, convenientemente alertadas sobre os problemas agrícolas e sobre como resolvê-los criteriosamente.

Os cursos práticos agrícolas, abordando os mais variados assuntos, devem, pela sua grande objetividade, imperiosa necessidade e oportunidade, ser intensificados e ministrados em todos os recantos do país.

A Escola de Horticultura Wencesláo Bello, mantida na Penha, Distrito Federal, pela Sociedade Nacional de Agricultura, além de suas atividades normais de preparo de profissionais em horticultura em todas as suas modalidades (hortelões, fruticultores e floricultores), através de cursos profissionais com a duração de dois anos e sob regimen de internato, vem dedicando também atenção ao problema do encaminhamento de vocações para a agricultura através de **Cursos Práticos Agrícolas** eminentemente objetivos, sob regimen de externato e de curta duração (em geral 10 a 15 aulas com a duração de duas a três horas cada uma).

Tais cursos têm despertado grande interesse entre pessoas das mais variadas profissões.

Eles visam dar uma sumária preparação profissional a respeito de um determinado problema ou técnica agrícola a todos os interessados, não havendo, para matrícula, nenhuma exigência quanto a idade e ao nível de conhecimentos.

Para que se tenha uma ideia do que vem conseguindo a Escola de Horticultura Wencesláo Bello no setor do ensino agrícola avulso, destinado a encaminhar vocações para a agricultura e orientar professoras de escolas rurais, basta citar os dados referentes aos cursos nela realizados no período de agosto de 1947 a dezembro de 1951, em colaboração com a Fundação Getúlio Vargas que financia tais cursos.

Em quatro anos e meio realizou a Escola de Horticultura Wencesláo Bello em colaboração com a Fundação Getúlio Vargas **cento e onze cursos práticos agrícolas** sobre os mais variados assuntos, que alcançaram uma matrícula total de **três mil quatrocentos e sessenta e quatro candidatos** das mais diversas profissões conforme se pode verificar adiante.

Os **cento e onze cursos** abrangeram **vinte e seis assuntos** diferentes, todos enquadrados nos recursos materiais da Escola para ministra-los.

As matrículas nos referidos cursos abrangeram pessoas de **setenta e cinco profissões diferentes**, o que representa um índice muito significativo do interesse que elles despertam.

O exemplo da Escola de Horticultura Wencesláo Bello é muito expressivo e mostra o que de útil e objetivo se pode conseguir através de tais cursos, e justificar a sua generalização em outras regiões do país.

Torna-se necessário, portanto, intensificá-los e difundí-los pois existe, fora da agricultura, interesse pelos problemas agrícolas.

Encaminhar vocações para a agricultura é obra de interesse nacional, pois a agricultura sempre foi e ainda é o alicerce da economia nacional.

E' a seguinte relação dos cursos práticos agrícolas ministrados na Escola de Horticultura Wencesláo Bello em colaboração com a Fundação Getúlio Vargas no período de agosto de 1947 a dezembro de 1951: **dez** cursos de Contabilidade agrícola; **oito** de Economia e administração rural; **oito** de Botânica agrícola; **oito** de Floricultura; **sete** de Hortas domésticas; **seis** de Enxertia; **seis** de Organização de herbários; **seis** de Zoologia agrícola; **seis** de Cálculos e medidas agrárias; **cinco** de Solos e adubação; **cinco** de Reflorestamento; **cinco** de Restauração de pomares; **cinco** de Melhoria do solo; **quatro** de Jardinocultura; **quatro** de Cultura de raízes e tubérculos horticolas; **três** de Viveiristas; **dois** de Organização de museus escolares; **dois** de Organização de museus zoológicos; **dois** de Multiplicação vegetal; **dois** de Apicultura; **dois** de Organização de pomares; **um** de Defesa sanitária vegetal; **um** de Cultura de citrus; **um** de Jardinagem; **um** de Estatística agrícola e **um** de Cultura de hortaliças foliáceas, perfazendo um total de **cento e onze cursos**.

A distribuição dos alunos matriculados de acôrdo com as respectivas profissões, nos cursos acima especificados foi a seguinte: **mil novecentos e doze** estudantes (níveis primário, secundário, profissional e superior); **trezentose vinte e seis** funcionários públicos; **duzentos e três** comerciários; **cento e dez militares noventa** de profissões não declaradas; **sessenta e sete** escriturários; **sessenta e seis** contado-

res; **cincoenta e sete** industriários; **cincoenta e duas** domésticas; **trinta e quatro** bancários; **tinta** auxiliares de escritórios; **vinte e oito** agricultores; **vinte e sete** dentistas; **virte e dois** motoristas; **dezesesseis** desenhistas; **quinze** mecânicos; **treze** datilógrafos; **treze** protéticos; **treze** farmacêuticos; **oito** torneiros; **oito** fotógrafos, **oito** encardena-dores; **sete** eletricitistas; **sete** lapidadores; **sete** operários; **seis** químicos; **cinco** capatazes rurais; **cinco** engenheiros; **cinco** administradores; **quatro** industriais; **quatro** economistas; **quatro** técnicos agrícolas; **quatro** aviadores; **quatro** arquitetos; **quatro** propagandistas; **quatro** advogados **três** agrônômandos; **três** agrônomos; **três** guarda-livros; **três** vendedores **três** estoquistas; **três** sapateiros; **dois** marítimos; **dois** floricultores; **dois** enfermeiros; **dois** radiotelegrafistas; **dois** conferentes; **dois** jardineiros; **dois** sericultores; **dois** mestres agrícolas; **dois** marceneiros; **dois** criadores; **dois** encarregados; **dois** redatores; **dois** agrimensores; **um** auxiliar de química; **um** alfaiate; **um** apontador; **um** corretor; **um** cobrador; **um** empreiteiro; **um** servente; **um** viveirista; **um** compositor; e **um** enxertador, perfazendo um total de **setenta e cinco** profissões diferentes

### CONCLUSÕES

- 1 — O ensino agrícola entre nós precisa e deve ser intensificado;
- 2 — Cursos Práticos sôbre os mais

variados assuntos relacionados com a agricultura, pelos magníficos resultados que têm apresentados, são muito recomendáveis;

3 — Tais cursos devem ser eminentemente práticos e objetivos e ao alcance de todos a fim de que encaminhem vocações para a agricultura.

- Obs) a) — o presente trabalho foi apresentado pelo autor á Mesa Redonda da Agricultura promovida pela Sociedade Rural Brasileira no período de 3 a 9 de março de 1952, relatada pelo Eng. Agrônomo Romolo Cavina e, com parecer favorável do relator, encaminhada ao plenário que a aprovou unânimemente, com um voto de louvor proposto pela congressista D. Carmem Varreale.
- b) — o trabalho acima é uma síntese do que vem sendo realizado na Escola de Horticultura Wenceslão Bello, graças ao valioso apoio e colaboração que a referida escola tem recebido, desde 1947, da Fundação Getúlio Vargas. Agora mesmo, no período de abril a junho do corrente, estão sendo realizados na referida escola mais oito cursos práticos agrícolas com duzentas e trinta e uma matrículas.

## A L A V O U R A

### NA REPÚBLICA ARGENTINA

É REPRESENTANTE CREDENCIADO DESTA REVISTA PARA TÔDA A REPÚBLICA ARGENTINA A FIRMA DE PUBLICIDADE, TURISMO E REPRESENTAÇÕES

### DE MACEDO

HIPOLITO IRIGOYEN, 819

BUENOS AIRES — REPÚBLICA ARGENTINA

# Considerações em torno do Projeto da Lei n. 1.572

O Sr. Otto Frensel, Diretor da Sociedade Nacional de Agricultura apresentou à Mesa Redonda da Agricultura promovida pela Sociedade Rural Brasileira no período de 3 de Março a 9 de Março de 1952, a seguinte proposição:

Proponho seja discutida, votada e aprovada a seguinte moção:

- 1 — As classes produtoras rurais, reunidas nesta Mesa Redonda, resolveram, unânimemente, reconhecer que é de premente necessidade e conveniência alertar as autoridades governamentais brasileiras contra os gravíssimos riscos e perigos para a economia rural do país, a conversão em Lei do Projeto de Lei que tomou o número 1.572, de 1952, oriundo de Mensagem do Executivo e que autoriza aquêle Poder a importar e a permitir a importação de gêneros isentos de direitos e taxas, nos anos de 1952 e 1953, para serem vendidos ao preço de custo.
- 2 — Resolvem elas, outrossim, confiar à Confederação Rural Brasileira a incumbência de preparar e entregar ao Congresso Nacional, um memorial no qual, com objetividade e veemência, sejam dadas a conhecer aos eminentes homens públicos que integram o Legislativo Federal, as sérias restrições que as classes rurais fazem àquele projeto de lei.

## JUSTIFICATIVA

Pelas manifestações trazidas ao nosso conhecimento, já podemos fazer ideia das apreensões que dominam as classes produtoras rurais, concernentes ao Projeto de Lei n.º 1.572, de 1952, que autoriza o Poder Executivo a importar e a permitir a importação com isenção de direitos e taxas, de vitualhas e artigos de consumo popular durante os anos de 1952 e 1953, para cessão ao povo, a preço do custo.

Pela amplitude dos termos em que está vasado o referido Projeto de Lei, bem se vê que não se trata de um problema que interesse circunscritamente a determinado artigo, ou a êste ou àquele produto. Mas sim, de um princípio de orientação de política econômica, princípio êsse que mal esconde no seu bojo, o risco de um golpe mortal a rondar os setores de produção agro-pecuária brasileira, precisamente aquêles setores que mais precisam de ajuda, de estímulo e de assistência, porque representam a melhor e a mais sólida contribuição para a prosperidade e o bem estar nacional.

A verdade seja dita. Se o Brasil não cuidar da sua própria comida, se esta grande nação não voltar as vistas, já e já, para as suas atividades agrícolas, ver-nos-emos, dentro em breve, comparáveis a êsses hotéis que só dão café e dormida. Os hóspedes, ora, os hóspedes, (que no caso seriam os próprios brasileiros) que vão fazer as suas refeições aonde quiserem, êles que vão comer fora... no estrangeiro ou à custa das importações.

Será obra das mais patrióticas — estamos certos — alertar os espíritos contra os riscos gravíssimos de uma política econômica que se apoiasse em solução tão simplista. Para fazê-lo, nada melhor do que re-

lembrar certos conceitos de economia política, dos quais ninguém ousará discordar e, bem assim, repetir, reiteradamente, algumas verdades, embora muito conhecidas, mas que nem sempre estão presentes à lembrança dos que têm sobre os ombros a responsabilidade imensa de orientar e dirigir a política econômica nacional.

A experiência nos tem ensinado através de tantas vicissitudes, que bem andarão os países que procurem resolver os seus problemas de abastecimento, em termos de auto-suficiência. A solução procurada gira, então, em torno de duas questões fundamentais: produção e transporte. Ocorre, então, que todos os esforços são feitos para que o país se emancipe cada vez mais, da ajuda externa, na parte que diz respeito às importações e aceitando e procurando aquela ajuda, entretanto, sob outras formas mais qualificadas, tais como de assistência técnica, auxílio financeiro e outras que contribuem de fato para o desenvolvimento da produção interna.

Ora, o Brasil, êsse país de imensas possibilidades econômicas, cuja terra se presta a tôda a sorte de culturas, cuja vastidão territorial e produtividade são desafios permanentes à capacidade dos seus habitantes, não iria buscar à custa do preço de divisas e do esforço dos trabalhadores de outras terras, aquilo que a Nação poderia, com um pouco mais de coordenação de esforços, produzir fronteiras a dentro. A não ser que falhassem — acontecimento inverossímil — tôdas as tentativas e esforços, hipótese que não é lícito nem sequer aventar para um país cuja área cultivada mal ultrapassa, superficialmente, a percentagem de dois por cento.

Não pretendemos, nesta breve justificativa, enunciar, um por um, os argumentos a favor da tese ora sustentada, tantos são êles e tão facilmente perceptíveis. Estamos certos de que está na compreensão de todos nós, dispensando maiores alongamentos, que não será jamais com a solução simplista de importar gêneros do estrangeiro, que se resolverá problemas de abastecimento. Ao contrário. Será agravá-lo ainda mais, sabido como é que os gêneros mais caros e onerosos à economia de um povo, são aquêles que, podendo ser por êle produzidos, procedem de outras terras, ainda que, se apresente, em raros casos aliás, sob a falsa ilusão aritmética de serem mais baratos que os produtos nacionais.

Enfim. Estamos convencidos de que a responsabilidade que recai sobre os nossos ombros, como órgãos de classes representativas dos interesses rurais desta grande Nação, impõe-nos o dever de colaborar construtivamente com o Governo, no sentido, de um lado, de sugerir soluções práticas e eficientes para os problemas dos nossos campos sobre cuja riqueza se assenta a prosperidade e o bem estar nacional, e de outro lado, sem nenhuma outra intenção que não seja a de colaborar legal e patrioticamente, pleitear a condenação e o afastamento das soluções-suicidas.

Assim justificamos, muito sucintamente, a presente proposição.

(Obs.) A referida proposição foi aprovada, unanimemente, em sessão plenária da Mesa Redonda da Agricultura.

# BANCO DO BRASIL S. A.



*Por ocasião da realização, a 29 de abril último, da Assembléia Geral Ordinária dos Acionistas do Banco do Brasil S. A., foram aprovadas as contas da atual Diretoria, referentes ao exercício de 1951, tendo o Sr. Ricardo Jalet, Presidente do nosso maior instituto de crédito, sob o aplauso unânime da Assembléia, defendido intransigentemente o princípio da inviolabilidade do sigilo comercial. No clichê, aspecto da mesa que presidiu aos trabalhos, vendo-se da esquerda para a direita, os Srs. Haroldo Renato Ascoli, representante do Fescuro Nacional; Ricardo Jalet, Presidente do Banco do Brasil; Júlio de Mattos, primeiro secretário; e José Willemsens Junior, segundo secretário*

Do Relatório então apresentado, extraímos o tópico relativo à **CARTEIRA DE CRÉDITO AGRÍCOLA E INDUSTRIAL**, que inserimos a seguir, reservando-nos oportunamente para um estudo do importante capítulo de perto ligado à agricultura e pecuária nacionais:

## a) Regulamento

O ano de 1951 foi para a Carteira de Crédito Agrícola e Industrial período de fecundas atividades.

Não se limitou a Carteira a continuar a obra de assistência à produção nacional, nas bases em que vinha atuando até então. Como base na experiência adquirida e na observação dos fatores limitativos do desenvolvimento de nossa produção, através do exercício do crédito especializado, reformou a Carteira seu regulamento, no sentido de melhorar o auxílio que já prestava às atividades produtoras e de estender seu amparo financeiro a setores que se mantinham fora de sua órbita de ação.

Com efeito, não se poderia admitir continuasse a Carteira, na aplicação do crédito especializado, prêsa a normas e técnicas de há muito desvinculadas das reais necessidades e peculiaridades da economia

nacional. A obra de recuperação encetada com o advento do atual Governo Federal exigia da Carteira participação mais objetiva na tarefa, que lhe fôra confiada, de auxiliar o incremento da produção.

Para isso, urgia fossem ampliadas as atribuições da Carteira, o que somente seria viável através da reforma do regulamento a que continuava jungida por força do próprio diploma legal que lhe dera vida.

O documento elaborado, visando a imprimir caráter de indiscutível objetividade, em harmonia com os reclamos vitais do meio rural brasileiro, teve a aprovação da Diretoria do Banco e, posteriormente, do Sr. Ministro da Fazenda, entrando em vigor em 6 de fevereiro de 1952.

É de se prever venham a ser dos mais satisfatórios os resultados dessa iniciativa, à vista não só dos cuidados que precederam sua adoção, como, ainda, das críticas favoráveis com que foi acolhida pelas classes produtoras.

A simples leitura do capítulo I do novo Regulamento dará visão integral do conjunto da obra que a Carteira executará no fomento da riqueza nacional, por meio de ampla e bem conduzida assistência finan-

ceira à produção rural e industrial, sem esquecer as atividades conexas, sejam elas de transporte ou de armazenagem, expurgo, beneficiamento, classificação e padronização de produtos rurais, ou, ainda, de exploração de usinas, frigoríficos e aquisição de adubos, inseticidas e implementos destinados à melhoria da produtividade agrícola e ao fortalecimento de nossa economia rural.

Voltar-se-á a Carteira, com renovado impulso, para os pequenos e médios produtores, na certeza de que, do incremento e multiplicação de searas menores, será possibilitado, em escala sempre crescente, o aproveitamento racional da terra e o consequente aumento da produção.

Nesse sentido, a Carteira tem sugerido ao Governo Federal diversas medidas tendentes a tornar o crédito especializado cada vez mais acessível aos ruralistas de menores possibilidades financeiras.

No setor agrícola, instituíram-se ainda empréstimos para conservação, transporte e armazenagem de produtos rurais em face de escoamento, destinados a possibilitar aos produtores rurais a colocação ordenada de suas safras no mercado, evitando tanto quanto possível o aviltamento de preços observados nas ocasiões das colheitas.

Os empréstimos industriais tiveram seu alcance de muito ampliado, abrangendo tôdas as modalidades que possam merecer, dentro do sistema do crédito especializado, justo auxílio financeiro.

Da várias inovações adotadas, cumpre ressaltarem-se as que se classificam como empréstimos fundiários, empréstimos às cooperativas e empréstimos para investimentos. Os primeiros terão por objetivo a formação da pequena propriedade territorial, compreendendo a criação de colônias agrícolas. Os segundos representam o reconhecimento pelo Banco da importância que o Governo Federal atribui ao desenvolvimento das atividades cooperativistas no Brasil, razão pela qual foram previstas, no novo Regulamento, as mais variadas formas de financiamento às Cooperativas. Finalmente, os empréstimos para investimentos completam a ação da Carteira, com o auxílio financeiro exigido nas inversões a longo prazo.

#### b) Reestruturação administrativa

Com a finalidade de aperfeiçoar a estrutura administrativa, na qual repousa, em última análise, a boa execução de qualquer programa de trabalho, muito se adiantou a Carteira na racionalização dos serviços, com a criação de novos setores.

#### c) Recursos e aplicações

Ao término de 1951, elevavam-se a 9.439 milhões de cruzeiros as aplicações gerais da Carteira contando esta apenas com recursos específicos no montante de 2.225 milhões.

## “SELEÇÕES AGRÍCOLAS”

(REVISTA MENSAL)

DIREÇÃO { Eurico Santos  
Sylvio Leal  
M. Nunes

PROPRIEDADE:

**EDITORA SELEÇÕES AGRÍCOLAS LTDA.**

AV. NILO PEÇANHA, 26-12.º — Tels. 32-6163 e 32-9180

ASSINATURA ANUAL:

|                     |             |
|---------------------|-------------|
| Brasil .....        | Cr\$ 50,00  |
| Exterior .....      | Cr\$ 100,00 |
| Número avulso ..... | Cr\$ 5,00   |
| Atrasado .....      | Cr\$ 8,00   |

ACEITAM-SE AGENTES NO INTERIOR

# Ministerio de Assuntos Agrarios da Provincia de Buenos Aires

## Olhando para o futuro

O princípio constitucional argentino de que a terra deve preencher uma função e que incumbe ao Estado fiscalizar sua distribuição e uso, encerra um benefício evidente para a comunidade e especialmente para os agricultores.

A tal princípio tende o postulado justicialista do Presidente Peron, quando afirma que a dita aspiração deve converter-se em realidade, pois contribui para a dignificação da família agrária, assegurando, ainda, sob o ponto de vista econômico, um melhor e mais acertado uso do solo.

O Governo de Buenos Aires — dentro desses mesmos princípios em um período relativamente breve realizou a planificação, subdivisão e concorrência para adjudicação de vinte e quatro campos expropriados, incorporando á obra colonizadora em marcha, de cerca de cento e quarenta mil hectares de excelentes terras, onde se estabelecerá mais de um milhar de famílias rurais.

Durante o desenvolvimento desta obra, que julgamos digna da maior consideração, não foi descuidada outra, que também compete ao Estado, ou seja, a organização de campos de demonstração das melhores práticas, visando o rendimento e a conservação da fertilidade dos solos cultivados.

A numerosos pontos da provincia buenidrense tem chegado a ação educativa agrária, mediante o desenvolvimento e prática.

A tal princípio tendo o postulado justidestinatados especialmente á capacitação da mulher do campo, como colaboradora inestimável, sobretudo quando, como hoje, é evidente a tendência para a diversificação da produção.

As duzentas e trinta e oito cooperativas constituídas sob os auspícios do governo

da Provincia de Buenos Aires oferecem com muita clareza a orientação e importância da obra realizada. Tão importante como a obtenção dos produtos é, sem dúvida, a da sua acertada colocação, para que dos mesmos resulte maior e mais seguro o benefício alcançado.

Disposto o governo da Provincia a levar um apoio efetivo a esses núcleos de produtores autênticos, obteve do Governo da Nação — eliminando de forma absoluta toda sorte de intermediários — mais de dois mil aparelhos e implementos agrícolas, onze mil barracas, materiais de construção, forragens e sub-produtos, etc., ajuda que muito contribuiu para aliviar a difícil situação criada para os homens do campo pela seca prolongada e inclemente.

E, graças ao decidido apoio do Presidente Peron, tiveram êxito as gestões do governo provincial visando a prioridade nos transportes, a concessão de empréstimos para a construção ou aquisição de depósitos.

No que concerne à experimentação, e fitotécnica, a Estação Experimental "Coronel Benito Machado", de Barros, F. C. N. G. R., obteve a inscrição de novas variedades de trigo e aveia branca, cujo rendimento superou as que atualmente são cultivadas nas regiões Sul e Este da Provincia.

Dada a necessidade de assegurar, por outro lado, a provisão de sementes hortícolas puras e de comprovada germinação, e, assim, evitar-se a venda aos produtores de sementes sem aqueles requisitos, foi baixado um decreto prevendo a criação de um Registo Oficial de Sementes Hortícolas.

Também foi atendido ao sério problema da alfafa, tendo em conta a importância de que se revesse essa cultura, pois tanto

o presente quanto o futuro do inextinguível patrimônio zootécnico argentino se acha intimamente ligado á sorte desta leguminosa.

Já se disse, e com razão que, atualmente, não existem variedades de alfafa, mas também que se tornam necessárias raças locais sôbre as quais se possam fazer observações culturais. As raças locais são criadas pela influência das condições ecológicas que se manifestam em uma determinada região, e sua formação supre a falta de variedades definidas.

Em virtude do que ficou exposto, e para criar, além disso, um incentivo que facilite a produção de sementes de "secano", de vários distritos da região Oeste da Provincia, foi providenciada a criação e organização do Primeiro Registro de Vendedores de Semente Fiscalizadas de Alfafa, evitando-se com isto lamentáveis engano quando

da difusão de sementes extranhas, muitas delas invasoras ou prejudiciais.

Preocupou-se, ainda, o Poder Executivo de regulamentar na Provincia, o excessivo fracionamento das terras ao perigo da erosão, nas suas diversas formas.

O plano de fomento pecuário compreende a criação imediata de estações zootécnicas, havendo-se cuidado da importação de reprodutores de raças leiteiras, afim de prestar ajuda a numerosos grupos de produtores das regiões Sul e Este da Provincia.

Ao cabo desta sucinta enumeração dos principais assuntos tratados, em matéria agrária, pelo govêrno da Provincia de Buenos Aires, resta-nos formular desse os nossos melhores votos para que o maior êxito coroe a essa obra, que reflete com fidelidade as normas e diretivas do govêrno da grande Nação amiga.

**SENHOR CRIADOR DO BRASIL  
NA EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE PALERMO**

**COMPRE**

**HEREFORD**

**"A RAÇA SUPREMA DE CARNE"**



**RUSTICIDADE  
MATURIDADE TEMPORÃ  
SANIDADE  
ALTA PERCENTAGEM DE  
CRIAS**

Os senhores criadores do Brasil podem assinar a revista mensal "Hereford", dirigindo-se diretamente a n/ representante no país, sr. Boaventura Ferreira — Rua Padre Anchieta, 69 — Caixa Postal 490 — Pelotas (Rio Grande do Sul)

**"ASSOCIAÇÃO ARGENTINA CRIADORES DE HEREFORD"**  
Sarmiento 643 — T.E. 31-1680 — BUENOS AIRES

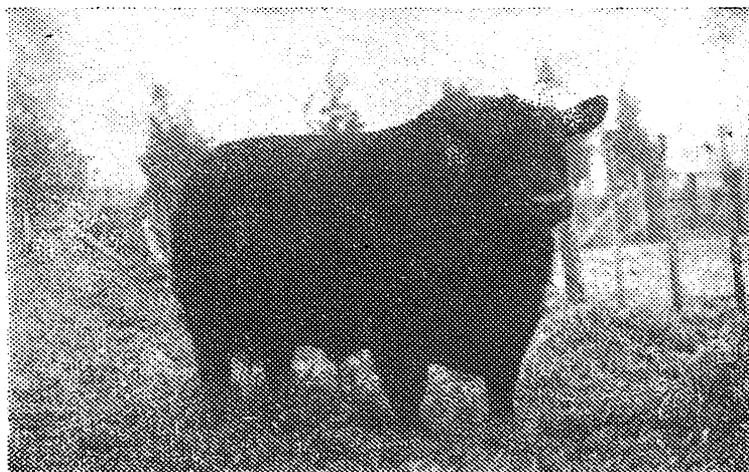
# A raça Aberdeen Angus na República Argentina

Especial para "A Lavoura" Rodolfo I. Zuberbüler, Presidente da Corporação Argentina de Aberdeen Angus.

A **Aberdeen Angus** foi a última das três grandes raças de carne que chegou à República Argentina. Com efeito, a Shorthorn chegou ao país entre os anos de 1823 a 1826; a Hereford, em 1841, e a Aberdeen Angus, em 1879. Naquela época, não existia estradas nem tratores e, então, os espécimes vacuns com chifres desempenhavam funções que nenhuma relação tinham com a boa qualidade das respectivas carnes, pois que eram indispensáveis para os carros e para os arados. Daí, a

pela qualidade das suas carnes, e, nesse terreno, em somente 25 anos, os "negros" progrediram tanto na predileção dos criadores argentinos, que já desalojaram do segundo posto numérico a raça Hereford, e inscrevem no respectivo Herd Book quase tantos reprodutores como os Aorthorns ameaçando seriamente a posição privilegiada que vêm desfrutando há cerca de um século e meio.

Os triunfos que os Aberdeen-Angus desde há muito nos certames de rezes dos fa-



O melhor touro da XXV Exposição em Palermo na Primavera de 1951

dificuldade que encontrou a raça "mocha" para desenvolver-se na Argentina, apesar da alta qualidade da sua carne e a extraordinária rusticidade que a distingue.

Mas, á medida que foi sendo mecanizado o campo, e se desenvolveu a rede de estradas, quer dizer, quando essas duas expressões do progresso tornaram desnecessário atrelar ao arado ou ao carro os bois de chifre, as raças Shorthorn, Hereford e Aberdeen-Angus disputaram supremacias

mosos mercados internacionais do Smithfield e Chicago, tem sido reproduzidos em 90% dessa classe de certames realizados na Argentina. E, nas Exposições de Palermo, a partir de 1942, os Aberdeen Angus alcançaram os melhores preços entre todas as raças. Os três mais altos, pagos por touros de raças de carne na Argentina, 215.000, 205.000 e 162.000 pesos, referem-se a representantes da raça Aberdeen Angus, e também a ela pertence o record



Grande campeão macho — XXV Exposição da Primavera — 1951

de preços obtidos pelas fêmeas de pedigree, isto é, 25.000, 24.000 e 24.000 pesos.

Passam de quatrocentas as "cabanas" que anualmente inscrevem seus produtos no Herd Book da raça, e o número dos criadores associados à Corporação Argentina de Aberdeen Angus, supera aos

criadores conjuntamente das outras duas raças de carne filiados às suas respectivas entidades.

Com tais antecedentes, fácil é vaticinar o futuro que os Aberdeen Angus tem assegurado no país.

## Sociedade Científica Argentina

Aproveitando a oportunidade da publicação deste número da nossa Revista dedicada à Exposição de Palermo, deliberou a sua Redação inserir uma resenha histórica da Sociedade Científica Argentina, que veio acompanhada de gentil convite á Sociedade Nacional de Agricultura, para participar dos festejos comemorativos do seu 80.º aniversário de fundação.

Com a Sociedade Científica Argentina, tem mantido a Sociedade Nacional de Agricultura, desde a sua fundação, o mais cordial e proveitoso intercâmbio.

Agradecendo, por nosso intermédio, o convite referido, a Sociedade Nacional de Agricultura faz votos pela crescente prosperidade da Sociedade Científica Argentina, e, com a publicação em aprêço, procura esta Revista participar do júbilo de que muito justamente se acham possuídos os responsáveis pelos destinos da velha e respeitável agremiação do país vizinho e amigo.

# Confederação Rural Brasileira

## O PROBLEMA DO ALGODÃO

Na reunião da Diretoria da Confederação Rural Brasileira, ontem realizada, entre outros assuntos tratados, figurou a questão do algodão, tendo o sr. Acácio Gomes, um dos representantes da Federação das Associações Rurais do Estado de São Paulo naquele órgão, feito à Casa a seguinte comunicação:

“Observador como agricultor de algodão durante contínuos e interruptos anos, tive ocasião de presenciar todas as crises passadas desde o início da reestruturação dessa cultura que em 1935, tinha produção de 98.206.868 quilos e alcançou no ano de 1944, 461.425.000 quilos.

A dois fatores principais deve São Paulo o espantoso desenvolvimento observado até o ano de 1944 — a crise cafeeira em primeiro lugar e em segundo a admirável organização técnica algodoeira existente até poucos anos que incontestavelmente, sôbre a orientação do agrônomo Raymundo Cruz Martins, e com o auxílio de diversos colaboradores capazes e esforçados, conseguiram resultado extraordinário quanto à produção e qualidade.

Tivemos depois por diversos motivos a queda e desinteresses pela produção.

|                            |             |
|----------------------------|-------------|
| Em 1945 tivemos .. . . . . | 235.005.000 |
| ” 1946 ” .. . . . .        | 174.063.000 |
| ” 1948 ” .. . . . .        | 149.066.000 |
| ” 1949 ” .. . . . .        | 221.661.000 |
| ” 1950 ” .. . . . .        | 165.149.000 |
| ” 1951 ” .. . . . .        | 230.000.000 |

E no presente ano é calculado em 300.000.000.

Vimos portando que esse aumento traduz claramente que entramos em um novo período de reestruturação, devido a campanha feita pela Comissão Especial do Algodão procurando incentivar a produção algodoeira, em bases econômicas, e de acôrdo com os modernos processos agronômicos, cooperando para esse fim a Secretaria da Agricultura e Sociedades de Classes em benefício da agricultura e da economia de São Paulo e do Brasil.

No entanto é lamentável, que diante do trabalho e do esforço dispendido e tendo os lavradores em geral, em suas plantações usando os conselhos e os métodos que foram indicados para o aumento de produção não tenham sido compensados diante de tamanho esforço.

Alertadas as autoridades em tempo suficiente de tomar medidas para que fosse evitado o que estamos presenciando, assistimos a esta confusão e delonga, que poderá ter como resultado e desistímulo para a lavoura, quando todo o esforço dispendido tem sido no sentido de tornar a cultura do algodão, estável, e não de aventura.

Observa-se que notícias que provém de organismos oficiais, esclarecem que atravessam países

da Europa idêntica crise que a nossa lavoura algodoeira e da necessidade de produzir de acôrdo com a paridade internacional para garantir a exportação do produto. Aconselhar é fácil, porém, para se conseguir esse fim é necessário de que haja auxílio aos lavradores de condições mediante às quais possam diminuir o custo da produção, problema esse que vimos procurando solucionar, mas que infelizmente não temos encontrado o apôio que deveríamos e esperavamos receber e que aqui no momento acho não oportuno discorrer.

Um planejamento adequado de produção, portanto, o que de início se impõe. “Produzir”, temo-lo repetido inúmeras vezes, é a chave primordial da solução dos nossos problemas econômicos e sociais. Produzir, porém, racionalizando, e dando ao produtor agrícola e assistência financeira, técnica e educacional, indispensável ao trato de suas culturas e ao desenvolvimento das suas atividades agrícolas, a fim de que estimulando, se dedique com carinho, a sua árdua e patriótica tarefa e com os cuidados e trabalhos dispendidos, obtenha os resultados a que faz jús.

Produção intensiva, em vez de extensiva a fim de se reduzir o custo de produção, pois só dessa forma, “faremos com que o Brasil possa competir no mercado internacional. Para isso é necessário intensificar o plantio do algodão por unidade área cultivada...

Sem essas providências nada se obterá pois, somente com a garantia de compradores teremos o estímulo dos cotonicultores para prosseguirem na missão em que se empenham qual seja a de produzir mais e barato, a fim de que o algodão possa enfrentar a concorrência estrangeira. Fôra disso, tudo não passa de mera fantasia”.

Como aconselhar a uma cultura, que de antemão já se tem a certeza que vai exigir emprego de elementos que vão torná-la dispendiosa, e tendo pelo que observamos, de ano a ano o custo mais elevado, si medidas para o seu barateamento não forem observadas? E’ necessário que em prática seja posta a recomendação aprovada na Reunião Algodoeira do Nordeste.

“Que sejam estabelecidas pelo Governo Federal as bases de financiamento e fixado o preço mínimo para as safras de algodão do Norte e do Sul do país, até 2 meses antes das épocas das respectivas plantações”.

Desta maneira pode ser feito pelos agricultores um planejamento dentro do qual verificará a possibilidade de tentar conseguir uma cultura com probabilidades de lucros, e não sofrer o desaparecimento que presenciámos, ter produção e não ter preço, que ao menos cubra o custo de produção e um pequeno lucro, pois sem estímulo de lucro não pode haver produção.

E’ necessário, pois, que para o futuro não se aconselhe em geral aos lavradores que “se plante algodão” e sim que façam em condições econômicas se fôr possível, do contrário que aproveitem a sua atividade, o seu trabalho e principalmente o risco a que estão sujeitos, em outra cultura, pois na época que atravessamos todas são necessárias.”

# CABANA "LOS DIAMANTES NEGROS"

ESTÂNCIAS "ÑU E PORÁ"

DE

ALEJANDRO Y CARLOS ROEMICH

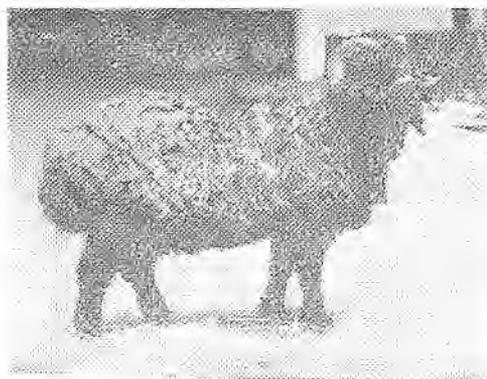


FOTO N.º 1

N.º 183 — Primeiro prêmio, carneiro puro sangue de origem, importado da Alemanha. Foi vendido pela soma de \$18.000 pesos argentinos ao Ministério de Agricultura e Pecuária da Nação Argentina.

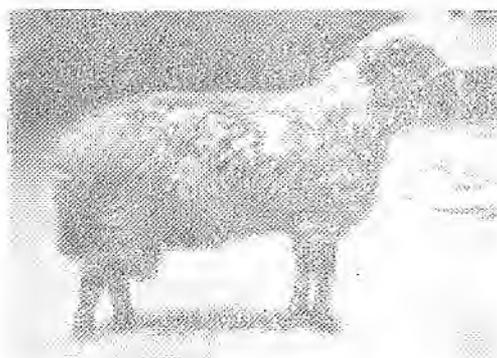


FOTO N.º 2

N.º 211 — Segundo prêmio, carneiro puro de origem e importado da Alemanha. Foi vendido por \$17.000 pesos argentinos ao Ministério da Agricultura e Pecuária da Nação Argentina.



VENDA PERMANENTE DE REPRODUTORES

**KARAKUL**

PUROS DE ORIGEM DE PAIS E MÃES

IMPORTADOS DA ALEMANHA

Informações: Valentim Vergara, 2954 — T.E. 740.5059

BUENOS AIRES — REPÚBLICA ARGENTINA

FLORIDA, F.C.N.G.M.

# Consultas

## CORDÕES DE VEGETAÇÃO E A EROSAO

Respondendo ao Sr. N. S. O., nosso consócio do Estado de Minas Gerais temos a informar que são muito usadas para a formação de cordões de vegetação para o controle da erosão, as seguintes plantas:

- a — cana de açúcar
- b — capim elefante
- c — capim chorão
- d — capim cidreira
- e — capim gordura
- f — Kudzú
- g — crotalaria
- h — calopogonium

## REPICAGEM DE CHICÓREA

Esclarecendo ao Sr. E. L., nosso consócio do Distrito Federal, informo que é, vantajosa a repicagem da chicórea. As mudas que são repicadas apresentam sistema radicular mais vigoroso e se desenvolvem mais.

## ADUBANDO ABACATEIRO

Respondendo ao Sr. M. V., nosso consócio do Estado de Minas Gerais, aconselho a

seguinte adubação química para os abacateiros existentes no seu pequeno pomar:

- superfosfato 450 gr.
- cloreto de potássio 200 gr.
- salitre 150 gr.

O adubo deve ser aplicado em um círculo escavado em torno da planta na projeção da copa sobre o terreno.

## PODA DA JABOTICABEIRA

Esclarecendo ao Sr. J. M. L., nosso consócio do Estado do Rio temos a informar que não é conveniente fazer a poda na jaboticabeira. A jaboticabeira demora mesmo muitos anos a produzir. A sombra não prejudica essa fruteira que se desenvolve muito bem na mata, protegida por outras árvores de maior porte.

## RABANETE E ALFACE

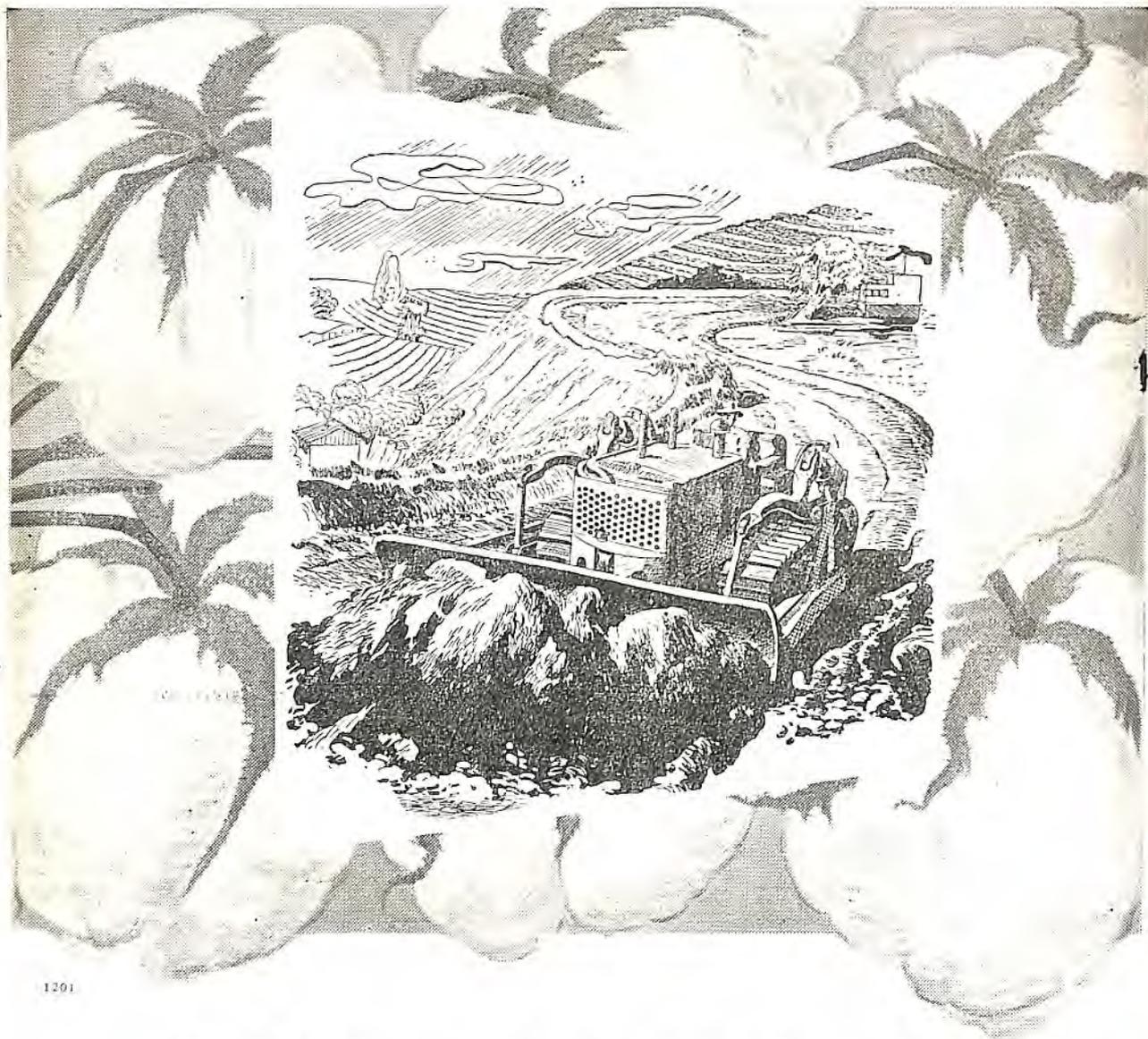
Esclarecendo ao Sr. H. N. P., nosso consócio do Distrito Federal temos a informar que é possível a consorciação do rabanete e da alface no mesmo canteiro. O rabanete tendo um ciclo vegetativo muito curto (30 dias em média) será colhido muito antes da alface e em nada prejudicará essa última hortaliça. Uma boa variedade para ser plantada é o rabanete precoce.

## Comissão Revisora de Tarifas

Havendo pedido dispensa do cargo de representante da Sociedade Nacional de Agricultura na Comissão Revisora de Tarifas do Ministério da Fazenda o Dr. Alberto Ravache, que aí vinha, com grande brilho e dedicação, servindo aos interesses da Agricultura no importante órgão, foi designado para substituí-lo o Dr. Oswaldo Miguel Frederico Ballarin, designação essa aceita e ratificada pelo Governo.

Tanto o Sr. Alberto Ravanche como o seu substituto são técnicos de há muito identificados com os problemas do GAT, isto é, dos Acôrdos Tarifários

de Genebra, continuados em Annecy e Torquay, conclaves a que os dois ilustres consócios compareceram na qualidade de defensores dos nossos interesses agrícolas. O Dr. Ravache, tendo acompanhado os trabalhos iniciais no Itamaraty, esteve presente à Conferência de Annecy; o Dr. Ballarin, na de Torquay, na Inglaterra. Pretende a Comissão ora em funcionamento no Ministério da Fazenda examinar o trabalho dessas Conferências, e, nesse árduo trabalho de revisão, é que tem sido aqueles dois dedicados consócios chamados a dar, ainda uma vez, a sua preciosa e esclarecida cooperação.



1291

**Não deixe  
a terra morrer  
de sede**

● A International Harvester dispõe da experiência de um século no mercado mundial e 25 anos de atividades no Brasil.

A boa distribuição das águas é um fator importante nos métodos de **conservação do solo** da sua fazenda. As represas — conjugadas com sistemas de irrigação — constituem uma medida de segurança contra a seca, permitindo **colheitas permanentes** que são essenciais à **estabilidade material e econômica**.

Para a boa distribuição das águas de sua fazenda, o senhor pode contar com a ampla variedade dos modernos tratores e máquinas agrícolas, que o auxiliarão vigorosamente nos desmontes, aterros, aberturas de valas, ereção de barragens, enquanto as unidades de força e as bombas lhe garantirão um eficiente serviço de bombeamento e energia.

*Consulte o Concessionário I. H. mais próximo*

**INTERNATIONAL HARVESTER**   
**MÁQUINAS, S.A.** FÔRÇA INDUSTRIAL INTERNATIONAL - CAMINHÕES  
INTERNACIONAL - TRATORES e MÁQUINAS  
AGRÍCOLAS McCORMICK INTERNATIONAL

## SABE O QUE REPRESENTA O SEU ANIMAL?

Desde a mais remota época vem o homem se dedicando aos animais, domesticando-os e selecionando-os afim de adaptá-los a uma determinada função ou finalidade.

Assim, entre as diversas espécies de animais, domesticados e selecionados há anos pelo homem, poderíamos lembrar a BOVINA, cuja finalidade é produzir a carne e o leite; a SUINA, na produção de banha e também de carne; a OVINA, na produção de lã; os EQUÍDEOS, utilizados para tração, sela e esporte; os CANINOS, na caça, animais de guarda, e, principalmente como animal de estimação. Todos estes produtos, a carne, a banha, lã, etc., representam para o criador o valôr dos seus animais e também para o Brasil, país cuja maior riqueza é representada, em grande parte pela pecuária.

Proteja seus rebanhos contra as doenças infecto-contagiosas, vacinando-os com produtos eficientes, a fim de defender a sua própria riqueza e aquela de nosso país, usando os produtos do Instituto Pinheiros:

Sôro Anti-Tetânico Veterinário

Sulfaguanidina "Pinheiros"

Ternerina "Pinheiros"

Vacina Anti-Rábica Veterinária

Vacina Contra Brucelose

Vacina Contra Manqueira

Vacina Cristal Violeta Contra a Peste Suína

*Cartas, informações e pedidos para o*

**INSTITUTO PINHEIROS, PRODUTOS TERAPÊUTICOS S. A.**

Rua Teodoro Sampaio, 1860 - Caixa Postal, 951 - End. Teleg. "BUCOVA" S. P. A.

São Paulo

# XVI EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE PECUÁRIA

DA

## SOCIEDADE RURAL ARGENTINA

No próximo dia 28 de Junho será inaugurada, em Buenos Aires, a XVI Exposição Internacional de Pecuária organizada pela Sociedade Rural Argentina.

À referida Exposição concorrerão reprodutores de pedigree das espécies e raças seguintes:

### BOVINOS:

Shorthorn, Polled Shorthorn, Hereford, Polled Hereford, Aberdeen Angus, Holando Argentino, Jersey Dexter, Flamenga, Red Polled e Guernsey.

### EQUINOS:

Criolla, Pampa, Arabe, Sangue Puro de Carreira, Anglo Argentino, Hunter, Polô Pony, Anglo Normando Hackney, Hackney Pony, Shetland, Percherón Postier, Percherón, Boulonnais Portier e Clydesdale.

### ASININOS:

Ausetana.

### OVINOS:

Merino Argentino, Merino Australiano, Lincoln, Hampshire, Down, Oxford Down, Dorset Horn, Reyland, Karakul, Corriedale, Horney Marsh e Southdown.

### PORCINOS:

Berkshire, Duroc Jersey, Large White, Poland China e Tamworth.

---

Nas raças Hereford e Polled Hereford, concorrerão reprodutores imunizados contra a tristeza.

---

Admissão de reprodutores: — de 16 a 23 de Junho

Jurados: — Iniciarão suas tarefas a 25 de Junho

Vendas: — Começarão a 30 de Junho.